

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

ELLEN LARISSA DE CARVALHO AQUINO

**DA PARTICIPAÇÃO AO ATIVISMO: AS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E
COMUNICAÇÃO ALIADAS AO FEMINISMO.**

Araranguá, Dezembro de 2015

ELLEN LARISSA DE CARVALHO AQUINO

DA PARTICIPAÇÃO AO ATIVISMOS: AS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO
ALIADAS AO FEMINISMO

Trabalho de Curso submetido à Universidade Federal de Santa Catarina como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Grau de Bacharel em Tecnologias Da Informação e Comunicação. Sob a orientação do Professor Giovanni M. Lunardi.

Araranguá, 2015

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Aquino, Ellen Larissa de Carvalho Aquino
DA PARTICIPAÇÃO AO ATIVISMO: AS TECNOLOGIAS DA
INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO ALIADAS AO FEMINISMO. / Ellen
Larissa de Carvalho Aquino Aquino ; orientador, Giovanni M.
Lunardi Lunardi - Araranguá, SC, 2015.
112 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Campus Araranguá.
Graduação em Tecnologias da Informação e Comunicação.

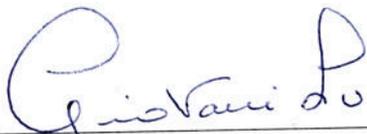
Inclui referências

1. Tecnologias da Informação e Comunicação. 2. Ativismo.
3. Gênero. 4. Feminismo . 5. Tecnociência . I. Lunardi,
Giovani M. Lunardi. II. Universidade Federal de Santa
Catarina. Graduação em Tecnologias da Informação e
Comunicação. III. Título.

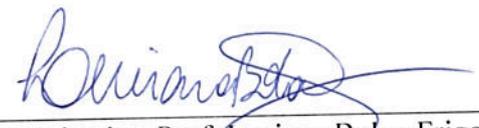
Ellen Larissa de Carvalho Aquino

Título: Da Participação ao Ativismo: As Tecnologias da Informação e Comunicação aliadas ao Feminismo

Trabalho de Curso submetido à Universidade Federal de Santa Catarina como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Grau de Bacharel em Tecnologias da Informação e Comunicação.


Orientador: Prof. Giovanni M. Lunardi, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina.

Giovanni Lunardi, Dr.
Professor Adjunto
SIAPE: 145960-0


Examinador: Prof. Luciana Bolan Frigo, Dra.
Universidade Federal de Santa Catarina.

Luciana Bolan Frigo, Dr^a
Prof. Adjunto/SIAPE: 1805632
UFSC/Campus Araranguá


Examinador: Prof. Eliane Pozzebon, Dra.
Universidade Federal de Santa Catarina.

Prof. Dr. Eliane Pozzebon
Professor Adjunto
SIAPE: 1680881
UFSC Campus Araranguá

Araranguá, Dezembro de 2015

*“Dedico este trabalho a todos que me
incentivaram, em especial a minha família”.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela sua graça e amor que são fundamentais pra mim.

A minha mãe Edilene, por nunca ter medido esforços em proporcionar o melhor, por ser minha eterna professora, pela dedicação e amor que nunca faltaram.

Ao meu pai José Augusto, por todo incentivo ao longo da minha vida, e por todo conhecimento que possuí, porque me fazem nunca querer encontrar limite na ciência.

Ao meu padrasto Nereu, que me ensinou a importância de voar. A minha madrasta Carla, por todo incentivo.

Aos meus irmãos que são a alegria da minha vida. Ao Alysson, a Jennifer, ao Raul, ao Ruan e ao Rodney: Obrigada por cada puxão de orelha, cada incentivo, cada partilha, cada cuidado, cada ajuda, e todo aprendizado que tive e tenho com vocês.

A minha cunhada Jéssica, pela amizade, carinho e por toda fuleragem.

Aos meus familiares, minha avó, meus tios(as), primos (as). Por serem parte importante da minha vida. Em especial a minha tia Patrícia e meu tio Joel, por terem me acolhido nesse semestre.

Um agradecimento especial a Daniele, por acreditar em mim, e pelas inúmeras correções a este trabalho.

Aos meus amigos,

A aqueles que a vida fez questão de colocar os quilômetros como distância nesse período de faculdade. Mas, nunca estiveram ausentes na minha vida: Natália e Bona (sem esquecer da Bela), Maria Beatriz, Stella e Marcella, Patrícia e Luiz Felipe (seus pais Marcos e Beth), Jony, PP e Tiago...e tantos outros que de algum modo foram presentes.

A aqueles que a vida me permitiu conhecer no período da graduação e que vou querer ter por perto pelo resto da vida: Karin (Meu obrigado especial por ser minha Coach), Tamara, Gustavo, Sarah, Mariana, Maria, Carol, Gabi, Joice, Luiz, Osvaldo, Willian...Grupo AA.

A aqueles que dividiram não só a amizade, mas a rotina de uma lar: Paula, Dienifer, Anne e Josiane.

Aos meus presentes de Intercâmbio: As Boes (Em especial a Isa por ter me acolhido várias noites ao longo desse semestre), e os amigos de Alcalá.

A Mariana, por todas as caronas, e conversas.

A esta universidade, direção, administração, e em especial o corpo docente, que oportunizaram e contribuíram na minha jornada acadêmica.

A meu orientador Giovani M. Lunardi, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivos.

Ao Caltic, a AAACA e o RexLab.

A ABUB, em especial a região SUL e os amigos dessa jornada: George, Jéssica e Renata.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigada!

*"Hey moça, o
que é isso? cadê
teu sorriso? o
que aconteceu?*

*tristeza no olhar
peso ao caminhar
alguma coisa doeu*

*hey moça não precisa
ter medo não existe
segredo que eu não
possa ouvir*

*Se eu te abraçar
você pode chorar
confie em mim*

*hey moça vai ficar
tudo bem seja lá o
que tem logo vem o
amanhã*

*não quer falar, te respeito
te carrego no peito eu sou
sua irmã".*

Grazi - Feminismo Poético.

RESUMO

A evolução proporcionada pelas Tecnologias da Informação e Comunicação contribuíram para o nascimento de novas maneiras de pensar e interpretar a trajetória humana. Esta expansão deu-se, também, por meio da participação da mulher no desenvolvimento da ciência e da tecnologia. Com o passar do tempo, essa participação das mulheres tornou-se instrumento favorável, por meio das TIC's, ao feminismo (movimento que luta pelos direitos das mulheres). A partir disso, o presente trabalho apresenta, através de uma pesquisa teórica e documental, o envolvimento das mulheres no avanço das TIC's, visando o empoderamento feminino através desta contribuição. Além do mais, deseja refletir sobre a apropriação do uso dos artefatos tecnológicos em favor das mulheres, via ativismo político e a articulação das causas feministas.

Palavras-chave: TIC's, Gênero, Feminismo, Ativismo, Mulheres, Tecnociência

ABSTRACT

The advancements made possible by the Information and Communication Technologies contributed in large to the birth of new ways of thinking and interpreting the human trajectory. This expansion in thinking is due to the growth of women taking part in the development of science and technology, among other reasons. Over time, the participation of women has become a key instrument to feminism (women's rights movement), particularly through ICT's. Building on that concept, this paper presents a theoretical and documentary research, and the involvement of women in the advancement of ICT, aimed at women's empowerment through their contribution to the field. Moreover, there is a reflection on the appropriation of the use of technological artifacts in favor of women, via political activism and the articulation of feminist causes.

Keywords: ICTs, Gender, Feminism, Activism, Women, Technoscience

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Gráfico sobre inserção da internet na população mundial	22
Figura 2- Gráfico sobre as redes sociais mais utilizadas	22
Figura 3- Imagem de Sufragistas protestando em direito ao voto das mulheres	32
Figura 4- Imagem de Mulheres, participantes do movimento Sufragista, em protesto	32
Figura 5- Imagem do incêndio na fábrica Triangle Shirtwaist Company	34
Figura 6- Imagem baseada na propaganda de guerra dos Estados Unidos, fazendo referência ao feminismo plural.....	36
Figura 7- Gráfico referente a violência sexual sofrida pelas mulheres	38
Figura 8- Gráfico referente a divergência de carreira entre gêneros	43
Figura 9- Imagem de um quadro retratando Ada Lovelace.....	45
Figura 10- Imagem com representações da trajetória histórica de Grace Hopper.....	47
Figura 11- Imagem das participantes pioneiras do projeto ENIAC.....	50
Figura 12- Imagem do logo do Projeto Meninas Digitais.....	56
Figura 13- Imagem do logo do Projeto Made With Code	57
Figura 14- Imagem do logo do perfil @CiberFeminismo no Twitter	62
Figura 15- Imagem do fanzine RiotGrrrl edição maio/2004.....	67
Figura 16- Imagem do fanzine Xereca	69
Figura 17- Imagem do Viva la Vulva edição 9	70
Figura 18 e 19 - Imagem das mulheres durante as manifestações da Primavera Árabe	72, 73
Figura 20- Imagem da "garota do sutiã azul"	74
Figura 21- Imagem de um material de divulgação das manifestações da Primavera Árabe	74
Figura 22- Imagem da manifestação Slutwalk em Toronto, Canadá	75
Figura 23- Imagem de manifestantes durante ação das Marcha das Vadias	77
Figura 24- Gráfico sobre a forma que as pessoas souberam da Marcha das Vadias	77
Figura 25- Gráfico informativo dos tweets acerca do feminismo, no top trending	78
Figura 26- Imagem do tweet do presidente obama sobre #StandWithWendy	79
Figura 27- Imagem de um tweet utilizando a foto do senado durante discurso da senadora, e a hashtag #StandWithWendy	79
Figura 28- Imagem utilizada no facebook, pelas pessoas contra a PL5069, em sobreposição a imagem de seus perfis.....	80
Figura 29- Imagem das manifestações "Fora Cunha.....	80
Figura 30- Imagem da capa da lista #25webnegras.....	83
Figura 31- Imagem com depoimento do projeto Redomas	84

Figura 32 - Imagem de um poema divulgado no perfil "Entre irmãs"	85
Figura 33- Imagem de um manifestante nas ruas	86
Figura 34- Imagem de um cartaz de divulgação da Marcha das Vadias de Curitiba	87
Figura 35- Imagem com tweets sobre o tema feminismo abordado em questões do enem 2015 89, 90	
Figura 36- Imagem do Tweetda deputada Maria do Rosário sobre Enem 2015.....	90
Figura 37- Imagem de memes utilizados nos perfis das redes sociais	90
Figura 38- Imagem da publicação de Jair M. Bolsonaro sobre enem, no facebook	91
Figura 39- Imagem com declaração sobre assédio sexual.....	93
Figura 40- Imagem do tweetde assédio a Valentina	94
Figura 41 e 42- Imagem de twetts utilizando hashtag #PrimeiroAssedio.....	96
Figura 43- Imagem de Twetts em resposta ao perfil @ThinkOlga.....	96

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACM - Association for Computing Machinery.

APC - Associação para Progresso das Comunicações.

BASIC - Beginner's All-purpose Symbolic Instruction Code.

BRL - Ballistic Research Lab.

CAIS - Centro de Atendimento a Incidentes de Segurança.

CDDL - Common Development and Distribution License.

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e

Tecnológico. COBOL- Common Business Oriented Language.

CSIRT - Computer Security Incident Response Team.

CWB - Curitiba.

ENEM - Exame Nacional do Ensino

Médio. EDS - Electronic Data Systems.

ENIAC- Electrical Numerical Integrator and Computer.

E-ZINES(s) - Fanzine(s) Eletrônicos.

FIRST - For Inspiration and Recognition of Science and

Technology. FORTRAN - Formula Translation System.

HTC - High-Tech Computer Corporation.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e

Estatística. IBM - International Business Machines.

IEEE - Institute of Electrical and Electronics Engineers.

IGF - Fórum de Governança da Internet.

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica

Aplicada. JSF - JavaServer Faces.

JSP- JavaServer Pages.

LGBT - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros.

MUD - Multi-user Dungeon.

NBSCO - Netherlands Business Support Offices.

NTIC - Novas Tecnologias da Informação e Comunicação. NSA - National Security Agency.

ONU - Organização das Nações Unidas.

PIB - Produto Interno Bruto.

PP- Partido Progressista.

PSC - Partido Social Cristão.

PTRAN - Parallel Translation.

RNP - Rede Nacional de Ensino e Pesquisa.

SECOM - Secretaria de Comunicação Social.

SCC - Science Correspondence Club.

S.O. - Sistema Operacional.

SUS - Sistema Único de Saúde.

TB - Terabytes.

TI - Tecnologias da Informação.

TIC - Tecnologias da Informação e Comunicação.

UFBA - Universidade Federal da Bahia.

UNIC - Centro de Informações das Nações Unidas.

UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância.

UNIVAC - UNIVersal Automatic Computer.

ZINES(s) - Fanzine(s).

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	15
1.1 JUSTIFICATIVA	15
1.2 OBJETIVOS	17
1.1.1 Objetivo Geral.....	17
1.1.2 Objetivo Específico.....	17
1.3 METODOLOGIA	17
1.4 ORGANIZAÇÃO DO TEXTO.....	18
2. TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO	19
3. GÊNERO - FEMINISMO	25
3.1 Diferença e Igualdade.....	27
3.2 Igualdade na Diferença - Direitos	28
3.3 Feminismo e Pluralidade	35
3.4 A Luta Atual.....	37
4. MULHERES E O DESENVOLVIMENTO DAS TIC'S	39
4.1 Pioneiras nas TIC's	44
4.1.1 Ada Lovelace	45
4.1.2 Grace Murray Hopper	46
4.1.3 Pioneiras do Eniac.....	48
4.1.4 Adele Goldstine.....	50
4.1.5 Outras Mulheres.....	50
4.2 Participar também é empoderar.....	54
5. ATIVISMO FEMININO NAS TIC'S	57
5.1 Ser ativa também é empoderar.....	58
5.2 Ciberfeminismo.....	61
5.3 Fanzines Digitais - Do papel para Internet.....	66
5.4 Redes Sociais - Um movimento de Todos.	71
5.5 Hashtags - Ativismo do símbolo #	77
5.6 Ativismo Plural - A Minoria pelas Minorias	81
5.7 Precisamos falar sobre feminismo.....	85
6. CONCLUSÃO	97
7. REFERÊNCIAS	98

1. INTRODUÇÃO

Em praticamente toda a história da humanidade as mulheres foram consideradas inferiores aos homens. Diante disso, passaram a se unir na defesa de um interesse em comum: o de garantir igualdade entre os gêneros. Nesse contexto, o movimento, conhecido como "feminista", surge em meio as reivindicações das mulheres por melhores condições de trabalho, ainda no século XIX.

Ao longo de todo século XX e na atualidade, as reivindicações feministas expandiram. A luta pela igualdade de gênero alcançou amplitude e passou a agregar, por exemplo, temáticas da violência sexual, física e psicológica contra a mulher, e questionamentos do poder social, econômico e político sobre as mulheres.

Paralelamente aos acontecimentos históricos das lutas das mulheres. A evolução tecnológica começou a se deparar com um novo caminho a ser traçado. O afinamento entre o técnico e o intelectual permitiu, com auxílio da automação, que informações fossem tratadas com grande eficácia. A partir daí, a narrativa da tecnologia dá abertura para sucessivos passos que darão surgimento as chamadas Tecnologias da Informação e Comunicação.

Ambos os acontecimentos, feminismo e TIC's, se cruzam ao longo de suas trajetórias. Dentro desta relação existe o questionamento da possibilidade das TIC's contribuírem para igualdade, e reforço do movimento feminista.

1.1 JUSTIFICATIVA

Nos últimos anos as transformações produzidas pelo campo da tecnologia têm sido fortemente incidente na vida do homem e, também, na produção do conhecimento e da comunicação.

Computadores, sistemas de comunicação, decodificação e programação genética são todos amplificadores e extensões da mente humana. O que pensamos e como pensamos é expresso em bens, serviços, produção material e intelectual, sejam alimentos, moradia, sistemas de transporte e comunicação, mísséis, saúde, educação ou imagens. (CASTELLS, 1999).

As TIC's, em termos práticos, também podem produzir efeitos de importância para uma experiência democrática e dinâmica na sociedade, desde seu desenvolvimento. E tem se convertido em ferramenta de estratégia para grupos, organizações, e movimentos sociais. Dentre os quais, o feminismo.

Como descreve Pinto (2003), o movimento feminista logo caracterizou o lugar de importância paradoxal ocupada pelas tecnologias, como fonte para visibilidade e projeção das mulheres, e como encarregado de manutenção da ordem da dominação masculina através das construções e estereótipos de gênero.

A relevância da figura da mulher, que de elemento secundário, passou a ser algo extremamente importante na sociedade atual, onde ela exerce cada vez mais um papel de protagonista, embora ainda sofra com as heranças históricas do sistema social patriarcalista¹ em seu dia a dia. E pelos enfrentamentos às lutas de desigualdade de gênero, fruto de um passado que deixou marcas na atualidade, faz do feminismo, por conseguinte, um movimento tão atual e necessário.

Ambos os fatores, TIC's e Feminismo, são atuais e se entrelaçam. E ganham cada vez mais manifestações políticas e sociais que apresentam, em alguma medida, um diálogo entre essas duas dimensões. No campo acadêmico, essa questão tem estado presente ao menos desde as teorias de Haraway quando se coloca a pesquisar e discutir o envolvimento feminino no mundo da tecnociência.

Pode-se verificar ainda dados como os encontrados na pesquisa disponível, realizada pela Agência Ideal² em parceria com o "Think Olga"³, onde encontramos informações até o recente crescimento de 354,5% nas buscas do Google, pelo termo "Empoderamento Feminino."⁴

Com o presente estudo teremos a oportunidade de avaliar, compreender, e analisar através da história, a relação de potencial existente, entre as temáticas. Nesse sentido, o trabalho tenta se inserir em um contexto de avanços de pesquisas acadêmicas que tem levado em consideração a relação entre esses dois objetos. A atualidade do tema é possível de ser observada em fenômenos recentes da presença desse debate nas redes sociais. E como resultado acentuar presença das TIC's aliadas ao feminismo.

¹ O termo patriarcalismo foi comumente utilizado para explicar a condição feminina na sociedade e as bases da dominação masculina.

² <http://www.agenciaideal.com.br/>

³ <http://thinkolga.com/>

⁴ <http://thinkolga.com/2015/11/27/mulheres-inspiradoras-de-2015/>

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

O Presente trabalho busca acompanhar o percurso dessa relação. O intuito é analisar por meio da abordagem histórica, o aparecimento e as contribuições das mulheres no desenvolvimento da tecnologia. Bem como, as formas de uso dessas tecnologias como ferramenta mediadora à quebra dos paradigmas de gênero em favor das reivindicações do movimento feminista no debate contemporâneo.

1.2.2 Objetivos Específicos

Aprofundar o conhecimento acerca das múltiplas relações entre gênero, feminismo e TIC's.

Apresentar as principais questões de gênero trazidas pela relação mulheres junto ao desenvolvimento das TIC's.

Identificar quais as representações da mulher no tipo de construção dessas tecnologias.

Abordar o debate feminista através de uma perspectiva crítica que aponta para novas formas de interrogar e priorizar a questão da diferença e da igualdade, no entorno da história do desenvolvimento tecnológico.

Avaliar o potencial político e educativo existente nos desenvolvimentos das TIC's pautadas a partir das causas feministas.

Compreender a concepção e o desenvolvimento das tecnologias como ferramenta de mediação na quebra das barreiras existentes nas lutas das mulheres.

1.3 METODOLOGIA

Escrever sobre a história das mulheres e da tecnologia significa apresentar fatos pertinentes, perspectivas na busca de refletir sobre o mundo contemporâneo ou procurar nele refletir.

A metodologia utilizada, em primeiro momento, nesse trabalho é a pesquisa exploratória, que visa compreender e aprofundar o olhar para a participação das mulheres junto à tecnologia.

Gil (1999) considera que a pesquisa exploratória tem como objetivo principal desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para desenvolvimento de estudos. Segundo o autor, este modelo de pesquisa é o que apresenta menor rigidez no planejamento, por apresentar uma visão geral, acerca de determinado fato.

A segunda parte, de cunho teórico e de natureza bibliográfica, pois são pesquisados referenciais teóricos já previamente publicados e analisados através de livros, artigos, e web sites (MATOS; VIEIRA, 2001, p.40). Tais referências são selecionadas a partir de materiais que se proponham a discutir a temática da relação entre tecnologia (especificamente as TIC's), feminismo e sociedade.

Isto possibilita pensar de modo hipotético-dedutivo sobre as abordagens levantadas, visando responder as questões trazidas sobre relações existentes entre feminismo e tecnologia.

1.4 ORGANIZAÇÃO DO TEXTO.

O Trabalho se inicia com a contextualização das Tecnologias da Informação e Comunicação, em uma breve trajetória de sua formação dentro do campo da tecnologia, e a sua importância no contexto atual da sociedade.

Em sequência, o segundo capítulo, descreve o conceito de gênero, a formação do feminismo, e a compreensão do conceito igualdade de gêneros, defendido pelo movimento.

O capítulo três demonstra a relação da mulher no desenvolvimento da ciência, sua inserção no campo tecnológico, e a relação de sua correspondência na tecnologia como forma de empoderamento da mulher.

Por fim, o último capítulo, trabalha a maneira como a mulher encontrou na tecnologia um instrumento de uso favorável às suas lutas. É abordado o conceito de cyberfeminismo, e demonstrado eventos do potencial uso das TIC's no ativismo feminino.

2. TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO.

A tecnologia tornou-se importante para a condição humana. Por meio dela, se alimenta, veste e fornece abrigo, transportes, entretenimento e saúde. Quer seja sua utilização viável ou não, a tecnologia encontra-se constantemente e intrinsecamente presente nos diversos âmbitos da vida. Indifere a classe social, raça, crenças, idade, todos temos a nossa vida entrelaçada a esse artefato, em sua forma mais simples à mais complexa.

Segundo Blanco e Silva (1993), a palavra tecnologia vem do grego, da união de technê (arte, ofício) e logos (estudo de), de modo que referia-se à fixação dos termos técnicos, designando os utensílios, as máquinas, suas partes e as operações dos ofícios. Estaríamos perante uma tecnologia descritiva e enumerativa, ao encontrar ferramentas, que propiciaram processos desmitológicos, de racionalização da economia e avanços da ciência em geral, porém, foi desconsiderada em importância e prestígio social durante muitos milênios em favor do saber intelectual.

Devido essa desconsideração, nos princípios do século XVIII ocorre o que Alves (2009) descreve como o "movimento mais significativo da transformação do pensamento técnico, afastando-o do caráter descritivo para se comprometer com a experimentação, a verificação e comprovação de dados e teorias", quando finalmente acontece o estreitamento dos laços entre o técnico e o intelectual. A partir de então, a tecnologia passa a estudar, de modo sistemático e profundo, os meios de alcançar um objetivo final, a partir de concepções verdadeiras e de experiências confiáveis.

A tecnologia então, começa a ser considerada como a aplicação de conhecimentos científicos na resolução de problemas. Através de processos que levam alguém a evoluir, melhorar ou simplificar, a tecnologia, torna-se sinônimo de ciência aplicada.

Na busca de problemas que pudessem ser resolvidos, Alan Turing, Kurt Gödel e Alonzo Church, começaram a estudar soluções por elementos humanos que seguissem uma série de instruções simples de forma automática, independente do tempo necessário para isso. A motivação por trás destas pesquisas era o avanço da automação durante a Revolução Industrial e da promessa de que as máquinas poderiam futuramente tratar a resolução dos mesmos problemas de forma mais rápida e eficaz. Da mesma forma que as indústrias trabalham na transformação da matéria-prima para um produto final, os

algoritmos foram esboçados para que, um dia, uma máquina pudesse tratar informações. (AFONSO, 2011).

Assim, Tecnologia da Informação, deu abertura para o surgimento da informática, na utilização de métodos e técnicas, no tratamento automático de informações, através de uma ferramenta adequada: o computador.

Para Keen (1993), além do processamento de dados, sistemas de informação, engenharia de software, informática ou o conjunto de hardware e software, também envolve aspectos humanos, administrativos e organizacionais.

Nesse sentido, conforme as necessidades envolventes aos aspectos da vida humana que surgiram, o homem lançou mão de sua capacidade racional para desenvolver novas tecnologias e mecanismos para a comunicação.

Sem os rabiscos das cavernas, os hieróglifos egípcios e o grande conteúdo de informações que nos foram deixados através da escrita, a história do ser humano, não teria o mesmo sentimento impresso hoje ao ver o avanço desses meios. (BORGES, 2013).

Desde modo, as formas de deixar mensagens, ou seja, passar adiante uma informação, uma prática, um feito ou uma exploração tornam-se exemplos da relevância da comunicação no desenvolvimento da história humana, e da tecnologia.

A comunicação é vista como um fator de grande complexidade, devido às diversas formas de se comunicar. Porém é importante ressaltar a relevância para evolução de novos conceitos, quando a troca de mensagens, a informação e o relacionamento humano são constantemente realizados. Vê-se que através da comunicação o trabalho colaborativo (trabalho em equipe), a gestão do conhecimento, o ensino a distância (e-learning), promovem a diminuição do espaço físico/temporal e uma maior interação entre os indivíduos. (BORGES, 2013).

Devido essa importância, a Tecnologia da Informação, passou a agregar a Comunicação em seu processo de desenvolvimento. A comunicação, também, é responsável por grandes avanços. Por meio de troca de mensagens e troca de experiência, grandes descobertas tornaram-se consequente possíveis.

As chamadas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's) se conceituam então como procedimentos, métodos e equipamentos para processar informação e comunicação que surgiram por artefatos desenvolvidos desde a segunda metade da década de 1970 e, principalmente, nos anos 90 do mesmo século, no contexto da Revolução Informática, Revolução Telemática ou Terceira Revolução Industrial.

Estas tecnologias permitiram que o conteúdo da comunicação se tornasse menos palpável, por meio da digitalização e da Internet (comunicação em redes) para a captação, transmissão e distribuição das informações, que passam a assumir distintas formas: texto, imagem estática, vídeo ou som. (RAMOS, 2008).

Podemos assim dizer que TIC's são todas as tecnologias que permitem a aquisição, produção, armazenamento, processamento, comunicação, gravação e apresentação de informações sob a forma de voz, imagens e dados, óptico ou eletromagnética. Essas, incluem base eletrônica que apoia o desenvolvimento de tecnologia de telecomunicações, informática e audiovisual.

As TIC's são ferramentas conceituais teóricas, suportes e canais que processam, armazenam, sintetizam e recuperam informações presentes na forma mais variada. Os meios de comunicação têm evoluído ao longo do tempo (telégrafo óptico, telefone, móvel, televisão). Atualmente pode-se falar sobre o computador e a Internet. A utilização das TIC's representam uma mudança significativa na sociedade e em última análise, uma mudança na educação, relações interpessoais e em como divulgar e gerar conhecimento.

Petroche (2012), vai além e descreve que as TIC's está mudando, mantendo o ritmo com o progresso científico contínuo e num quadro de globalização econômica e cultural, contribuindo para o conhecimento contínuo e o surgimento de novos valores, provocando mudanças nas nossas estruturas econômicas, sociais e culturais; afetando quase todos os aspectos de nossas vidas: o acesso ao mercado de trabalho, saúde, gestão burocrática, gestão econômica, design industrial e artístico, lazer, comunicação, informação; nossa maneira de perceber a realidade e pensamento; organização de empresas e instituições; métodos e atividades; a forma de comunicação interpessoal, qualidade de vida e educação. Seu grande impacto em todas as áreas da nossa vida faz com que seja cada vez mais difícil agirmos de forma eficiente independentemente delas.

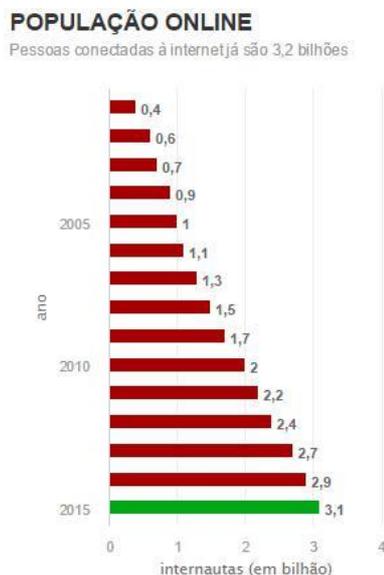
Essas mudanças são demonstradas, quando analisamos diversas pesquisas e estatísticas sobre o assunto. Elas firmam o constante crescimento das TIC's como parte, cada vez mais intrínseca, do cotidiano.

Recentemente o Centro de Informação das Nações Unidas para o Brasil | UNIC Rio divulgou números sobre a rede mundial de computadores, na pauta do Fórum de Governança da Internet – IGF 2015.

Na pauta foi apresentada a penetração da Internet com crescimento de pouco mais de 6% da população global em 2000 e 43% em 2015. Como resultado, 3,2 bilhões

de pessoas estão ligadas a uma rede global de conteúdos e aplicativos. Das quais 2 bilhões são de países em desenvolvimento.

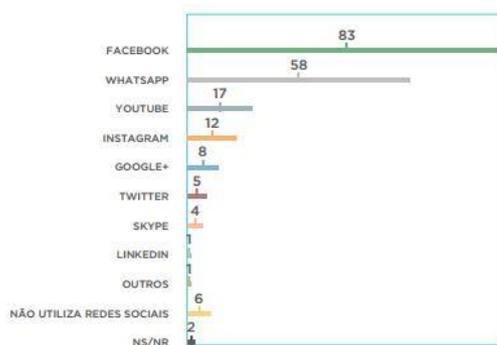
Figura 1 – Gráfico sobre inserção da internet na população mundial.



Fonte: Site G1 da Globo⁵

O uso de aparelhos móveis compete com computadores ou notebooks, no uso de acesso a internet, 66% e 71%, respectivamente. O uso de redes sociais influencia esse resultado. Entre os internautas, 92% estão conectados por meio de redes sociais, sendo as mais utilizadas o *Facebook* (83%); o *Whatsapp* (58%); o *Youtube* (17%); o *Instagram* (12%); e o *Google+* (8%). O *Twitter* que sempre está entre as elites políticas e formadores de opinião, foi referenciado por apenas 5% dos entrevistados. (SECOM, 2014).

Figura 2 – Gráfico sobre as redes sociais mais utilizadas.



Fonte: SECOM⁶

⁵ <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2015/05/mundo-tem-32-bilhoes-de-pessoas-conectadas-internet-diz-uit.html> Acesso em 14 de nov. 2015

Esses fatores afetam a economia, pois segundo a pesquisa apresentada no IGF 2015, cada aumento de 10% na penetração da banda larga no mundo em desenvolvimento, o produto interno bruto (PIB) aumenta em média 2%. As TIC's também são avaliadas na relação de gênero. Homens apresentam mais chances de conectividade domiciliar em relação às mulheres. Traduzido em termos de probabilidade de uso caseiro da internet em computador, a probabilidade delas é 15,1% menor que a deles. Já em relação ao uso do computador em geral, a probabilidade delas é 11,7% menor. Ou seja, as mulheres acessam menos computadores. Mas, proporcionalmente ainda menos a internet. A rede está relacionado à liberdade de expressão em escala global.

Além disso, foi previsto que o tráfego global de dados móveis deve atingir 52 milhões de terabytes (TB) em 2015, aumento de 59% em comparação com 2014, segundo Gartner. Mas, segundo previsões da Cisco, é possível que em 2016 o volume de dados chegue a 1,3 "zettabyte"⁷.

Segundo portal Terra⁸, o enorme tráfego de dados na rede é tão significativo que, em 2016, terão circulado mais dados do que a soma de informação que rodeou na internet entre 28 anos (de 1984 a 2012). Apenas entre 2015 e 2016 o aumento de dados circulando pela rede é previsto de 330 "exabytes", o que quase se compara ao tráfego, de 369 "exabytes" (um "exabyte" equivale a um quintilhão de bytes) originado em todo o ano de 2011.

A cada dia, 500 mil pessoas entram pela primeira vez na Internet⁹ e são publicados 200 milhões de *tuites*¹⁰; a cada minuto são disponibilizadas 48 horas de vídeo no *YouTube*¹¹; e cada segundo um novo *blog* é criado¹². 70% das pessoas

⁶ <http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>

⁷ <http://itforum365.com.br/noticias/detalhe/115910/trafego-mundial-de-dados-vai-atingir-2-zettabytes-em-2019> Acesso em 10 de nov. 2015 ⁸ <http://tecnologia.terra.com.br/internet/trafego-de-dados-na-internet-ultrapassara-o-zettabyte-em-2016,024bfe32c8bda310VgnCLD200000bbcecb0aRCRD.html>

⁹ <http://g1.globo.com/Noticias/Tecnologia/0,,MUL175349-6174,00.html> Acesso em 5 de nov. 2015

¹⁰ <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2011/07/usuarios-do-twitter-enviam-200-milhoes-de-tuites-por-dia.html> Acesso em 5 de nov. 2015

¹¹ <http://gjol.blogspot.com.br/2011/11/youtube-48-horas-de-video.html> Acesso em 5 de nov. 2015

¹² http://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2005/08/050802_blogcl.shtml Acesso em 5 de nov. 2015

consideram a Internet indispensável¹³ Em 1982 havia 315 sites na Internet¹⁴. Hoje existem 174 milhões¹⁵.

As tecnologias ocupam um papel central nas profundas mudanças experimentadas em todos os aspectos da vida social. A natureza, motivos prováveis e possíveis desdobramentos dessas alterações, por sua vez, são extremamente complexos, e a velocidade do processo tem sido estonteante. Diante de tal quadro, é difícil resistir à tentação do determinismo tecnológico, que traduz em respostas encantadoramente simples a máxima de que a tecnologia define a sociedade.

No geral, podemos dizer que as novas tecnologias da informação e comunicação são aqueles artefatos que giram em torno de três meios básicos: computação, microeletrônica e telecomunicações. Elas giram, mas não isoladamente. São significativas e de forma interativa interconexionadas (CABRERO, 1998, p.198), permitindo-lhe obter novas realidades de comunicação e transformações influentes na sociedade.

Por serem um processo de transformação social, as TIC's e sua expansão são um fenômeno considerado complexo e de diversas diretrizes, e também como veículos de significados (SILVA, 2006). Com a expansão das TIC's configura-se um novo ambiente que, para Zapata López (s.d.), surge para “facilitar o acesso à informação, o conhecimento e uma ampla gama de recursos de entretenimento”.

Este ambiente tem sido responsável por mudanças nos âmbitos sociais, econômicos e culturais. Devendo ser tratado não apenas pelo ponto de sua importância, como "determinantes e modeladoras", mas: Se este novo tipo de organização econômico-social, tem a marca do que o ser humano, em sua dimensão social-racional, tem buscado sempre: a justiça, a equidade e o respeito; categorias estas que constituem o fundamento de sua estruturação ética e moral. (ZAPATA LÓPES, s.d.).

Esta associação da tecnologia com o gênero traduz-se em experiências cotidianas de gênero, narrativas históricas, práticas de emprego, educação, o *design* das novas tecnologias e a distribuição de poder numa sociedade global em que a tecnologia é vista como a força motriz do progresso

¹³<http://blog.rakuten.com.br/os-numeros-da-internet-no-brasil-hoje/> Acesso em 5 de nov. 2015

¹⁴<http://g1.globo.com/Noticias/Tecnologia/0,,MUL150660-6174,00.html> Acesso em 5 de nov. 2015

¹⁵<http://g1.globo.com/Noticias/Tecnologia/0,,MUL936650-6174,00.html> Acesso em 5 de nov. 2015

É nesse sentido que nos interessa pensar a questão do gênero em relação à apropriação das TIC's. Pois, integram-se e contribuem para o processo de um contexto que está sempre em construção, que Castells (2003) denomina como "protocolo de significado".

O acesso a uma informação cada vez mais vasta, diversa e cambiante; e sobretudo, a capacidade de utilizá-la e transformá-la em conhecimento, tem valor para os sujeitos e poderia incidir no desenvolvimento de sociedades mais equitativas, produtivas e plurais. (BONDER, 2009, s.p.).

3. GÊNERO - FEMINISMO

A questão entre homens e mulheres ocupa um lugar de destaque na produção sociológica, quando se pretende analisar as diferenças de gênero, por se encontrarem ligadas às questões de desigualdade e poder nas sociedades. As mudanças dramáticas, iniciadas pelos movimentos feministas na década de 70, inspiraram tentativas de compreensão de como surgiram, se mantêm e se transformam os padrões e desigualdades de gênero na nossa sociedade. (Giddens, 1997).

Na busca dessa compreensão, Giddens (1997), apresenta algumas abordagens para explicar a formação das identidades do gênero e os papéis sociais baseados nessas mesmas identidades.

A abordagem biológica surge baseada nas diferenças de comportamento entre homens e mulheres. Esta perspectiva aborda os aspectos da biologia humana - do tamanho do cérebro à genética - como responsáveis pelas diferenças congênitas no comportamento entre homens e mulheres. Essas diferenças são visíveis em qualquer nível social, o que implica que se apontem os fatores naturais como responsáveis pelas desigualdades entre os gêneros que caracterizam a maior parte das sociedades.

Seus críticos (in Giddens, 1997) fundamentam as teorias das diferenças naturais em estudos relativos ao comportamento animal, e não aos indícios antropológicos do comportamento humano, ao qual variam no tempo e no espaço. O fato de uma característica demonstrar-se mais ou menos universal, não significa que apresente uma origem biológica. Podem existir fatores culturais generalizados que dão origem para essas características. Assim, essa abordagem negligencia o papel da interação social na formação do comportamento humano.

Outra abordagem acredita que sexo e gênero são construções sociais. Para seus defensores, como os etnometodologistas¹⁶, não só o gênero é uma construção social, como o próprio corpo humano se encontra sujeito às forças sociais que o modelam e alteram de diferentes formas a vida humana. Esta perspectiva vê a possibilidade dos indivíduos optarem por construir ou reconstruir os seus corpos conforme a sua vontade, recorrendo desde a atividade física à dieta; ao estilo pessoal e atribui nesses recursos a cirurgia plástica e a alteração de sexo. Assumem assim, que o corpo humano e a biologia não são dados adquiridos, mas estão sujeitos a ação humana e a escolha pessoal em contextos sociais distintos.

Assim, a desigualdade de gênero é importante compreender e diferenciar, o conceito de sexo e gênero. Para tal, partimos da distinção entre identidade sexual e identidade de gênero, referindo-se à primeira aos traços genéticos diferenciadores de cada sexo, e a segunda à identidade psicossocial que assenta nos valores, comportamentos e atitudes que a sociedade considera apropriados em função do sexo biológico. O conceito de gênero faz referência ao longo processo histórico que foi acentuando as diferenças entre os indivíduos, partindo de uma diferenciação biológica. Como afirma Miranda (2008), o conceito de gênero deve ser entendido de uma forma relacional e não estática, dado que constitui algo que os seres sociais fazem e não algo que têm.

Gramaticalmente o termo “gênero” designa indivíduos de sexos diferentes (masculino/feminino) ou coisas sexuadas. Mas na forma como vem sendo usado nas últimas décadas pela literatura feminista, adquiriu outras características: enfatiza a noção de cultura, situa-se na esfera social, diferentemente do conceito de “sexo”, que se situa no plano biológico e assume um caráter intrinsecamente relacional do feminino e do masculino.

Segundo Scott (1995), as feministas americanas começaram a usar o conceito de gênero para se referir à organização social entre os sexos e só mais tarde passaram a usá-lo para enfatizar o caráter fundamentalmente social das distinções fundadas sobre sexo e rejeitar o determinismo biológico implícito nos termos “sexo” ou “diferença sexual”.

¹⁶ O termo etnometodologia designa uma corrente da sociologia americana que trabalha que a realidade socialmente construída está presente na vivência cotidiana de cada um. Surgiu na Califórnia no final da década de 1960, tendo como seu principal marco fundador a publicação do livro *Studies in Ethnomethodology* [Estudos sobre Etnometodologia], em 1967, de Harold Garfinkel. (Guesser, 2003).

A introdução do caráter relacional do gênero levou a uma revisão dos estudos centrados nas mulheres e apontou para a necessidade de estudos sobre as *relações de gênero*, uma vez que a história das mulheres não pode ser vista separada da história dos homens. O mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens, não são esferas separadas. Tomá-los como esferas separadas reforçam o mito de que a experiência de um sexo tem muito pouco ou nada a ver com o outro sexo.

Além disso, acrescenta Scott (1995), o uso do termo “gênero” para designar relações sociais entre os sexos rejeita radicalmente explicações biológicas que encontram um denominador comum para diversas formas de subordinação feminina.

Ainda para a autora, o termo torna-se uma maneira de indicar “construções culturais” – a criação inteiramente social de idéias sobre papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir as origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres. “Gênero” é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. Com a proliferação dos estudos sobre sexo e sexualidade, “gênero” tornou-se uma palavra particularmente útil, pois oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis sexuais atribuídos às mulheres e aos homens. (SCOTT, 1995, p.75).

Toda compreensão consiste em desmistificar os papéis sociais derivados de uma natureza biológica específica a favor de uma visão socialmente construída do gênero enquanto categoria social diferenciada do sexo. (AMÂNCIO, 2003 in Wall, 2010).

3.1 Diferença e Igualdade

Sustentar uma “igualdade” que respeite as “diferenças” é o eixo paradigmático da chamada política inclusiva. Onde o conceito de gênero pode ser visto para analisar a questão de igualdade e diferença. Esse olhar aponta para uma nova perspectiva de interpretação da realidade social.

Atualmente o tema ganha relevância de análise. Mas a diferença entre seres humanos é parte do contexto histórico, e é visto na tensão constante da concepção de construção do ser “mulher”.

Nesse sentido Simone de Beauvoir (1949), afirma que o homem é tido como ser humano; enquanto a mulher, como fêmea. E toda vez que aquela exige ser tratada como um ser humano é acusada de tentar ser um homem.

Demonstrando o conceito de diferença Pierucci (1990) declara que por não nascerem iguais, os seres humanos não são iguais, deste modo, não podem ser tratados como iguais. Quem primeiro apregoou foi a direita, mais exatamente a ultradireita do final do século XVIII e primeiras décadas do século XIX, como reação ao ideal de igualdade e fraternidade cultuados pela Revolução Francesa.

A partir dessa premissa, as diferenças explicam as desigualdades de fato e reclamam a desigualdade (legítima) de direito.

Collin (1992), defende a diferença sexual não como uma questão teórica, mas da práxis. Para ela quando aparece a experiência do diálogo que confronta uma mulher e um homem; mulheres e homens; um sujeito-mulher (ou homem) e no espaço público, social ou privado, a sua condição de gênero; aí se dá a diferença sexual. A proposta de Collin trabalha um jogo dialético em que a pluralidade, junto ao diálogo, são analisados de modo contínuo, sem negar as diferenças.

Para Santos (2003), as mulheres possuem o direito de serem iguais quando a suas diferença inferiorizam; e têm-se o direito de serem diferentes quando a igualdade as descaracterizam. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades.

Nesse pensamento, percebe-se que a igualdade não é a eliminação da diferença, e a diferença não acaba por impedir a igualdade. Para Scott (1988), à luz de Derrida é possível não só dizer que os seres humanos nascem "*iguais, mas diferentes*", como também fortalecer o conceito de que a "*igualdade reside na diferença*".

A diversidade de identidades supera a classificação masculino/feminino. O próprio sentido da identidade, reside das diferenças encontradas ao olhar o individual e coletivo. De modo que para sair das armadilhas da divisão igualdade ou diferença para Scott, é quando "*diferença binária*" der lugar à "*diferença múltipla*".

3.2 Igualdade na Diferença - Direitos

A questão da identidade, principalmente o debate sobre a *igualdade versus diferença*, torna-se centro das discussões em meados da década de 70, e nos anos seguintes quando a reivindicação de cidadania se apóia sobre o direito das mulheres de serem representadas enquanto tais, em nome de sua especificidade, onde a consciência de gênero pode desembocar na análise de desigualdade (PERROT, 1998).

Em *Elogio da diferença*, Oliveira (1993), descreve como o feminismo transgrediu a ordem que atribuía ao masculino o direito de definir o feminino como seu avesso. A ideia da igualdade entre os sexos foi o primeiro estágio dessa transgressão.

Na tentativa de ultrapassarem as fronteiras do mundo masculino na luta pela igualdade, as mulheres "tropeçaram na diferença" (p.72). A problemática dos debates sobre igualdade e diferença, foi para Scott (2002) como defrontar um dilema sem saída:

Esse dilema chegou até nós na forma de debates sobre 'igualdade' ou 'diferença': serão mulheres iguais a homens, fato do qual decorreria a única base para se poder reivindicar direitos? Ou serão seres diferentes e, por causa ou apesar das diferenças, com direito a igual tratamento? Qualquer das duas posições atribui identidades fixas e análogas a homens e mulheres, ambas endossam implicitamente a premissa de que pode haver uma definição oficial e autoritária de diferença sexual (SCOTT, 2002, p. 18).

Foi necessário renovar o feminismo, levando em consideração as consequências ontológicas de identidade na prática política (BUTLER, 2003). O que para Scott (2002) é parte da história do feminismo, que não possui uma trajetória marcada por "opções disponíveis ou de escolha tranqüila de um projeto vitorioso; é, antes disso, a história de mulheres (e de alguns homens) constantemente às voltas com a absoluta dificuldade de resolver os dilemas que enfrentam" (SCOTT, 2002, p. 47).

Passada por uma revisão, os pensamentos feministas ao final dos anos 80, começaram a defender a igualdade pelo direito de serem diferentes dos homens. Não mais em nome da capacidade de se assemelharem a eles. "O feminismo da diferença, desdobramento do feminismo da igualdade, introduziu um questionamento mais radical, trazendo a promessa de uma contribuição sociocultural inédita e subversiva". (OLIVEIRA, 1993, p.73).

Araújo (2005) ao analisar Oliveira (1993), retrata o laço do movimento feminista ao levantar a bandeira da *igualdade na diferença* e propor uma valorização do feminino, que acabam caindo dualismo feminino/masculino, atribuindo valores e características diferentes para cada sexo.

Com esse olhar Scott (2002) comenta:

“O feminismo era um projeto contra a exclusão política da mulher: seu objetivo era eliminar as ‘diferenças sexuais’ na política, mas a reivindicação tinha de ser feita em nome das ‘mulheres’ (um produto do próprio discurso da ‘diferença sexual’). Na medida em que o feminismo defendia as ‘mulheres’, acabava por alimentar a ‘diferença sexual’ que procurava eliminar” (SCOTT, 2002, p. 27).

Os valores são o fundamento da diferença. As mulheres são diferentes dos homens, porque no centro de sua existência estão outros valores: a ênfase no relacionamento interpessoal, a atenção e o cuidado com o outro, a proteção da vida, a valorização da intimidade e do afetivo, a gratuidade das relações. (OLIVEIRA, 1993).

Quando se universalizam essas diferenças, podemos superar a desigualdade de gênero. Nessa luta entre as diferenças, a luta de direitos para mulheres é histórica e está em andamento. Há muitos direitos a serem mantidos, outros tantos a serem conquistados e vários, em vias de serem perdidos.

Segundo descreve Cunha (2013), historicamente esta luta pode ser dividida em três momentos: as reivindicações por direitos democráticos como o direito ao voto, divórcio, educação e trabalho, nos séculos 18 e 19; a liberação sexual, impulsionada pelo aumento dos contraceptivos, no fim da década de 1960; e a luta por igualdade no trabalho, iniciada no fim dos anos 1970. Hoje, grupos feministas ainda buscam avanços no que diz respeito aos direitos reprodutivos, uma briga já ganha em alguns países, mas que enfrenta alas conservadoras em outros.

Antigamente, a mulher vivia sob uma condição limitada em seus direitos políticos. A partir do século XVIII, os direitos das mulheres começaram a vir a tona com os adventos do Iluminismo e de Revolução Francesa.

Segundo Jacqueline Pitanguy e Branca M. Alves, foi no contexto da Revolução Francesa:

[...] que o feminismo adquire uma prática de ação política organizada. Reivindicando seus direitos de cidadania frente aos obstáculos que o contrariam, o movimento feminista, na França, assume um discurso próprio, que afirma a especificidade da luta da mulher. (ALVES; PITANGUY, 1991, p.32).

Para Telles (1997) a reflexão sobre os direitos não deve pautar-se nas suas ausências e, muito menos, plasmar-se sobre políticas assistencialistas compensatórias

que despotencializam a vitalidade dos sujeitos sociais na luta por seus direitos. Deve, ao contrário, torná-los visíveis da cena pública, tal como fazem os movimentos sociais, no bojo dos quais os sujeitos sociais comparecem à esfera pública e instauram o dissenso, chamando atenção para questões que lhes dizem respeito. Estes movimentos são, portanto, interpretados como uma das possibilidades de defesa e ampliação de direitos.

Além da luta em contra ponto ao poder burguês, através da consolidação do poder popular, as mulheres travaram uma batalha por meio do direito a participação da vida pública, na educação, representatividade política, e no trabalho.

Gurgel , descreve que:

Durante todo o período de consolidação da sociedade moderna, as mulheres se mantiveram na resistência por isso mesmo, foram consideradas uma ameaça pela nascente ordem burguesa que, em 1793, proibiu reunião dos clubes de mulheres. (GURGEL, 2010).

Neste período também é datado a publicação do livro *União Operária*, de Flora Tristan, em que mesmo antes de Marx e Engels, é proposto a criação de uma Associação Internacional de Trabalhadores e Trabalhadoras.

Segundo Gurgel (2010), a primeira socialista a escrever sobre a indissociabilidade da luta das mulheres com a luta de classe. Neste sentido, destaca-se o seguinte texto, onde Tristan argumenta

[...] reclamo os direitos das mulheres, porque estou convencida que todos os males do mundo provêm da incompreensão que se tem até hoje de que os direitos naturais são imprescindíveis para o ser mulher [...].(TRISTAN, 1985, p.104.)

A luta das mulheres, neste período se dirigia tanto para as estruturas de Estado e parlamento; na reivindicação dos direitos civis e políticos, quanto para as organizações de trabalhadores; no sentido do apoio para as suas reivindicações que acima de tudo reclamavam por igualdade e liberdade para todos e todas. Com isso até a segunda metade do século XIX a luta pela igualdade era o tema central de mobilização.

A busca pelo direito ao voto pelas sufragistas foi uma das primeiras lutas do feminismo. O movimento sufragista, que surgiu no contexto da urbanização e na industrialização do século XIX, começou em 1897, com a fundação da União Nacional

pelo Sufrágio Feminino pela educadora britânica Millicent Fawcett (1847-1929). No Reino Unido, o voto feminino só seria aprovado em 1918.

Figura 3 – Imagem de Sufragistas protestando em direito ao voto das mulheres.



Fonte: Site Paz Fuerza y Alegria¹⁷

Figura 4 – Imagem de Mulheres, participantes do movimento Sufragista, em protesto.



Fonte: Site do Virtualia o Manifesto¹⁸

Aguiar (2013) descreve que a reivindicação pelo direito ao sufrágio mobilizou ao longo de décadas as mulheres em diferentes países e regiões do mundo. De início, tanto nos Estados Unidos quanto em alguns países da Europa, as sufragistas se dividiam devido suas estratégias: um setor priorizava a luta pela mudança em nível de Constituição Federal; o que exigia o apoio parlamentar. Outra tendência era de ações

¹⁷<http://pazfuerzayalegria.net/La-revolucion-Nonviolenta-de-las>

¹⁸<http://virtualiaomanifesto.blogspot.com.br/2010/02/as-sufragistas-mulher-e-o-direito-ao.html>

estaduais, ou seja, o sufrágio se daria mediante mudanças nas Constituições de cada Estado. Desta forma, o movimento envolveu milhões de mulheres em inúmeras ações.

Além dessas ações as feministas proclamavam também a igualdade como condição de cidadania para todos. Pela primeira vez, as francesas revolucionárias traziam para o Estado Moderno, a necessidade de se organizar de maneira igualitária. Portanto, uma relação política de igualdade tinha necessidade de se estabelecer.

Conforme relata Cunha (2013) o primeiro país a reconhecer o direito das mulheres de voto, em 1843, foi a Nova Zelândia. Entre 1914 e 1939, as mulheres adquiriram o direito ao voto em mais 28 países, dentre eles os EUA, em 1920, e o Brasil. Em 1927, a professora Celina Guimarães Viana conseguiu seu registro para votar no município de Mossoró, no Rio Grande do Norte. Em âmbito nacional, o voto feminino só foi aprovado em 1932 e concretizado em 1933, na eleição para a Assembleia Constituinte. Em função da ditadura de Getúlio Vargas (1937-1945), as mulheres só voltaram a votar em 1946.

Em continuidade, a agudização da questão social no século XIX aprofunda o caráter social da opressão das mulheres e contribui para uma maior aproximação das organizações de mulheres, com a luta socialista. Culminando com a realização de Congressos Internacionais, nos quais se definiam linhas de atuação política para organização das mulheres nos partidos comunistas. (GURGEL, 2010).

Ainda no contexto da Revolução Industrial, em torno do século XIX, ocorreu um aumento de mulheres empregadas; o que deu início a uma jornada de longos períodos de trabalho fabril. Em contraponto a esse aumento, os salários eram inferiores, levando-se em consideração aos dos homens. Nesse contexto o feminismo se fortificou como um aliado do movimento operário em busca de melhorias trabalhistas.

Em Nova York deu-se episódios relevantes na conquista dos direitos das mulheres que aconteceram em 1857 e 1911: as greves. A primeira com ocorrência marcada no dia 8 de março, ligada à luta das operárias têxteis, que paralisaram suas atividades e tiveram a repressão da polícia por reterem suas atividades durante uma semana. Em 1911, a greve de 25 de março terminou com 146 mortes (mais de 100 mulheres), devido ao incêndio na fábrica Triangle Shirtwaist Company. Os acontecimentos acima, sem dúvida, ajudaram a instituir o março como mês da mulher e o dia 8 como o Dia Internacional da Mulher.

Figura 5 – Imagem do incêndio na fábrica Triangle Shirtwaist Company.



Fonte: Site do Wikipédia¹⁹

Houve também uma participação fortalecida por parte da Rússia. No dia 8 de março de 1917, operárias russas foram às ruas em protesto contra o czar Nicolau 2º, pela ingressada do país na 1ª Guerra Mundial, contra a fome e os baixos salários.

Com efeito, depois da década de 1930, o feminismo perde força, voltando a ser fortemente difundido a partir da década de 1960. Nesse meio tempo, em 1949, Simone de Beauvoir lança seu livro *O Segundo Sexo*, que norteia o movimento feminista moderno. (D'ANGELO; NETO, 2013).

Em 1961, dois americanos, Gregory Pincus e Carl Djarassi, desenvolvem com incentivo da feminista e ativista social, Margaret Sanger, "obcecada pelo desejo de dar às mulheres o direito de controlar a própria fertilidade" (LAGE, 2015), um medicamento voltado aos distúrbios da menstruação.

A pílula anticoncepcional, atualmente usada por mais de 100 milhões de mulheres diariamente, surge na mesma época em que o feminismo aparece como movimento libertário que, não somente busca um espaço para a mulher, mas também – e principalmente – tem como objetivo explicitar a relação de dominação de homens sobre mulheres e, assim, redefinir o modelo de relação de poder que existe entre os dois sexos, de maneira que as mulheres tenham liberdade e autonomia para decidir sobre suas próprias vidas (D'ANGELO; NETO, 2013).

Os grupos feministas e os movimentos populares de mulheres proliferaram durante os anos 70 e início dos 80. E com o tempo a ideologia feminista começa a ganhar aderência dentro de outras esferas da sociedade; em que demais mulheres passam a se autodenominar feministas, e a levantar a bandeira do movimento, lutando

¹⁹ https://pt.wikipedia.org/wiki/Inc%C3%AAndio_na_f%C3%A1brica_da_Triangle_Shirtwaist

por uma série de causas; e unindo-se a outros movimentos igualmente estereotipados pelas convenções arcaicas da população, como a dos gays e a dos negros.

Para Caldwell (2000), a chamada terceira onda do feminismo, que se desenvolveu nos anos 1980 e 1990, desafia os paradigmas unitários de gênero construídos pelas feministas brancas, de classe média, nos anos 1960 e 1970.

3.3 Feminismo e a Pluralidade

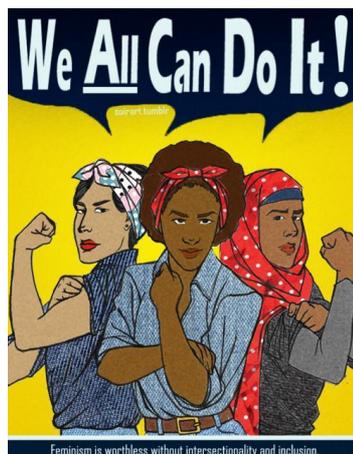
O descontentamento dos modelos e discursos feitos por feministas brancas levaram outros coletivos de mulheres a utilizarem suas próprias experiências de exclusão, opressão e discriminação. Bem como de resistência, relacionadas à raça e sexualidade; à desenvolver novas e próprias maneiras de abordar os conceitos de gênero e feminismo. Visto que nas primeiras ondas o enfoque dado pelo feminismo ao gênero como exclusiva fonte de opressão das mulheres não lograva estabelecer relações entre sexismo e outras formas de dominação. (MAYORGA, 2014, p.226).

Deu-se o feminismo plural, fruto da intersecção das diferenças presentes nas próprias mulheres. Opressões diversas baseadas em categorias sociais como: cor, etnia, sexualidade, classe, capacidades físicas e/ou mentais etc., para além somente de seu gênero.

A exemplo, o feminismo negro começou ganhar visibilidade na década de 1980, quando lutava pela visibilidade da mulher negra enquanto sujeito político visível e singularizado em suas demandas. Como herdeiras da escravatura, carregavam a estigma de subordinação não só do homem, mas também, da mulher branca. Diferenciando as suas batalhas do feminismo branco, tinham além do sexismo a soma do racismo a ser enfrentado. (MOREIRA, 2007).

Foi a partir da herança do *Black Feminism*, que segundo Hirata (2014) a conceitualização da “interseccionalidade” veio fortemente à tona, nos anos 80, em países anglo-saxônicos, dentro de um quadro interdisciplinar, por Kimberlé Crenshaw e outras pesquisadoras inglesas, norte-americanas, canadenses e alemãs.

Figura 6 – Imagem baseada na propaganda de guerra dos Estados Unidos, fazendo referência ao feminismo plural.



Fonte: Site do The Clyde Fitch Report.²⁰

A interseccionalidade é uma proposta para “levar em conta as múltiplas fontes da identidade”, embora não tenha a pretensão de “propor uma nova teoria globalizante da identidade” Crenshaw (1994, p. 54). Trans (binárias ou não), bi, lésbicas, héteros. Negras, brancas, indígenas. Liberais, socialistas, ricas, pobres, classe média. "O feminismo surgiu para a conquista do voto. Não se pensava nas diferenças, era uma mulher universal, singular. Com o tempo, outras identidades querem participar, até porque acham o feminismo emancipador. O acolhimento faz parte do movimento que é utópico". (MESSEDER, 2015).

Intersecção é de "geometria variável" (Hirata, 2014), incluindo, as relações sociais de gênero, de classe e de raça, outras relações sociais, e a de sexualidade, de idade, de religião etc. Portanto passa a ser considerada importante.

Apesar do conceito ser trabalhado em torno dos anos 90, é anterior entre as mulheres, a preocupação em entrelaçar distintas formas de diferenciações sociais (e de desigualdades). Um das contribuições simbólicas da pluralidade é o manifesto de 1977 do Combahee River Collective. Tratava-se de um coletivo de feministas negras e lésbicas em Boston entre 1973 e 1980. O coletivo se fortalecia no favor à luta articulada contra a opressão sexual das mulheres, e também contra outras formas de dominação e de desigualdades baseadas em racismos, heterossexismos e exploração por classe social. (BASSEL, 2010; HULKO, 2009; DAVIS, 2008; ZERAI, 2000, ETC.).

A ampliação do espaço de criatividade e de observação levaram o feminismo a mergulhar em um exercício de criatividade para conceber "as transformações que a

²⁰ <http://www.clydefitchreport.com/2014/11/intersectionality-is-a-practice-not-an-identity/>

presença das mulheres podem aportar ao campo cultural geral" (MARINI, 1990) e em todos os aspectos da vida social.

3.4 A Luta Atual.

De acordo com Cunha (2013), as mulheres tiveram conquistas com relação ao voto, trabalho, remuneração, divórcio, proteção no caso de violência doméstica, mas essas demandas ainda precisam de avanços.

Como exemplo, a porcentagem da diferença salarial está diminuindo com o tempo, mas há muito que se fazer. Se em 1995 ela era de 40% e em 2011 esteve na faixa de 20%, diminuindo pela metade em 16 anos. (CARDOSO, 2010).

Além dos avanços, existem ainda assuntos em aberto, como é o caso do aborto (CUNHA, 2013). Grupos de mulheres – como a Marcha das Vadias, no Brasil, e as ucranianas do *Femen*²¹ -- ainda lutam pelo direito da mulher na escolha do aborto não apenas em caso de estupro ou riscos para a saúde.

Diferente de outros 50 países que já permitem o chamado aborto voluntário, como EUA, Canadá, Cuba, Japão e China. Visto que a cada ano, aproximadamente 18 milhões de mulheres abortam de forma clandestina e cerca de 13% da mortalidade materna no planeta são atribuídos a abortos malsucedidos. No Brasil, apesar das estimativas em 2001 indicarem que 10% das gestações acabam em aborto; que se constitui na quarta causa de óbito materno no país, vitimando 9,4 de cada 100 mil gestantes; o aborto ainda só é permitido em algumas situações: quando há risco para a mulher, em caso de estupro e para fetos com anencefalia. Esta última aprovada em 2012 (CUNHA, 2013). Apesar da questão voltar à avaliação recentemente.

Outra questão que ainda precisa de avanços, é a punição da violência contra mulher. Esta violência traz em seu seio, a "relação com as categorias de gênero, classe e raça/etnia e suas relações de poder". De modo que estão relacionadas por uma ordem patriarcal existente na sociedade brasileira, a qual atribui aos homens "o direito a dominar e controlar suas mulheres, podendo em certos casos, atingir os limites da violência". (PINAFI, 2007).

Essa violência ganha definição nas diversas situações: "como a violência física, sexual e psicológica cometida por parceiros íntimos, o estupro, o abuso sexual de meninas, o assédio sexual no local de trabalho, a violência contra a homossexualidade, o

²¹ <http://femen.org/>

tráfico de mulheres, o turismo sexual, a violência étnica e racial, a violência cometida pelo Estado, por ação ou omissão, a mutilação genital feminina, a violência e os assassinatos ligados ao dote, o estupro em massa nas guerras e conflitos armados". (GROSSI, 1995).

Segundo publicação do Instituto Avante Brasil²²: "O Sudeste Asiático é a região na qual as mulheres estão mais expostas em sofrer algum tipo de violência. Nessa região, a prevalência de mulheres que sofreram algum tipo de violência física ou sexual durante a vida chegou a 37,7%, de acordo com a pesquisa. Na região do Mediterrâneo Oriental (região que compreende países como Iraque, Turquia, Palestina, Israel e também a Grécia), a taxa de violência física e sexual contra a mulher chega a 37%. Já na África, um dos continentes mais conhecidos pela violação da integridade física e sexual da mulher, chega a 36,6%. Nas Américas a taxa de violência contra mulher chegou a 29,6%, enquanto na Europa contabilizou 25,4% e no Pacífico 24,6% "

Figura 7 – Gráfico referente a violência sexual sofrida pelas mulheres.



Fonte: Site do Terra²³

Conforme Cunha (2013), no Brasil, a questão ganhou reforço com a Lei Maria da Penha em 2006, com aumento a punição dos agressores, e recentemente foi classificada como crime de tortura. Mas, em 2012 do Governo Federal, relatou que a cada 5 minutos uma mulher é agredida no país. Em 80% dos casos, o agressor é o marido, companheiro ou namorado.

Essa alta aproximação do agressor também é mostrada quando 48% das mulheres agredidas declaram que a violência aconteceu em sua própria residência (IBGE, 2009). 56% dos homens admitem que já cometeram alguma dessas formas de agressão: Xingou, empurrou, agrediu com palavras, deu tapa, deu soco, impediu de sair de casa, obrigou a fazer sexo (Data Popular/Instituto Avon 2013).

²²<http://institutoavantebrasil.com.br/38-das-mortes-de-mulheres-no-mundo-sao-agredidas-pelos-parceiros/> Acesso em 10 de out. 2015

²³ <http://noticias.terra.com.br/mundo/violencia-contra-mulher/>

Como forma, também, de violência, o estupro atinge 89% de pessoas do sexo feminino (entre crianças e mulheres). Entre as vítimas de 14 e 17 anos, 94% são meninas. E 527 mil pessoas são estupradas por ano no Brasil e, destes casos, apenas 10% são notificados. (IPEA, 2014).

No campo do trabalho, e não menos importante, a forma de assédio sexual também merece atenção. No Brasil, conforme pesquisa realizada, no princípio do ano de 1995, em doze capitais, constatou que 52% das mulheres que trabalham já foram assediadas. (BRASMARKET, 1995).

Segundo análise de Barifouse (2015) o resultado dos assédios está atrelado aos receios mais comuns entre as vítimas de que não o denunciaram: o medo de perder o emprego (39%) e sofrer represália (31,6%). Não sendo apenas um medo infundado, pois, entre os que denunciaram, 20,1% afirmaram terem sido demitidos e 17,6% disseram ter sofrido algum tipo de perseguição.

Ainda que muitos países possuam avanços com relação ao direito das mulheres, outros países com tradições culturais patriarcais, os direitos das mulheres ainda são um tabu. Por exemplo, Na Índia, a violência contra as mulheres é demonstrada nos casos de estupro que chamam atenção em todo o mundo, expondo o aumento e a impunidade de crimes praticados contra a mulher. Outros países asiáticos também são vistos como desfavoráveis a segurança das mulheres. No Afeganistão, até 80% das mulheres se casam contra a sua vontade, enquanto no Paquistão, sua participação na sociedade é limitada e elas chegam a ganhar até 82% menos do que os homens. (CUNHA, 2013).

Sob um olhar de Pinafi (2007), faz-se necessária a urgência da compreensão, por parte de toda sociedade, de que "os Direitos das Mulheres são Direitos Humanos". Deve-se modificar a cultura de subordinação calcada em questões de gênero, visto que desencadeia desequilíbrios para além da ordem física, também; econômica, familiar e emocional.

4. MULHERES E O DESENVOLVIMENTO DAS TIC'S.

A história das TIC's se funde a história das ciências, já que sua história inicialmente entorna a da matemática, uma vez que com os computadores foi possível desenvolver cálculos complexos com maior rapidez. Conforme descreve (SCHWARTZ et al., 2006) a relação é formada pelas ideias e invenções de muitos matemáticos, cientistas e engenheiros. Os quais se sentiam frustrados com o fato de “perder tempo

efetuando longos e fastidiosos cálculos, que, aliás, são maquinais e repetitivos”. (BRETON, 1991, p.63). Assim, pensar na história das TIC's, é refletir sobre a história da ciência.

Ao refletir sobre as áreas nos âmbitos das TIC's como mais uma vertente de estudos científicos não se pode imaginar que as mulheres tenham contribuído de forma singular para o desenvolvimento, como afirma Light com olhar para ciência da computação, “A omissão da mulher na história da computação perpetua o mal entendimento da mulher como desinteressadas ou incapazes nesta área”. (LIGHT, 1999, p.455).

A participação feminina no meio científico enfrenta problemas. O método científico, por exemplo, desvaloriza características tidas como femininas como a “subjetividade, cooperação, sentimento e empatia”. (SCHIEBINGER, 2001, p.24).

Walkerdine (1995), escreve que um motivo das barreiras encontradas pela mulher na ciência é por ser condenada ao atributo de ser não pensante, e se o faz, recebe reprovação. Seu raciocínio recebe conotação ameaçadora à "masculinidade raciocinante".

Para Citeli (2000), a negação da participação feminina nas ciências é por esta ser definida historicamente como "objetiva, universal, impessoal e masculina”.

Já Berman (1997), traz um olhar direto as interferências sociais. Pois, descreve a ciência como parte integrante a sociedade, e a maneira particular pela qual é expressa afeta profundamente o seres humanos. Assim, esclarece (SCHUARTZ et al., 2006) sob olhar de Berman. A ciência é uma ferramenta relevantemente dominante, pois oferece subsídios para que a classe dominante demonstre seu poderio sobre a classe dos dominados e, por vez, permitir a inclusão das mulheres pode ameaçar a hegemonia dos que estão no poder.

Historicamente é possível notar que para as mulheres era mais fácil trabalhar com ciência nos séculos XVII e XVIII, pois “Não estava claro nesse período que as mulheres deveriam ser excluídas da ciência”. (SCHIEBINGER, 2001). Nessa época, os laboratórios eram em ambientes familiares, e a graduação não era necessária. Além de uma organização menos rígida, que permitia a mulher na exploração do contexto científico.

Tosi, declara que nesse ambiente as características femininas foram aproveitadas, em prol da ciência, como: “habilidade manual, destreza, sentido de observação, inteligência, imaginação e capacidade de trabalho”. (TOSI, 1998, p.380).

Mesmo com acesso limitado a educação, algumas estudaram e lecionaram em universidades a partir do século XIII e chegaram a prosperar em suas atuações na área da física e da matemática. Considerados hoje, especialmente resistentes às incursões femininas.

Até que então, a ciência passou a fazer parte da esfera pública, espaço atribuído especificamente aos homens, excluindo a mulher à sua esfera privada e à manutenção da família, do meio científico. (SCHWARTZ et al., 2006), descreve que até tal período, a divisão não era clara, e a partir de uma reestruturação da cultura, a ciência passou a ser vista como masculina. Isto deixou as mulheres com opções limitadas ao acesso científico. Que se daria pelo meio universitário, com pouco êxito até século XX. Ou por meio da família, como assistentes de maridos, pais ou irmãos que estivessem inseridos no campo científico.

Torna-se claro que olhar a ciência como ocupação específica dos homens, acreditando que a competência da mulher era inferior, foram barreiras na construção das carreiras femininas bem-sucedida no mundo científico. (TABAK, 2002, p.57).

O incremento da participação feminina nas ciências é um evento que vem ocorrendo desde o movimento de mulheres de 1870 e 1880 no mundo inteiro. Pois, nota-se que a ciência moderna é um produto de centenas de anos de exclusão das mulheres; os processos de participação das mulheres no meio científico exigiu; e vai continuar a exigir, profundas mudanças estruturais na cultura, métodos e conteúdo da ciência. (SCHIEBINGER, 2001, p.37).

Não há como pensar em ciência sem paralelamente pensar na sociedade e na cultura onde está sendo desenvolvida. Conforme Berman discute, não existirá relações discriminatórias ou exploratórias na ciência, quando existirem relações igualitárias caracterizadas na própria sociedade. (BERMAN, 1997, p.248).

A Comissão para a Condição Jurídica e Social da Mulher da ONU, em março de 2011, reconheceu em sessão que “a educação de qualidade, o acesso e a participação plena e em condições de igualdade na ciência e na tecnologia para as mulheres de todas as idades são imprescindíveis para se conseguir a igualdade entre os gêneros e o empoderamento da mulher”. Além disso, a ONU reconhece que “a pesquisa e desenvolvimento da ciência e tecnologia, e sua divulgação, tem respondido de modo insuficiente às necessidades da mulher” e também, realça a necessidade de existir, entre os países, maior cooperação, inclusive mediante a cooperação internacional e a transferência de tecnologia “especialmente em direção aos países em desenvolvimento, a

fim de avançarem em direção à igualdade no acesso da mulher à ciência e tecnologia, aumentando sua participação”. (NAÇÕES UNIDAS, 2011).

Os agentes políticos não omitem a existência da brecha digital de gênero, porém, as diretrizes de inclusão e exclusão continuam sendo determinadas por mercados, agentes econômico e a própria sociedade.

Importante lembrar que, a questão de gênero é a discussão levada ao longo deste trabalho, porém não se pode esquecer que: raça, classe, etnia, além de outros marcadores que também permeiam o ambiente científico como fatores de discriminação.

Conforme Rapkiewicz (1998, p.171), as mulheres são consideradas inaptas nas áreas tecnológicas, do mesmo modo como nas áreas científicas. A tecnologia é considerada “coisa de homem”. Silva e Carvalho (2003), declaram que essa ideia proporciona o estereótipo de que as mulheres não possuem aptidão para ciência, nem para tecnologia.

Lubar (1998), descreve que quando os primeiros computadores começaram a ser utilizados parecia obvio que seria uma área feminina, já que cabiam as mulheres a atividades de “computar”. Desta forma, seria normal que continuassem, com auxílio do artefato desenvolvido: o computador. Assim, muitas pioneiras, além de serem mulheres, eram formadas e vinculadas às áreas de matemática e ciência.

A ausência de representação das mulheres na sociedade da informação é um fato bastante estudado. Alguns pesquisadores recuperam o papel das mulheres ao longo da história, na área da informática (RAPKIEWICZ, 1998; PLANT, 1998, SCHWARTZ, 2007), outros buscam através de mapeamentos as posições conquistadas pelas mulheres no setor empresarial (ROCHA, 2006), alguns trabalhos tem elaborado indicadores de inclusão e exclusão (CASTAÑO, 2005, 2010, 2011) e muitos, analisam os usos das tecnologias da informação e comunicação (TIC's) e a relação ao empoderamento das mulheres nas organizações (CHOUDHURY, 2009; JENSEN, 2009).

A realidade, atualmente, da mulher envolvida nas áreas científicas ligadas a tecnologia, não é essa. Nos últimos anos se constata uma queda na procura por cursos de Ciência da Computação e áreas afins. A diminuição do número de mulheres interessadas na carreira computacional é ainda mais significativa (Cabral 2007; Coder et al.2009; Cheryan et al.2009).

Segundo Nogueira ([200-]), o número de mulheres que escolhem as ciências; principalmente as exatas e tecnológicas, é muito mais baixo que o de rapazes. Apenas

20% dos estudantes de graduação de física no Brasil, em 2000, eram mulheres. É a mesma taxa do Reino Unido e dos Estados Unidos. No Japão e na Suécia, tal índice não chega a 15%.

Conforme se avança na jornada científica, torna-se mais escasso o número de mulheres. Isso pode ser demonstrado na classificação conferida pela bolsa de produtividade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), onde nos estágios iniciais da carreira acadêmica, as mulheres representavam no ano passado pouco mais de um terço dos pesquisadores, em todas as áreas. No topo, os bolsistas considerados 1A²⁴, a taxa de mulheres cai para 23%. Nas ciências exatas, a disparidade é ainda maior. Entre os físicos, as mulheres respondiam por apenas 3% das bolsas 1A em 2005. (NOGUEIRA, [200-]).

Figura 8 – Gráfico referente a divergência de carreira entre gêneros.



Fonte: Site da Revista Época²⁵

Conforme Bilton (2014) essa tendência é visível nas grandes empresas do setor de TIC's. 83% dos engenheiros, na *Google*, são homens. Dos 36 executivos e gerentes de mais alto escalão da empresa, apenas três são mulheres. 85% dos profissionais de tecnologia do *Facebook* são homens, também. E 80% dos trabalhadores na área tecnológica da *Apple* é formada por homens.

Nota-se que a participação das mulheres em decisões de infraestrutura física e lógica das redes digitais em todo o mundo ainda é baixa. Nas políticas públicas; em ministérios e secretarias do governo dos países, também existem poucas mulheres. Assim como são pequenos os números de representantes na área da computação, empreendedoras da área das TIC's, programadoras, desenvolvedoras de softwares e administradoras de sistemas. "A diferença digital de gênero é global". (NATANSOHN, 2013).

²⁴ 1A é o nível mais elevado das bolsas de produtividade em pesquisa do CNPq.

²⁵ <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDR79196-6014,00.html>

Um dos desafios é entender as possíveis causas do desinteresse das mulheres pela área, por que as mulheres se desinteressam pela área. Alonso (2007) fala de uma “fratura tecnológica de gênero”, que se daria por uma combinação de variáveis: pela alfabetização (pois, para acessar a rede é preciso saber ler e escrever), pela falta de capacitação em informática básica e domínio do inglês - língua predominante em nível global -, pelos recursos econômicos escassos para pagar o acesso, pela existência de conteúdos úteis às mulheres e pela inserção de mais mulheres nos contextos de desenvolvimento da ciência e da tecnologia. A epistemologia feminista vai mais além e entende a ruptura como apenas uma das manifestações de algo mais estrutural, que é a expulsão das mulheres da ciência com um duplo resultado:

Impedir nossa participação nas comunidades epistêmicas que constroem e legitimam o conhecimento; e expulsar as qualidade consideradas “femininas” de tal construção e legitimação, inclusive considerá-las como obstáculos. (MAFFIA, 2007).

Garcia (2004), escreve sobre a existência de pessoas que acham que mulheres têm uma predisposição genética para não gostarem de computador. E que isso é reforçado pelas mães, secretárias, namoradas que repetem, com orgulho, que não entendem nada e odeiam computadores.

Outra razão, segundo Schiebinger (2001), é a falta ou a apresentação de modelos femininos a serem seguidos. Rapkiewicz (1998), aponta que as principais contribuições dadas pelas mulheres, na área da computação, foram durante a evolução do software. Isso fez com que “elas permanecessem invisíveis na forma como a história da informática é contada. Talvez porque esta história seja contada na maioria das vezes com base na evolução do hardware e suas diferentes gerações”. (RAPKIEWICZ, 1998, p.215).

4.1 Pioneiras nas TIC's.

Apesar de autores como, Light Rapkiewicz e Silva e Carvalho apontarem a idéia de que as mulheres não possuem competência para a tecnologia; elas foram relevantes no âmbito científico, em especial na informática, apesar de na maioria das vezes, permanecem invisíveis, suas participações foram significativas.

Conforme Matsuura²⁶ aborda o assunto em uma publicação no Jornal *O Globo*, demonstrando que apesar de serem minorias na indústria de tecnologia; com a ausência de seus trabalhos, provavelmente os computadores não existiriam na forma como conhecemos hoje. E reconhece que elas ficaram relegadas a segundo plano, apesar de muitas vezes exercerem papel central em estudos e pesquisas.

Com esse mesmo reconhecimento, a Casa Branca lançou um programa no início do ano na tentativa de resgatar a história “perdida” dessas mulheres nas ciências e na tecnologia, como tentativa de inspiração para participação feminina nos campos.

4.1.1 Ada Lovelace.

Figura 9 – Imagem de um quadro retratando Ada Lovelace.



Fonte: Site do Computer History²⁷

Ada Augusta Byron King, Condessa de Lovelace, mais conhecida como Ada Lovelace, nasceu em 10 de Dezembro de 1815. Foi uma matemática e escritora inglesa. Escreveu o primeiro algoritmo de computador, propôs a ideia de que as humanidades e a tecnologia devem conviver e idealizou o conceito de inteligência artificial. (BILTON, 2014).

Única filha legítima do poeta inglês Lord Byron e Anne Isabella Milburke. Ada Lovelace, trabalhou juntamente com Charles Babbage, e, ficou conhecida por ter escrito um programa que poderia utilizar a máquina analítica idealizada por Babbage.

Charles Babbage, considerado o pai do computador atual, foi responsável em 1830, pela construção do primeiro computador do mundo, cem anos antes de se tornar realidade. Com a necessidade do computador ser mecânico, o projeto de Babbage

²⁶<http://oglobo.globo.com/sociedade/historia/hoje-minoria-na-industria-de-tecnologia-mulheres-foram-fundamentais-na-genese-da-computacao-15336779>. Acesso 1 de nov de 2015.

²⁷<http://www.computerhistory.org/babbage/adalovelace>

apresentava desvantagens. Além disso, a precariedade da engenharia da época não contribuía. Apesar dos problemas, Charles Babbage construiu um aparelho que é impressionante à sua época. (ANJOS et al, 2012).

Nos anos seguintes, outros projetos foram feitos na tentativa de aperfeiçoar essa primeira calculadora. Porém, nada de significativo ocorreu, até que Babbage e Ada Lovelace começaram a considerar melhor o problema.

Com Ada Lovelace, filha de Lord Byron, iniciou um projeto mais ambicioso para construir uma "máquina analítica". Foi projetada para calcular valores de funções matemáticas bem mais complexas que as funções logarítmicas. A máquina era enorme, demonstrava inúmeros problemas e simplesmente não funcionava. (Fonseca Filho, 2007).

Conforme descreve Romanzoti (2012), Ada passou a se corresponder com Babbage estudando seu projeto, e sendo descrita por ele como “a encantadora de números”. Admirado com a desenvoltura de Ada, Babbage a convidou para traduzir uma peça escrita em italiano por Luigi Menabrea. Descrevendo o “motor analítico”, para que pudesse ser publicada na Inglaterra. Além de traduzir o artigo sobre o funcionamento da máquina analítica (também chamado de computador mecânico), ela acrescentou próprias anotações à tradução que eram mais longas do que o texto em si. A última seção das anotações é considerado o primeiro programa de computador da história: um algoritmo para calcular números de Bernoulli. Ela também especulou sobre a possível capacidade da máquina de criar gráficos e música complexa.

Para alguns autores (Romanzoti, 2012; Celeste, 2014), a maior contribuição de Ada Lovelace à programação foi vislumbrar que o computador mecânico poderia fazer outras operações além de simplesmente fazer contas com números.

Apesar de sua enorme contribuição Bilton (2014), escreve que Lovelace foi praticamente ignorada também em seu próprio tempo. Em 1843, quando o Periódico *Scientific Memoirs*, recebeu suas anotações semanais sobre computação, os editores recuaram e disseram a um colega dela; Charles Babbage, deveria assinar o texto no lugar de Lovelace, "como convém a um homem".

Sua contribuição científica foi tão grande, que o Departamento de Defesa dos EUA registrou, em 1980, a linguagem de programação Ada, em sua homenagem.

4.1.2 Grace Murray Hopper.

Figura 10 – Imagem com representações da trajetória histórica de Grace Hopper.



Fonte: Site do Geek²⁸

Grace nasceu em Nova Iorque, em 9 de dezembro de 1906. Bisneta de um almirante da Armada dos Estados Unidos e neta de um engenheiro civil. Foi uma analista de sistemas e também militar da Marinha dos Estados Unidos nas décadas de 1940 e 1950.

Considerada pioneira nos estudos da computação, uniu-se às forças armadas em plena segunda guerra mundial. Posteriormente sendo enviada à Harvard para trabalhar em um projeto de computação, a construção do Mark I²⁹

Criou a linguagem de programação Flow-Matic³⁰, hoje extinta. Esta linguagem serviu como base para a criação do COBOL. Grace, foi pioneira na ideia de criar um software que traduzisse as instruções fornecidas em uma linguagem humana comum, como o inglês para a linguagem de máquina, linguagem binária. Apesar de não aceita esta ideia em sua época, os compiladores, tornou-se um forte e evidente avanço nas ciências da computação. A idealização do compilador desdobrou-se na criação do COBOL (Common Business Oriented Language), que foi a primeira linguagem de programação de computadores a se aproximar da linguagem humana ao invés da linguagem de máquina.

²⁸<http://www.geek.com.br/posts/19076-grace-hopper-almirante-da-marinha-dos-eua-e-visionaria-da-computacao-por-seis-decadas>

²⁹ O MARK I era um computador, totalmente eletromecânico, construído em 1944 pelo professor Howard Aiken da Universidade de Harvard em Cambridge U.S.A..O MARK I foi construído na sequência da celebração, em 1939, de um contrato entre a Marinha dos Estados Unidos da América (US Navy) e a Universidade de Harvard para construção de uma calculadora de tabelas para uso na navegação. (MUSEU DO COMPUTADOR - UEM).

³⁰ FLOW-MATIC, originalmente chamada B-0 (*Business Language version 0*), foi a primeira linguagem de programação assemelhada ao inglês. (SAMMET,1969).

Conforme declara Fonseca Filho (2007), esteve envolvida na construção do UNIVAC³¹ e trabalhou no primeiro compilador que se tem notícia; o A-2, e em uma das primeiras linguagens matemáticas; originalmente chamada A-3 e depois MATHEMATIC. Em 1955 trabalhou na equipe que elaborou as primeiras especificações para uma linguagem de uso comercial; originalmente chamada B-0, depois FLOW-MATIC, que forneceu inúmeras características para o COBOL.

Grace, também foi a pessoa que introduziu o termo BUG, referenciando-se a algum erro dentro do código do software. Quando encontrou uma mariposa (*bug*) que interrompia os circuitos do computador (KATCHBORIAN, 2013).

4.1.3 Pioneiras do ENIAC.

A Universidade da Pensilvânia, em 15 de fevereiro de 1946, apresentou o que ficou conhecido como “Pai dos computadores modernos”. O ENIAC (*Electrical Numerical Integrator and Computer*) foi o primeiro computador digital completamente eletrônico da história a ser reconhecido.

O funcionamento da máquina- que, aliás, era enorme: ocupava várias salas inteiras- era parecido com uma calculadora simples dos dias de hoje e exatamente por isso precisava ser operada manualmente para funcionar de modo correto, descreve Ulbrich (2012).

No início dos anos 40, período da II Guerra Mundial, o governo americano, através de um chamado, solicitou reforços para se juntar a guerra em todas as áreas possíveis. Inclusive em algumas funções que eram exclusivamente masculinas antes da guerra.

Segundo Ulbrich (2012), a descrição do primeiro trabalho para programadores da história que chegou às mãos de 80 mulheres foi: “Requer esforço físico, criatividade mental, espírito inovador, e um alto grau de paciência”.

O ENIAC, pesada 30 toneladas e ocupava 180 m² de área construída. Utilizava apenas a tecnologia das válvulas (aproximadamente 18.000) e tinha como objetivo calcular a trajetória de mísseis com uma precisão maior. Era capaz de fazer, por segundo, 500 multiplicações, mas este magnífico invento só ficou pronto em 1946, meses depois do final da guerra.

³¹ Em 1951, o UNIVAC (Universal Automatic Computer) foi entregue ao "U.S. Census Bureau" como sendo o primeiro computador produzido comercialmente para uso civil. Foi fabricado em série, encomendado pelo Censo dos Estados Unidos e desenvolvido pela "Remington Rand", sob liderança de J. Presper Eckert e John W. Mauchly. (UFPA, 2015).

Assim, milhares de mulheres se juntaram às forças militares. Dentre estas, estava uma equipe do Laboratório de Pesquisas Balísticas (Ballistic Research Lab - BRL), do exército americano cujo propósito era realizar cálculos de trajetórias e tabelas balísticas que eram utilizadas diretamente nas batalhas. (BARONE, 2015).

A programação do ENIAC era feita através de 6.000 chaves manuais. A cada novo cálculo, existia a necessidade de se reprogramar algumas destas chaves.

Era altamente entediante e repetitivo, mas esse trabalho braçal era de suma importância para o exército. Sem mencionar que o resultado era dado em binário por meio de uma sequência de lâmpadas. “Não é à toa que a maior parte dos programadores da época eram mulheres, só mesmo elas para ter a paciência necessária para programar e reprogramar esse emaranhado de chaves várias vezes ao dia”. (PALOMAR, [200-]).

Cada cálculo era feito à mão (lápiz, papel e uma calculadora de mesa), segundo alguns historiadores, algumas trajetórias mais complexas levavam até 12 horas para serem concluídas e revisadas. As pessoas que trabalhavam com essas atividades recebiam o nome de “computadoras” e até a conclusão do ENIAC, essas duas operações nada tinham em comum. Depois de finalizada a construção do hardware propriamente dito, havia a necessidade de testar e programar a execução dos cálculos e, nesse momento, ninguém melhor que as “computadoras” do BRL para realizar o feito.

Dentre elas foram selecionadas as seis primeiras programadoras da história. Kathleen McNulty Mauchly Antonelli, Jean Jennings Bartik, Frances Snyder Holberton, Marlyn Wescoff Meltzer, Frances Bilas Spence and Ruth Lichterman Teitelbaum. Eram formadas em matemática (exceto Betty, que era jornalista por formação, mas matemática por natureza).

Apesar da relevância destas mulheres na história das TIC's, Alegre (2015), relata que por 40 anos ficaram desconhecidas. Contudo, em 1997 seus trabalhos foram reconhecidos. Juntamente com suas contribuições no papel do desenvolvimento tecnológico pelo IEEE (Instituto de Engenheiros Elétricos e Eletrônicos) e seus nomes foram incluído no Hall da Fama Trigo (Mulheres na Tecnologia Internacional).

“Foi graças à essas mulheres que o ENIAC tinha a perfeita habilidade de calcular em tão pouco tempo, com tanta precisão para atingir o seu objetivo nos cálculos exigidos. A velocidade chegava a ser mais rápida do que uma bala. E veja bem: o projeto ainda estava sob construção e todas elas não dispunham de ferramentas e tecnologias que temos em mãos hoje”. (ULBRICH, 2012).

Figura 11 – Imagem das participantes pioneiras do projeto ENIAC.



Fonte: Site do Tecnomizadores.³²

4.1.4 Adele Goldstine.

Adele Katz, nome de nascimento de Adele Goldstine, nascida em Nova Iorque em 21 de Dezembro de 1920, foi programadora estadunidense. Ela trabalhou durante a Segunda Guerra Mundial, e em 1946 reformulou o famoso computador ENIAC, permitindo ao computador executar uma nova tarefa sem a necessidade de que fosse reconfigurado todo o sistema, assim, “estava capacitado a executar um conjunto de cinquenta instruções armazenadas” (Jones, 1999). Além disso, ela escreveu o manual para o ENIAC.

4.1.5 Outras Mulheres

Rosa Peter.

Principal idealizadora da teoria de funções recursivas, que resultou no livro "*Recursive Functions*" em 1951, que se tornou a referência padrão no assunto. Mais tarde aplicou essa teoria aos computadores, escrevendo o livro "*Recursive Functions in Computer Theory*" em 1976.

Erna Schneider Hoover.

Supervisora, sendo a primeira mulher, de um departamento técnico da Bell Labs. Criou, para ligações telefônicas, um sistema de chaveamento computadorizado ajudando a eliminar o sério problema de sobrecarga do sistema, e que possui os princípios utilizados até hoje em comunicação pública e até mesmo na Internet.

Fran Allen.

Pioneira no campo de otimização de compiladores. Fundadora do grupo Parallel TRANslation (PTRAN). Foi presidente da *IBM Academy of Technology*. Sendo a primeira mulher nomeada como "*IBM Fellow*".

³² <http://tecnomizadores.blogspot.com.br/2012/03/las-mujeres-de-eniac.html>

Pat Selinger.

Uma das principais integrantes responsáveis na construção do o System R, a primeira prova que a tecnologia de bancos de dados relacionais era viável. Sua participação resultou na otimização de buscas baseada em custos que foi adotado por quase todos os bancos de dados relacionais vendidos hoje.

Anita Borg.

Cientista da computação no laboratório de pesquisa da Xerox em Palo Alto. Criadora de diversas iniciativas ligadas a mulheres e tecnologia. Auxiliou na criação de um S.O. baseado em Unix tolerante a falhas. Além disso, desenvolveu métodos de endereçamento para memórias de alta velocidade.

Esther Dyson.

Reconhecida consultora e filósofa do campo de tecnologia digital emergente. Também é analista de alta-tecnologia, autora de livros e artigos, palestrante, investidora, lobista, diretora de diversas entidades, etc . E autora do livro *Release 2.0: A design for living in the digital age*.

Justyna Horwat.

Trabalhou na JavaSoft, uma divisão da Sun, nas implementações de JSP. Standard Tag Library, Tomcat, JSPs, Servlets, e JSF. Em 2002 tornou-se a primeira mulher desenvolvedora a ser eleita membra da Apache Software Foundation.

Danese Cooper.

Participa da diretoria da Open Source Initiative. Trabalha para a Intel dando assessoria sobre código aberto. Trabalhou por seis anos na Sun, onde era Sun's Chief Open Source Evangelist e fundou o Sun's Open Source Programs Office. Participou da criação dos projetos OpenOffice.org, java.net e blogs.sun.com

Allison Randal.

Iniciou sua carreira como pesquisadora de linguística na Africa, mas sua paixão por programação a fez mudar das linguagens naturais para as artificiais. É Presidente da Perl Foundation, gerente de projeto do Perl 6 e participante do Perl 6 design team. Também trabalha como editora da O'Reilly.

Claire Giordano.

Contribui para o Solaris desde a época do SunOS 5.0. Atualmente participa do projeto OpenSolaris, tendo dirigido os esforços de abertura do código do Solaris tanto na parte de engenharia como na criação da licença CDDL.

Rebecca Gurley Bace.

Trabalhou por 12 anos na NSA, onde liderou pesquisas sobre detecção de intrusos, o que a levou a receber o prêmio de NSA Distinguished Leadership. Já foi responsável por um dos ambientes de segurança críticos mais complexos do mundo, no Los Alamos National Laboratory. É autora do livro *Intrusion Detection*.

Liliana Solha.

Participou da implementação do CAIS (Centro de Atendimento a Incidentes de Segurança), CSIRT na rede acadêmica brasileira (RNP) e assumiu a gerência do grupo em 1998. É parte do comitê gestor do FIRST, promovendo o estabelecimento de uma iniciativa de cooperação na América Latina.

Cristine Hoepers.

É uma analista de segurança sênior no NIC BR Security Office (NBSO). Está envolvida com o desenvolvimento do projeto Honeypot.BR e de uma rede distribuída de honeypots no Brasil.

Julianne F. Haugh.

Desenvolveu o shadow e o conjunto de ferramentas ao redor, como o useradd, login, passwd, su, etc do Linux

Val Henson.

Desenvolvedora do kernel do Linux e ajudou a projetar e implementar o sistema de arquivos ZFS para o Solaris.

Adele Goldberg.

Participou da criação da linguagem orientada a objeto Smalltalk-80 e trabalhou na criação do primeiro “window”, uma interface baseada em ícones.

Emmy Noether.

Pesquisou álgebra abstrata que forneceu os fundamentos para a criação da linguagem PROLOG.

Lois Haibt.

Desenvolveu um analisador de expressão aritmética, componente essencial para o compilador FORTRAN.

Marrisa Mayer.

Presidente do Yahoo, antes disso foi a 20ª pessoa a entrar no Google.

Sheryl Sandberg.

Chefe de operações do Facebook. Primeira mulher a se tornar diretora da rede social, e possui uma fortuna de US\$ 1 bilhão.

Ginni Rometty.

Chairwoman e Presidente da IBM, eleita por 8 anos consecutivos como umas das 50 mulheres mais influentes no mundo dos negócios, ficando em primeiro lugar no ano de 2012.

Ursula Burns.

Presidente da Xerox, sendo a primeira mulher afro-americana a chefiar uma empresa.

Meg Whitman.

Presidente da HP possui uma fortuna de US\$ 1,3 bilhões.

Susan Owicki.

Pesquisou sistemas distribuídos, análise de performance e sistemas confiáveis para o comércio eletrônico;

Susan Wojcicki.

Presidente do You Tube, mas também foi responsável pelo Google AdWords, AdSense, Analytics e DoubleClick. Em 1998 alugou sua garagem para o fundadores do Google quando ainda não passava de uma ideia sistema de buscas.

Stephanie Seneff.

Pesquisou e desenvolveu o reconhecimento de voz por computador;

Marina C. Chen.

Pesquisadora que inclui o design e a implementação dos compiladores Fortran-90 para plataformas de alta performance. Também foi Presidente da Cooperating Systems Corporation;

Safra A. Catz.

Presidente da Oracle desde 2004, mas faz parte da mesa diretora desde 2001. Está na Oracle desde 1999, e também é diretora do HSBC.

Cher Wang.

Co-fundadora e presidente da HTC e possui uma fortuna de US\$ 1,6 bilhões.

Padmasree Warrior.

Diretora de Tecnologia da CISCO.

Sue Gardner.

diretora-executiva do Wikipedia, o sucesso da ferramenta é atribuído a seus esforços.

Madge Greswold.

Ajudou no desenvolvimento da linguagem de programação ICON.

Sister Mary Kenneth Keller.

Participou no desenvolvimento da linguagem BASIC. Foi também a primeira mulher a receber o grau de doutora em ciência da computação nos Estados Unidos.

Jean E. Sammet.

Supervisionou as especificações iniciais e o design do compilador COBOL em MOBIDIC. Foi também presidente da ACM (Association for Computing Machinery) nos anos 70.

Maria Fernanda Teixeira.

Vice-presidente da EDS no Brasil;

Sulamita Garcia.

Responsável pelo projeto LinuxChix Brasil, e projetista de software da Cyclades Corporation.

4.2 Participar também é empoderar.

Na década de 1990, nos estudos sobre desenvolvimento, o conceito de empoderamento³³ tornou-se central nos discursos como sinônimo da participação e integração das pessoas; homens e mulheres, no planejamento e desenvolvimento interativo e compartilhado; pelas quais poderiam ser reconhecidas as habilidades e conhecimentos pessoais. (LISBOA, 2007).

Assumindo-se como fator de desenvolvimento, a existência de "oportunidade", a inclusão no desenvolvimento tecnológico é capaz de abrir um horizonte mais visível- ainda que virtual- de oportunidades, e capaz de promover o sexo feminino apto a usufruir de novas oportunidades.

Produzir e disseminar saberes que não sejam apenas *sobre* ou *por* mulheres, mas também de relevância *para* as mulheres e suas (nossas) lutas (OAKLEY, 1998) – é o objetivo maior do projeto feminista nas ciências, na academia e no desenvolvimento tecnológico. Portanto, uma intervenção com potencial transformador e que produz um cenário comunicativo diferenciado para as mulheres, para o feminismo e para os movimentos de gênero, desvelando perspectivas de transformação nas relações sociais de gênero, na medida em que acredita-se que os avanços podem alterar a percepção de relações construídas e aceitas culturalmente, mantidas e repetidas por muito tempo.

³³ “O termo empoderamento se refere a uma gama de atividades, da assertividade individual até à resistência, protesto e mobilização coletivas, que questionam as bases das relações de poder. No caso de indivíduos e grupos cujo acesso aos recursos e poder são determinados por classe, casta, etnicidade e gênero, o empoderamento começa quando eles não apenas reconhecem as forças sistêmicas que os oprimem, como também atuam no sentido de mudar as relações de poder existentes. Portanto, o empoderamento é um processo dirigido para a transformação da natureza e direção das forças sistêmicas que marginalizam as mulheres e outros setores excluídos em determinados contextos” (Batliwala, 1994, p. 130).

Segundo Black (2015), não é só uma questão de mulheres na tecnologia; é sobre a cultura e sobre o modo que vivemos. E agora estamos diante da oportunidade de fazer diferença, em meio à desigualdade existe o poder de balancear usando tecnologia.

Ao lado das ações de inclusão das mulheres, a difusão das TIC's está se transformando em criação de mais empregos e ligações mais sólidas nos mercados para mulheres; aumentando seu acesso às oportunidades econômicas e contribuindo para seu empoderamento econômico.

"Mais mulheres incluídas, mais poder para as mulheres". Mesmo com todas as conquistas até hoje alcançadas pelas mulheres na sociedade, acredita-se ser possível ultrapassar esse patamar, fomentando o empoderamento das mulheres pelas ações de inclusivas no campo da tecnologia. (MACIEL, 2015).

Para Maciel (2015), a questão colocada é centrada em "como dotar as mulheres excluídas das mesmas armas usadas pelos excluintes e propicia-las a emancipação solidária".

A pesquisadora Graciela Natanshon (UFBA), em nota na revista *iMasters*, questiona se a solução seria apenas o impulsionamento da presença feminina usando e desenvolvendo TIC's e aponta a necessidade de se repensar os sistemas de poder inerentes a essa área. Em complemento, Vergés ([200 -] in Paz, (2014)) propõe a análise das mulheres na tecnologia por meio da visão "otimista crítica".

Onde o mecanismo de auto inclusão deve ser promovido pelas mulheres para que as motivações e oportunidades sejam visibilizadas.

Para Deere e León (2002), o empoderamento inicia-se pela sensibilização, para que se crie consciência da discriminação de gênero e para que a mulher mude sua percepção negativa sobre sua própria capacidade e seus direitos.

Com essa percepção e partindo do ponto de que é visível a baixa participação de mulheres nos projetos e eventos das tecnologias. Mulheres envolvidas com desenvolvimento de software, criação de políticas, projetos, eventos e cursos voltados para as mulheres tentam prestar o papel de promover esse empoderamento.

É o caso da organização sem fins lucrativos Mulheres na Tecnologia, que visa aumentar a participação feminina nas áreas da Tecnologia da Informação. Através do Encontro Nacional, realizado anualmente e do portal³⁴, busca-se: "promover a troca de

³⁴ <http://mulheresnatecnologia.org/>

experiências, a capacitação e disseminação da tecnologia entre as mulheres, o incentivo a reflexão e pesquisa sobre mulheres na tecnologia e ações de empoderamento, inclusão e equidade das mulheres na área". (MULHERES NA TECNOLOGIA, 2015).

Recentemente a palestra “Desprogramando o preconceito: por mais mulheres na TI”³⁵ foi uma das atividades promovidas pela integrante Danielle Gomes, que contou com a participação de outro projeto vinculado que trabalha a temática: O Meninas Digitais.

Figura 12 – Imagem do logo do Projeto Meninas Digitais.



Fonte: Site do Labtec³⁶

O grupo Meninas Digitais³⁷ também trabalha em favor desta percepção à participação das mulheres na Tecnologia. É desenvolvido pela Universidade Federal de Santa Catarina, no campus situado em Araranguá, polo dos Cursos de Tecnologias da Informação e Comunicação e Engenharia de Computação. E tem como foco, motivar meninas do ensino médio a seguirem carreira nas áreas que envolvam o desenvolvimento de tecnologias computacionais através da desmistificação do papel da mulher na referida área. São desenvolvidas oficinas relacionadas à robótica, desenvolvimento de jogos digitais, de aplicações para dispositivos móveis, etc. Outras atividades tais como palestras com profissionais da área de computação e visita a empresas também fazem parte do escopo deste projeto. (MENINAS DIGITAIS, 2015).

O Projeto Coordenado pela professora Luciana Bolan Frigo, tem recebido recursos financeiros e bolsas de editais públicos como CNPq/Vale S.A. Nº 05/2012 - FORMA-ENGENHARIA (2013) e MCTI/CNPq/SPM-PR/Petrobras nº 18/2013 (2014). Além de ter sido, contemplado no Edital Probolsa 2014 da Universidade Federal de Santa Catarina (2014) com bolsas de estudo para as alunas de graduação, e receber apoio de empresas privadas³⁸.

³⁵ <http://noticias.ufsc.br/2013/11/palestra-desprogramando-o-preconceito-por-mais-mulheres-na-ti-neste-sabado/> Acesso em 3 nov. de 2015

³⁶ <http://www.labtec.ufsc.br>

³⁷ <http://www.labtec.ufsc.br/meninasdigitaisufsc/>

³⁸ <http://csbc2014.cic.unb.br/index.php/wit> Acesso em 20 de nov. de 2015

Outra iniciativa conta com o apoio da Google e uma resposta clara a divulgação dos dados de diversidade da empresa que dizia que "apenas 17% dos funcionários da área técnica da empresa são mulheres". (FLORÊNCIA, 2014).

Figura 13 – Imagem do logo do Projeto Made With Code.



Google

Fonte: Blog Natalie Made It³⁹

O projeto é chamado Made With Code⁴⁰ e existe um cronograma de eventos⁴¹ relacionados ao tema e também alguns projetos voltados para desenvolvedoras⁴². Sejam elas iniciantes ou mais avançadas. O projeto também apoiará professores que estimularem garotas a usar Codecademy e Khan Academy, famosas plataformas que ensinam programação online. (FLORÊNCIA, 2014).

A ideia é despertar o interesse em programação em crianças e jovens, de forma que as meninas deixem de se sentir intimidadas pelo fato de a área ser predominantemente masculina.

Esse olhar voltado ao incentivo de crianças e jovens, remete a considerações sobre a própria natureza da área de TI, que é a "necessidade de constante atualização em razão das rápidas mudanças tecnológicas". (VIEIRA; SANTOS; PEREIRA, 2007).

Segundo Melo e Souza (2009), o quadro evolutivo da tecnologia, tem exigido profissionais cada vez mais versáteis, e com alto grau de adaptabilidade, e isso tem permitido o acesso das mulheres. "Tem-lhes oportunizado adentrar mais nesse espaço, a partir de uma melhor formação acadêmica, qualificações e busca constante de novos conhecimentos, constituindo-se, dessa forma, em via de empoderamento para a mulher".

5. ATIVISMO FEMININO NAS TIC's

³⁹ <http://blog.nataliemadeit.com/madewithcode/>

⁴⁰ <https://www.madewithcode.com/>

⁴¹ <https://www.madewithcode.com/events> Acesso em 20 de nov. de 2015

⁴² <https://www.madewithcode.com/projects> Acesso em 20 de nov. de 2015

5.1 Ser ativa também é empoderar.

As TIC's têm, de diversos modos, transformado as vertentes da sociedade: econômica, política e social. Para Silva (2011), este novo modelo de sociedade, chamado de sociedade em rede, tem a tecnologia e a informação como destaques. E transpassa a constituição das relações sociais, da subjetividade, da produção e seus processos, do nascimento de novas sociabilidades.

Conforme Martin-Barrero (2007), o conjunto de possibilidade das novas tecnologias abre a humanidade pela primeira vez na história, uma <<universalidade empírica>> e a uma nova narrativa histórica.

Coleman (2010, p. 488) ao comentar a pesquisa de Miller and Slater (2000)⁴³ aponta que as tecnologias digitais colaboram, em muitos casos, para a reprodução de estruturas sociais, “catalyzing expansive realizations of self and culture”⁴⁴.

A evolução ocasionada pelas TIC's contribuiu para o surgimento de novas maneiras de pensar, saber, perceber, interpretar o mundo humano. Representando também, uma nova forma de inserção social: As novas tecnologias de informação e comunicação são cada vez mais reconhecidas como potencialmente influentes em forma positiva sobre o ativismo no mundo em desenvolvimento.

A Internet, como rede de redes, abriga inúmeras intervenções sociais, através de movimentos que a utilizam na "perspectiva de ganhos de vinculação de seus membros, permitindo maior visibilidade e adesão a seus propósitos". (BRETAS, 2005, p.6).

Além da maior visibilidade através das ações realizadas, a tecnologia pode ampliar as maneiras dos atores sociais participarem da sociedade, e permitir novos modos de inclusão nas diferentes vertentes da mesma.

Neste contexto as TIC's têm importante papel como fonte de interpretação da realidade. Modificando e expandindo áreas de experiência individual, intervindo na formação da opinião pública e contribuindo para a definição de identidades individuais e coletivas. (DELLA PORTA; DIANI, 1999, p.40).

Castells sustenta a mesma importância das TIC's no processo de contribuição social:

A comunicação de valores e a mobilização em torno do sentido são fundamentais. Os movimentos culturais (entendidos como

⁴³ MILLER, D; SLATER, D. The Internet: an ethnographic approach. Oxford/New York: Berg, 2000.

⁴⁴ "Catalisar as realizações amplas sobre si e da cultura", tradução da autora.

movimentos que têm como objectivo defender ou propor modos próprios de vida e sentido) constroem-se em torno de sistemas de comunicação – essencialmente a Internet e os meios de comunicação – porque esta é a principal via que estes movimentos encontram para chegar àquelas pessoas que podem eventualmente partilhar os seus valores, e a partir daqui actuar na consciência da sociedade no seu conjunto. (CASTELLS, 2004, p.170).

A sociedade em que vivemos é, conforme Castells (2013, p.12-14), uma sociedade em rede; onde o poder se organiza o domínio das ações humanas, de acordo com interesses e valores, através da programação dessas redes. "Se o poder é exercido pela programação de redes, o contrapoder é desempenhado reprogramando-se as redes em torno de outros interesses e valores, e/ou rompendo as alternâncias predominantes, ao mesmo tempo em que se alteram as redes de resistência e mudança social".

Sem dúvida, as chamadas novas tecnologias que trabalham com processamento, armazenamento e distribuição de informações, ao permitirem a mudança da comunicação, acabam por abrir um novo espaço para o ativismo.

Isso não quer dizer que as tecnologias criam as mobilizações. Mas revela que grupos sociais e até indivíduos dispõem de condições mais favoráveis para construir redes de mobilização, o que não era possível em uma esfera pública dominada pelo conjunto dos meios de comunicação de massa (jornal, rádio, televisão etc.).

(SILVEIRA, 2009, p.132).

O que seria propriamente o ativismo, que através das TIC's ganham nova extensão? O dicionário *Aurélio*⁴⁵ sugere como conceito de "ativista" a acepção "militante político". Já por "ativismo", as definições sugeridas são mais amplas: (1) "doutrina que admite algum tipo de oposição entre a ação e dos domínios diversos do conhecimento, e que dá primazia à ação, primazia que comporta diferentes graus e definições"; (2) "estilo impressionista em que se empregam os gêneros literários para propaganda de ideias políticas"; (3) "militância política".

O ativismo, em sua definição, é essencialmente político. Além de estigmatizar o conceito, a noção corrente de "ativismo político" sugere pela sua comum denotação

⁴⁵ AURÉLIO, o mini dicionário da língua portuguesa. 4ª Edição revista e ampliada do mini dicionário Aurélio. 7ª Impressão - Rio de Janeiro, 2002.

esquerdista, na divisão em partes entre capitalismo e socialismo; esquerda e direita; planificação e liberalismo.

Com base em Jordan (2002), o ativismo político pode ser definido pelas ações coletivas que demandam transgressão e solidariedade. Por ‘transgressão’ se compreende a oposição a certa condição social com vistas a sua transformação, e por ‘solidariedade’ o sentido comunitário de colaboração mútua em busca dessa transgressão. Tais aspectos formam o conceito essencial do ativismo: o caráter coletivo-solidário guiado em favor das mudanças sociais. A partir desse autor, Assis (2006) descreve o ativismo como uma ação política oposta a que seria entendida pelos processos políticos formais com participação popular, por vez descrito como diretos, como o ato de votar, ao passo que a indireta se definiria pelas manifestações, pelas formas de protesto como greve, subversão, etc., ou seja, por “[...] qualquer ação positiva (fazer algo) que tenha implicações concretas, e geralmente imediatas, sobre seus alvos”. (ASSIS, 2006, p.14).

O feminismo é a caracterizado pela luta de igualdade de direitos entre homens e mulheres e, como tal, "é político" (LOPES, 2011), compreendendo a política num sentido mais amplo, que leva em conta as relações sociais. Para Lopes (2011), "Quando mulheres se organizam para estudar, protestar ou pensar em soluções estão fazendo política. Além disso, existe uma relação entre o feminismo e a política institucional, pois várias reivindicações passam por mudanças em leis e programas de governo".

Na medida em que travou o esforço para o desenvolvimento tecnológico, o feminismo passou a conferir às ferramentas e espaços comunicacionais um enlace estratégico para sua causa.

Há cerca de 20 anos, esse olhar para as TIC's começaram a ter a atenção do movimento feminino. Para alguns autores (DE MIGUEL; BOIX, 2013), o marco inicial da reivindicação da comunicação como direito humano básico foi a Conferência da Mulher, em Beijing (em 1995), quando foi incluído nas conclusões finais um ponto, destacando a importância da comunicação para o empoderamento das mulheres e o uso estratégico das tecnologias, embora o tema já tenha sido abordado em 1993 pela Associação para o Progresso das Comunicações (APC).

Em Beijing, percebeu-se que as mulheres, especialmente as mais jovens, são um grupo em potencial a conectividade; conhecidas como novas tecnologias. Portanto a necessidade de desenvolver políticas e programas para que os potenciais sejam realmente conhecidos. (MELO, 2000).

Era recomendado o apoio a estudos e análises das estratégias usadas pelas mulheres para aumentar o acesso às TIC's, em observação ao impacto na inserção destas no campo do ensino e no trabalho.

Natansohn (2006), relata que passadas duas décadas, parece que só agora o movimento das mulheres e as feministas estão dando maior atenção ao tema. "Não é apenas um problema de competências tecnológicas o que está em jogo numa política feminista para as TIC's, mas sim, de entender o alcance político e social da cultura digital e do entorno tecnológico como forma de vida contemporânea, como o ambiente onde se desenvolve a nossa vida e nossas lutas".

Desta forma as mulheres passam a compreender que não é só sua participação no desenvolvimento das TIC's em empodera seus direitos. Mas, a utilização das tecnologias como ferramenta de expansão às lutas feministas.

Para Tomazetti e Brignol (2015), a importância da tecnologia, principalmente o advento da internet, amplia a relação do movimento das políticas de gênero. E por vez outros canais, espaços e plataformas possibilitam às ações feministas o alastramento de informações, com novas demandas, organização e a criação de conteúdos, que habitualmente poderia ser ignorado pelos meios de comunicação tradicionais, ou restritos aos meios alternativos, importantes, porém de limitada abrangência.

5.2 Ciberfeminismo.

Em meio às potencialidades comunicativas da era digital, e sabendo que as novas tecnologias de comunicação possibilitam um redimensionamento dos modos de organização de inúmeros movimentos sociais, o feminismo passa a perceber no mundo virtual um lugar de práticas e expressões coletivas, com novas significações e endereçamentos múltiplos.

Assim, com intuito de criar espaços alternativos e visíveis, no qual as mulheres se tornassem protagonistas de seus posicionamentos ao converterem-se no papel de autoras; produtoras e transmissoras de conteúdo, já nos anos de 1990, vários grupos feministas usam da internet como terreno comunicativo. (TOMAZETTI; BRIGNOL 2015).

A união dessas iniciativas e possibilidades na criação de redes feministas no ambiente virtual aspiraram diversas iniciativas e possibilidades para crescimento da abordagem e difusão do feminismo. Entre as primeiras experiências, destaca-se o site

espanhol, surgido em 1997, que recebeu o nome de “*Mujeres en rede*”, e contou com a ajuda de servidores alternativos amparados pela APCmujeres⁴⁶. O site tornou-se referência em todo mundo, como forma de empedramento das mulheres, consolidado a partir da publicação e reunião de textos e reflexões sobre direitos humanos e feminismo, além de reconhecimento e compartilhamento de recursos de listas de email e fóruns de debate. (DE MIGUEL; BOIX, 2013).

É também na década de 1990 que se inicia o chamado ciberfeminismo. Este movimento teve origens regulares em diferentes países. Em especial, em alguns da Europa, América do Norte, e principalmente na Austrália com o grupo VNS Matrix, composto por mulheres que se auto-proclamaram “ciberfeministas”, a partir de um manifesto por elas composto; o *Manifesto Ciberfeminista* (1991). Mesmo com fraca presença no continente latino-americano, o movimento teve expressões em países como o México e, posteriormente, o Brasil. (WELLS, 2005).

Figura 14 – Imagem do logo do perfil @CiberFeminismo no Twitter.



Fonte: Site do Twitter⁴⁷

O Ciberfeminismo buscava questionar as relações das mulheres com a tecnologia e as estruturas de gênero na cultura eletrônica do mesmo modo que os feminismos da década de 1960 buscavam questionar as estruturas de gênero em outras estruturas mais básicas. Em suas diversas linhas de pensamento, o movimento questionador da relação mulher-tecnologia, pretendia a inserção da mulher em profissões ligadas às novas tecnologias, sua ocupação nas redes eletrônicas e “pelo esforço da palavra pública e sua circulação; a importância de estabelecer uma rede de comunicação entre as mulheres.”. (MARTÍNEZ-COLLADO; NAVARRETE, 2006).

Por sua abrangência, torna-se difícil uma abordagem única, assim como o feminismo. Mas, se estende através da teoria ativista, de práticas políticas e artísticas e as distintas formas que esses conceitos de intersectam.

⁴⁶ Associação para o Progresso das Comunicações: Disponível em: <<http://www.apc.org/espanol/about/apcwomen/index.htm>>. Acesso em 20 de nov. de 2015.

⁴⁷ <https://twitter.com/ciberfeminismo>

O Ciberfeminismo se apropriou da Internet e outras redes tecnológicas (como BBS, listas de e-mail), seguindo a afirmação de diferentes teóricas do movimento, de que a Internet seria um sistema de comunicação alternativo que favoreceria a manifestação de discursos múltiplos e descentralizados. (PLANT 1997, STONE 1997).

Como observa Sorensen (2007) o ciberfeminismo se constituiu como um projeto político incômodo, mas produtivo, em um contraditório panorama digital que se apresenta para as mulheres como um espaço tanto de promessas quanto de ameaças.

Warnick (2002, p.82) comenta que o termo “ciberfeminismo” abrange uma gama de pensamentos feministas como um conceito “it covers feminist simulations of technology, most literally through debates about power, identity and autonomy and the role of women in the new technological industries such as the World wide Web and the internet”⁴⁸. Sendo possível, para Wilding (1998), por meio desse movimento, o desenvolvimento de novos tipos de prática e teoria feministas que consideram as novas e complexas condições sociais criadas pelas TIC's.

Em suas diversas vertentes, Hall (1996) ao tratar do ciberfeminismo do início da década de 1990 o divide em dois tipos. O primeiro, denominado ciberfeminismo liberal, e influenciado pela discussão pós-modernista sobre gênero, via a tecnologia como o caminho para a libertação da dicotomia homem/mulher e hetero/homossexual, possível graças ao mundo virtual. O outro, chamado de ciberfeminismo radical, focava o patriarcalismo e o sexismo representados na internet, sendo um exemplo muito citado o caso de MUD⁴⁹-rape⁵⁰ ocorrido em LambdaMoo⁵¹ na década de 1990. Tais formas de violência propiciaram a criação de espaços virtuais onde somente mulheres podiam fazer parte, situação que Hall (1996, p.159), vê com apreensão, pois esses ‘guetos virtuais’ “impose a female/male dichotomy instead of obscuring it”⁵².

⁴⁸“Que abrange simulações feministas de tecnologia, mais literalmente, através de debates sobre o poder, a identidade ea autonomia e o papel das mulheres nas novas indústrias tecnológicas, como a World Wide Web e da Internet”, tradução da autora.

⁴⁹MUD's – abreviação de sigla de Multi-user dungeon, dimension, ou domain são realidades virtuais com múltiplos participantes, cuja interface com o usuário é inteiramente textual.

⁵⁰O MUD-rape ocorreu no MUD conhecido com LambdaMOO. Um personagem identificado como Mr. Bungle atacou sexualmente outros dois personagens. Através de um programa ele conseguiu controlar as ações dos outros personagens, fazendo com que eles se sujeitassem ao seu desejo. Após o segundo ataque ele foi banido do jogo por um “controlador” do MUD. A violência ocorreu na forma de texto, mas a conseqüências foram bem concretas como cita Dibbell (1998)

⁵¹LambdaMOO (Curtis, 1992) é um dos primeiros e mais relevantes MUDs que existem na Internet. É suportado pela Universidade de Stanford e pela Xerox. LambdaMOO Funciona desde 1990, já foi habitado por milhares de personagens virtuais, isto sem contar eventuais convidados anônimos.

⁵²“ Impõe uma dicotomia homem / mulher em vez de obscurecê-las”, tradução da autora.

Estudos mais recentes, como os de Elm e Sundém (2007), observam que apesar da fluidez inerente ao ciberfeminismo é possível delinear duas tendências maiores: as “teóricas” e as “com base prática”. A versão teórica do ciberfeminismo estaria mais próxima dos movimentos atuais feministas, que trouxe à tona o entrelaçamento de questões de natureza pós-estruturalistas e pós-modernas, a teoria Queer, a teoria pós-colonial e o questionamento de posições de poder, assim como apresentou a fragmentação da diferença feminina em facetas como sexualidade, raça, etnia e classe.

Um fator responsável por esse pensamento Ciberfeminista é a publicação do *manifesto Ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX* em 1984, escrito pela bióloga Donna Haraway.

Haraway, segundo Lemos (2009), “propõem uma inversão de axiomas, a questão agora não é mais “quem é o sujeito?”, e, sim, “queremos ainda ser sujeitos?”. A autora apresenta o ciborgue⁵³ como aquilo que transcenderia a categorização dicotômica do mundo.

Para a autora com a nova forma das tecnologias ampliando o debate das possibilidades de subjetivação do feminino, as feministas foram as primeiras a tirarem proveito da possibilidade de desnaturalização de si mesmo em conjunto as tecnologias:

As preocupações feministas estão dentro da tecnologia. Não são um simples verniz teórico. Estamos falando de co-habitação: entre diferentes ciências e diferentes formas de cultura; entre organismos e máquinas. Penso que as questões que realmente importam (quem vive quem morre e a que preço) – essas questões políticas- estão corporificadas na tecnocultura. Elas não podem ser resolvidas de nenhuma outra maneira. (HARAWAY, 1984, p.31).

Para as ciberfeministas, a caracterização do sujeito, que posa como "abstrato, universal, racional, reflexivo", recorda um membro típico de um subconjunto particular do gênero masculino. Mas, o Ciberfeminismo revoluciona ao propor questões que vão muito além do gênero e da diferença: “*onde termina o humano e onde termina a máquina?*”. Dada à ubiquidade das máquinas, as ciberfeministas reformulam a questão do espaço social para além do gênero e das diferenças de gênero. (LEMOS, 2009).

Haraway nunca usou diretamente o termo ciberfeminismo, mas teve suas ideias escolhidas por diferentes grupos, ao sugerirem as novas tecnologias sob análise do

⁵³ Um ciborgue é um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e também uma criatura de ficção. (Haraway, 2009).

feminismo. Incluindo os meios de comunicação, e a proposta de organização e apropriação das tecnologias como forma de ativismo político.

Era parte dessa tendência também as pensadoras Sadie Plant e Sandy Stone, que viram na Internet um espaço para a subjetividade recorporificada (re-embodied subjectivities) e/ou um espaço na qual a utopia feminista poderia se concretizar.

Sadie Plant no seu livro *Zeroes and Ones*⁵⁴ (1998), partia da vida de Ada Lovelace e Grace Hooper, na tentativa resgatar o lugar da mulher ao longo da história do desenvolvimento tecnológico, e apresenta segundo autor Lemos (2009), uma visão diferenciada da análise mulher e TIC's: "haveria uma ligação íntima entre ambas que possibilitaria uma mudança de paradigma. Através de analogias entre o processo de tecer e a estrutura do *World Wide Web*, da citação do papel das mulheres na Revolução industrial e nas telecomunicações (como as das telefonistas)", e ainda relata que o ciberespaço seria o lugar de libertação. (PLANT, 2000, p.335).

"O ciberfeminismo – escrevem Faith Wilding e Critical Art Ensemble – é uma promessa da nova onda de pensamento e prática pós-feminista. Através do trabalho de numerosas mulheres net-ativas, há agora uma presença ciberfeminista diferente na rede que tem frescor, não tem vergonha, é engenhosa e iconoclasta frente a muitos dos princípios do feminismo clássico". (MARTÍNEZ-COLLADO; NAVARETTE, 2006).

Para Martínez-Collado e Navarette (2006), o ciberfeminismo é uma forma de esperança na concepção do questionamento de gênero e identidade. Como meio público, a rede torna-se aberta a "pluralidade dos discursos e multiplicidade". Mas não deve se ausentar o conceito de que como parte do mundo, "padece e sofre as vicissitudes políticas e sociais". O feminismo na tecnologia deve ter sempre abertura para causas políticas e ativistas.

Para Lemos (2009) o Ciberfeminismo veio à tona em uma época onde as narrativas são "polifônicas", as identidades e até mesmo as próprias tecnologias.

O contexto trazido através das tecnologias ao significado de comunicação e informação, criando novos espaços em ação coletiva deve ser considerado.

As TIC's são utilizadas por muitos grupos ciberfeministas, não só para suas organizações em rede, mas para construir discursos, trabalharem problemáticas, através de trabalhos e experimentações de mídia e audiovisual. Assim, passa-se a investigar alguns meios utilizados que possibilitam e pretendem demonstrar o esforço

⁵⁴ Plant faz uma analogia entre a linguagem binária do computador (0 e 1): o zero é feminino e o 1 é fático e masculino.

recente em colocar especificamente as TIC's e o mundo digital como locus de ação e reflexão do feminismo e das ações das mulheres.

5.3 Fanzines Digitais - Do papel para Internet.

Fanzines é uma revista feita por fãs, e teve essa denominação dada por Russ Chauvenet em 1941, sendo redução fônica da expressão *fanatic magazine*. A ideia surgiu a partir dos amantes de ficção científica, na criação de um material escrito em comunidade, para serem distribuídos aos fãs.

Em sua origem, a ficção-científica era tratada como subliteratura, sendo renegada pelos circuitos oficiais. A forma que os amantes desse gênero literário encontraram para divulgar os seus trabalhos foi criar suas próprias publicações, editando boletins e magazines para circular entre os outros fãs. Dessa maneira surgiram os Fanzines, cujo primeiro que se tem notícia foi The Comet, criado em maio de 1930, por Ray Palmer, para o Science Correspondence Club - SCC. (MAGALHÃES, 2003, p.57).

O fanzine é uma edição sem qualquer pretensão, de vez em quando um pouco mais refinada na composição gráfica, condicionada apenas aos recursos financeiros de seu editor. Normalmente é publicada segundo parâmetros empíricos.

Conforme Magalhães (1993):

Atualmente denominamos fanzine praticamente toda publicação alternativa. Para tanto, basta que esta seja independente, tenha uma circulação de mão em mão ou via postal e trate de assuntos pouco abordados pela imprensa comercial. (MAGALHÃES, 1993, p.19).

Fanzines, ou zines, funcionavam como canal de divulgação de novos autores, poetas, quadrinistas e, claro, diversos assuntos como: o anarquismo, a ecologia, do o socialismo e o feminismo. O caráter alternativo é presente tanto no formato da mídia; como no seu conteúdo quanto e modos diferenciados de produção, circulação e consumo da informação. São assim, produções de caráter contra-hegemônico, voltadas a públicos que costumavam ficar à margem dos tradicionais espaços de mídia.

Os zines feministas, surgem nos EUA, seguido da França com os movimentos contracultura de 1968. Em 1990, os americanos passam a conhecer o Riot Grrrl (ou riot girl), movimento surgido em oposição ao machismo descrito na cena punk, que segundo Barreiros (2008), "pregava liberdade do indivíduo, mas que, anacronicamente, reservava às mulheres o papel de namoradas e meras coadjuvantes do movimento".

Nesse contexto, as mulheres começam a trocar o cenário, e passam a montar bandas e escreverem zines. O primeiro fanzine feminista foi produzido por Molly Neuman, integrante da banda Bratmobile, que intitulou o movimento que deu nome ao fanzine "Riot Grrrl". (BARREIROS, 2008).

Figura 15 – “Imagem do fanzine RiotGrrrl edição maio/2004”.



Fonte: Site grassroots feminism⁵⁵

Os fanzines criados pelas garotas do Riot Grrrl tratavam diversos assuntos, desde sexismo no meio da cultura punk, problemáticas juvenis, críticas aos programas da mídia até lista de coisas divertidas para se fazer. (RICHARDSON, 1996).

A produção de zines, cresceu com publicações como "Riottempresses", o "iRiot Grrrl DC" e o "Psychobitch".

No Brasil, o expoente do movimento foi a Banda Dominatrix, que surgiu em 1995, e foi principal influente da cena punk feminista na época, fazendo além de show debates sobre o assunto (SCHMITT, 2014). Foram responsáveis pelo fanzine "Kaóstica", que era um “zine pessoal político feito por meninas para meninos e meninas”. Além da produção, do "Quitéria".

Carolina Matozinhos, integrante do coletivo Maria Maria, Juiz de Fora-MG, que produz zines com mesmo nome, declara que o formato é ideal: "O fanzine é um veículo de diálogo com a militância feminista e simpatizante, mas o que mais o aproxima dessa militância é seu formato original, feito manualmente e coletivamente. Fazemos discussões políticas no zine, mas também temos dicas culturais e espaço para arte. Trazer esses elementos complementando a discussão feminista agrega muito, e, desta forma, estamos politizando com irreverência, e sem ser chatas"⁵⁶.

⁵⁵<http://www.grassrootsfeminism.net/cms/node/528>

⁵⁶Em "A Revolução (ainda) não será virtualizada: Os fanzines feministas na Era da Comunicação Digital" de Bruna Provazi Barreiros (2008).

Com o desenvolvimento da Informática, e o surgimento de novas tecnologias como as da informação e comunicação, alguns fanzines passaram a ter sua diagramação eletrônica. E mesmo, os que se mantiveram com produção tradicional, passaram a usar recursos tecnológicos para sua distribuição.

Segundo Magalhães (2003 in BARREIROS, 2008), pioneiro nos estudos de fanzines no Brasil:

O barateamento da impressão fez com que surgissem cada vez mais fanzines em todos os recantos do país numa onda de democratização dos veículos de comunicação e liberdade de expressão sem igual. Por outro lado, os fanzines ganharam outros formatos, com o aparecimento de novos recursos tecnológicos. Do papel, o fanzine migrou para o CD-ROM; para o disquete, para a tela do computador, para a internet; incorporando elementos inovadores no seu modo de produção, em sua concepção e linguagem.(MAGALHÃES 2003, in BARREIROS, 2008).

Apesar do mesmo material editorial, o e-zine⁵⁷ se difere do fanzine, na organização e estrutura de recepção dos leitores. Por isso segundo Chartier (1999, p.138), a passagem do impresso para o eletrônico, merece atenção.

O fanzine em seu início no meio eletrônico foi por vezes descrito como um blog. O blog era considerado uma versão eletrônica do antigo “diário”, mas a sua diversificação acabou tornando mais complexa a sua definição. Há estudos que classificaram o blog como um gênero de escrita. Porém, atualmente ele é considerado um “ambiente digital que proporciona o surgimento de múltiplos gêneros discursivos”. (ABRÃO; BRAGA, 2007, p.15). Ou seja, é possível ter um e-zine hospedado em um blog.

De acordo com Warnick (2002, p.82). a Internet se abriu para as mulheres, através de vários sites não-comerciais: “some of these sites took the form of “zines”, or in their electronic form, “e-zines”. Such small magazines focused on aspects of female experience often ignored in the mainstream press”⁵⁸. A relevância dos fanzines e de sua versão eletrônica no movimento feminista reside, como observado por Richardson (1996), na forma que a o novo meio de publicação ofereceu como espaço, e a liberdade

⁵⁷E-zine é a contração de electronic e fanzine, ou seja, um "fanzine eletrônico".

⁵⁸Alguns desses sites tomou a forma de "zines", ou na sua forma eletrônica, "e-zines". Essas pequenas revistas focadas em aspectos da experiência feminina, muitas vezes ignorado na grande imprensa", tradução da autora.

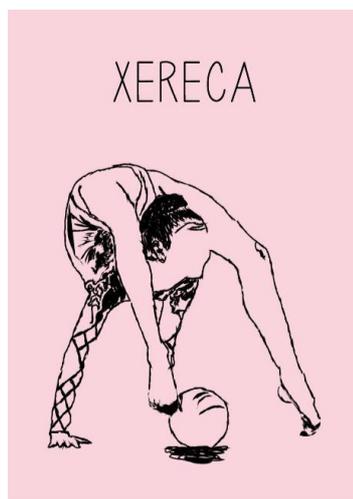
para divulgação das ideias e reivindicações de uma maneira diferente a anterior, agora com ajuda da internet.

Um dos grupos feministas que adotou o fanzine tecnológico, foi o Riot Grrrl (anteriormente citado). Melo (2008, p.10) define as Riot Grrrls como: jovens garotas que, ao associar música e política, questionam, denunciam e desconstruem as relações desiguais de gênero e suas conseqüências, em especial as relativas à juventude, e constroem, a partir de uma linguagem e de práticas, uma identidade feminista.

O site Banheiro Feminino, existe desde 1996, e pode ser considerado um exemplo de webzine⁵⁹ feminista. A temática gira em torno de sexo e relacionamentos através do humor característico. A página permite a participação do público, com postagens exclusivamente dos(as) leitores(as). Além disso, não utiliza apenas de recursos textuais, a exemplo o Podcast, que é um programa gravado em arquivo de áudio digital, disponibilizado no site, após gravação.

Criado em 2014, por Bárbara Gondar, em uma mistura de humor, feminismo e informação, o zine feminista "XERECA" é um grande nome da cena independente. Para a autora o viés político é importante, e assim trabalha o objetivo do zine, que é o empoderamento de mulheres. Bárbara criou uma versão atual da fanzine xereca, abrindo em abril de 2014, uma página no *Facebook*, e o tornando também digital.

Figura 16 – Imagem do fanzine Xereca.



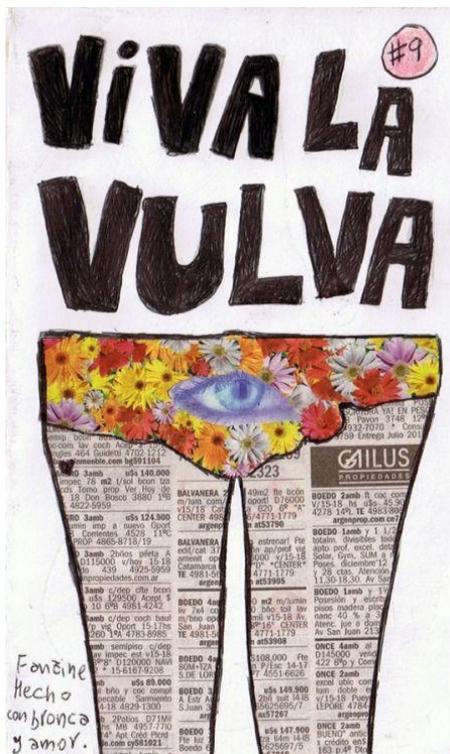
Fonte: Site Catacra Livre⁶⁰

⁵⁹ É uma revista publicada em formato eletrônico na Web. Também chamado de revista on-line.

⁶⁰ <https://catracalivre.com.br/sp/tag/zine/>

Viva la Vulva, também é um zine que aderiu ao *Facebook* como uma plataforma de ação, Mas, usa o *Tumblr* como principal veículo. Tem como objetivo unir zines transfeministas, glitterateoabortistas, anarcocumbieros y alienpunk, em um perfil.

Figura 17 – Imagem do Viva la Vulva edição 9.



Fonte: Site Pinterest.⁶¹

Ainda que os recursos e novas plataformas sejam cada vez mais utilizados no meio histórico dos zines. A característica alternativa presente no formato de mídia e na produção são mantidas. Não perdendo o perfil tradicional dos zines.

A forma como as Riot Grrrls e outros grupos formados por mulheres usam os zines para propagar suas ideias e defender seus direitos pode ser entendida através de um processo de apropriação da Internet. Esse processo é definido por Rodriguez como:

[...] a capacidade de tomar para si, de assimilar e, ampliando um pouco mais esta concepção, de compreender e transformar, estabelecendo quais usos o objeto apropriado pode ter e quais são os efeitos que este uso acarretará para si e para o grupo. É um movimento que acontece em um processo dinâmico, que pode envolver momentos de adaptação e reinvenção de significados. (RODRIGUEZ, 2006, p.38).

⁶¹ <https://www.pinterest.com/pin/509329039082958550/>

Como o pesquisador afirmou (idem, p.143) “há formas de inclusão que não se igualam à padronização, e formas de diferenciação que não implicam o isolamento”, que é, por exemplo, o que as Riot Grrrls buscam: serem ouvidas sem terem que se sujeitar à padronização.

5.4 Redes Sociais - um movimento de todos.

Estamos ingressando em uma nova dimensão. Sendo perceptível que os movimentos sociais, novos estilos de comunidade, e toda sociedade estão se apresentando por meio desse "novo mundo". Diversos pesquisadores tem estudado o assunto. Para Burt (et al 2005), as comunidades atualmente se configuram sob a forma das “redes sociais”.

Uma rede social é composta por: atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais) (WASSERMAN ;FAUST, 1994; DEGENNE E FORSE, 1999). Assim, é importante um olhar aos padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre seus diversos atores. A estrutura social acaba por ser o foco de uma rede. Pois não é possível isolar atores sociais de suas conexões.

Nas redes formadas a criação de meios de comunicação específicos ou próprios, a promoção de círculos de debates, a divulgação de informações ligadas à causa: "nada disso é novidade. A novidade é o alcance e o acesso a essas ferramentas, proporcionados pela internet". (MOSCHKOVICK, 2014).

Moraes (2013 in Puntel (2013) declara que “a organização em redes, dentro e fora da internet, se revela inovadora”, ao passo que as novas redes virtuais “servem de estatuários para a defesa de identidades culturais, a promoção de valores éticos e a democratização da esfera pública”.

Nesse sentido, a redes sociais se tornam importantes ferramentas de mediação, de divulgação e também de crítica, debate, reação e diálogo com os mais diferentes setores da sociedade. Estas possibilidades encontradas através das mídias sociais online permitem que movimentos como feminismo ganhe visibilidade em suas atuações.

O Feminismo é um movimento que luta por equidade, "por ser um movimento por e para mulheres, o feminismo ganha visibilidade quando os assuntos que dizem respeito a elas ganham visibilidade". E sendo um movimento reacionário, naturalmente

seu espaço é ganho na mídia quando os problemas femininos são demonstrados nesse espaço. (SOTER, 2015).

Assim, a internet, em especial as redes sociais, permite um espaço de publicação feminista alternativa, de maior atuação, diferentemente dos panfletos e fanzines impressos que fizeram parte da mobilização feminista até os anos 90. É possível pautar a grande mídia nacional e internacional por causa das possibilidades de maior intervenção das mulheres nos espaços públicos e simbólicos (CASTELLS, 2013, p.58).

E também, a possibilitar a difusão de materiais produzidos, e a participação coletiva, sendo um lugar onde informações são repassadas e debatidas. Isso não significa que as mulheres não se manifestavam em tempos passados, mas que, com o auxílio da internet e das ferramentas online, ficou mais fácil, eficaz e até seguro, para essas feministas exporem suas ideias e demandas para a sociedade.

É o caso das redes sociais, que abastecida automaticamente, a cada hora, através de postagens dos usuários no *Facebook*, *Twitter*, *Instagram*, *YouTube* e *Google+*, e com gráficos bastantes visuais funciona como um termômetro que categoriza, agrupa e interpreta a voz dos manifestos. (SUPER USER, 2013).

Ao olharmos para os anos 2000, vemos que blogueiras/os, vlogueiras/os, coletivos e ativistas feministas na internet são impulsionados a fazerem uso da rede. Um exemplo destacado por Castells (2013) é a participação e representação em massa de mulheres nas manifestações que começaram em 2010 na Tunísia, para todo o Norte da África e Oriente Médio, que ficou conhecido como a Primavera Árabe, e revelou-se um período memorável de ativismo e mudança para as mulheres.

Figura 18 e 19– Imagem das mulheres durante as manifestações da Primavera Árabe.



Fonte: Site Alarabiya⁶².

⁶² <http://english.alarabiya.net/en/perspective/analysis/2013/11/12/Arab-Spring-nations-backtrack-on-women-s-rights-poll-says-.html>



Fonte: Blog Womens Lens⁶³.

As causas da "Primavera Árabe" encontram-se diretamente relacionadas às décadas de frustrações com governos autoritários, além dos altos índices de desemprego entre as classes instruídas, às políticas neoliberais de privatização e enfraquecimento dos sindicatos, a corrupção das elites políticas, o aumento dos preços dos alimentos e da energia, a pobreza provocada pela diminuição das oportunidades de emprego nos Estados petrolíferos do Golfo e na Europa. Razões das quais afetam diretamente as mulheres. (MARTINS, 2013).

A violência com que essas manifestantes foram tratadas pelo Governo e pela Polícia foram vistas por todo mundo graças à ação de mulheres produtoras de materiais online que transmitiam ao vivo via internet os espancamentos, estupros e mortes dessas manifestantes durante as manifestações.

Em 19 de dezembro de 2011, em ataque a praça [Tahrir], um episódio de violência foi filmado. A "garota do sutiã azul"; como ficou conhecida, foi espancada, despida e deixada inconsciente, usando apenas o sutiã. Na tentativa de ajudá-la, mulheres foram atacadas por policiais. Castells declara que o vídeo mostrando esse bárbaro ato de violência sexista foi disseminado por todo o mundo, provocando a indignação universal, particularmente entre mulheres. (CASTELLS, 2013, p.62).

⁶³ <http://womenslens.blogspot.com.br/2012/04/was-arab-spring-step-backward-for-women.html>

Figura 20 – Imagem da "garota do sutiã azul".



Fonte: Site do International Business Times⁶⁴

No Egito, os protestos que levaram á queda do presidente Hosni Mubarak foram convocados por uma jovem inspirada por um vídeo postado no *Facebook*.

Figura 21 – Imagem de um material de divulgação das manifestações da Primavera Árabe.



Fonte: Site Mujer Palabra⁶⁵.

Nesse evento, as tecnologias tornaram-se aliadas ao ativismo, tendo as mídias sociais como instrumento organizativo e comunicativo das manifestações. Em pouco tempo as pessoas tinham acesso a ferramenta de produção e disponibilização do material. E as imagens gravadas foram popularizadas chegando às pessoas, por meio da internet; como meio de reação e intervenção a repressão vivida pelos manifestantes.

Stresser Junior ([200-]), comenta nesta linha, sobre o auxílio da TIC's nesses adventos:

[...] Esta universalização promovida pela internet, sem paralelos na história da humanidade, acaba de certa forma favorecendo a prática

⁶⁴http://www.mujerpalabra.net/activismo/mujeresprimaveraarabe/lasmujeresdelaprimaveraarabe_robinmorgan.htm

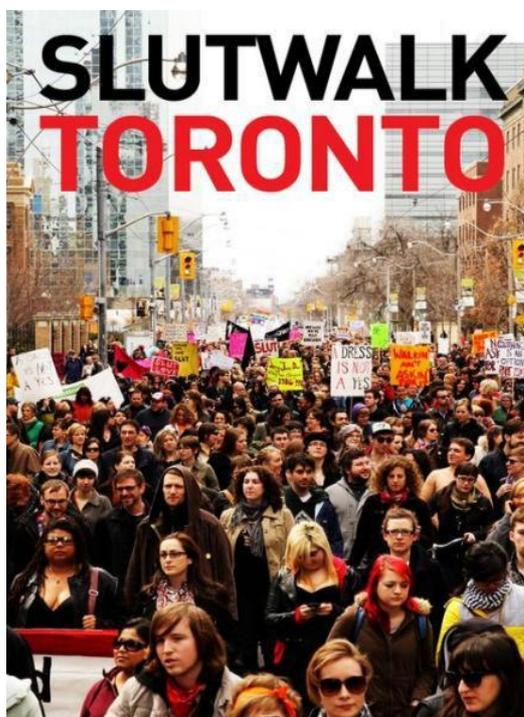
⁶⁵http://www.mujerpalabra.net/activismo/mujeresprimaveraarabe/lasmujeresdelaprimaveraarabe_robinmorgan.htm

ativista. O ciberativista pode facilmente captar a imagens de que precisa para defender seu ideal, editar um texto que dê apoio a estas imagens, e rapidamente disponibilizar esse conteúdo em rede, atingindo seu público alvo com eficácia e presteza. Hoje todos somos produtores de conteúdo. (STRESSER JUNIOR, [200-]: p. 05).

É nesse contexto que movimentos sociais migram para a internet ou até são criados na própria internet. Ao removerem as barreiras da distância e geografia, sites como o *Facebook*, *Twitter*, *Tumblr* e *Instagram* criam uma plataforma para a conscientização e mudança. Como a Marcha das Vadias, que nasceu de um evento criado no *Facebook* e só depois alcançou o off-line e a mobilização nas ruas.

Criada em 2011, no Canadá, com o nome original de “SlutWalk⁶⁶” (Castells, 2013), a Marcha das Vadias é uma das manifestações feministas de grandes repercussões, como foi o caso da primavera árabe, nas grandes e pequenas mídias. Em ação reacionária à naturalização das violências contra as mulheres, a marcha aconteceu em diversos países, até mesmo no Brasil.

Figura 22 – Imagem da manifestação Slutwalk em Toronto, Canadá.



Fonte: Página da Slutwalkto no *Facebook*⁶⁷

⁶⁶Em uma tradução livre, Slutwalk significa Caminhada das Vadias ou Vagabundas.

⁶⁷<https://www.facebook.com/SlutWalkToronto/photos/pb.202501123100043.-2207520000.1420030942./215270691823086/?type=3&theater>

A razão motivadora do protesto se deu na Universidade de Toronto. Ao longo de uma palestra de prevenção ao estupro, quando o policial Michael Sanguinetti, afirmou que mulheres deveriam evitar se vestirem iguais as "putas". Em seguida, foi criado no *Facebook* um evento público que convocava mulheres canadenses a marcharem como forma de protesto e inquietação às demonstrações de repressão e violência contra o corpo feminino. (CASTELLS, 2013).

O primeiro protesto levou 3 mil pessoas às ruas de Toronto, no dia 03 de abril de 2011. O grupo saiu às ruas com as roupas que o policial declarou que evitassem usar para que não sofressem agressões sexuais, ou seja, as roupas "de vadias". Portanto cartazes e faixas elas tomaram a palavra "vadia" e fizeram dela uma forma de dizer que, independente da roupa que veste, nenhuma mulher deve ser agredida sexualmente. (ATHAYDE, 2015).

A partir daí o movimento teve grande repercussão em países da América e outros além do continente, como a Suécia, Nova Zelândia, Inglaterra e Israel, também demonstraram por meio das redes sociais seu apoio às mulheres canadenses e começaram a organizarem suas próprias marchas.

A principal causa das manifestações é contra a crença de que as mulheres que são vítimas de estupro teriam provocado a violência por seu comportamento.

Quando um movimento toca na ferida do pensamento machista e patriarcal da sociedade acaba por apoderar, de algo que Lagarde (2005) defende como o maior cativo humano das mulheres: o próprio corpo feminino.

Mas, a luta reivindicada em cada lugar foi além. Ganhou reivindicações diversas. No Brasil, a ponta de um iceberg composto por mais de 500 mil casos/ano de agressão sexual ou tentativa de agressão (ORLANDI, 2014), levantaram a bandeira feminista a lutar contra a violência das mulheres. Preocupação com os coletivos raciais e LGBT. E a exigência de direitos.

Com toda essa mobilização realizada em grande medida através das chamadas novas tecnologias de informação e comunicação. A página oficial da Slutwalk⁶⁸, possui mais de 37 mil seguidores. Só na página da Marcha das Vadias de Brasília⁶⁹ no *Facebook*, as produções de imagens, textos e frases que foram diagramadas para postagem, receberam centenas de "curti" e uma variação entre 250 e 400 compartilhamentos. Desse modo, cada compartilhamento, permite uma possibilidade

⁶⁸<https://www.facebook.com/SlutWalk>.

⁶⁹<https://www.facebook.com/marchadasvadiasdf>.

ainda maior a "reprodutibilidade dos conteúdos" (ZANETTI, 2011), sendo bastante interessante a ampla disseminação possibilitada pelos meios digitais.

Figura 23 – Imagem de manifestantes durante ação das Marcha das Vadias.



Fonte: Site Jornal da Orla⁷⁰.

Em uma pesquisa realizada na Marcha das Vadias no Rio de Janeiro, grande parte das entrevistadas dão centralidade à internet em sua ação política: 89% dos respondentes afirmaram utilizá-la para reivindicar seus direitos; e 58% disseram ter sabido da marcha na internet – destes/as, 91% pelo *Facebook*, claramente sua principal ferramenta. (ZANETTI; NAME, 2013).

Figura 24 – Gráfico sobre a forma que as pessoas souberam da Marcha das Vadias.



Fonte: PUC-RIO/IBASE⁷¹

Toda a repercussão da SlutWalk ou Marcha das Vadias, também ganhou força através das hashtags #SlutWalk #MarchadasVadias, e suas variantes como #MarchadasvadiasRJ. Atualmente quando manifestações possuem a mesma causa de luta, essas hashtags voltam à tona como marca da importância do protesto que se iniciou em Toronto.

5.5 Hashtags - Ativismo do símbolo #.

⁷⁰ <http://www.jornaldaorla.com.br/noticias/11742-marcha-das-vadias-acontece-neste-domingo-em-santos/>

⁷¹ https://www.academia.edu/5164773/Meu_corpo_minhas_redes_a_Marcha_das_Vadias_do_Rio_de_Janeiro

O uso de hashtags na atuação do movimento feminista teve grande inflexão no uso das redes sociais. O hashtag influencia na difusão de informações, constituindo em uma forma de "amarrar" a narrativa. (BOYD; GOLDBER; LOTAN, 2011).

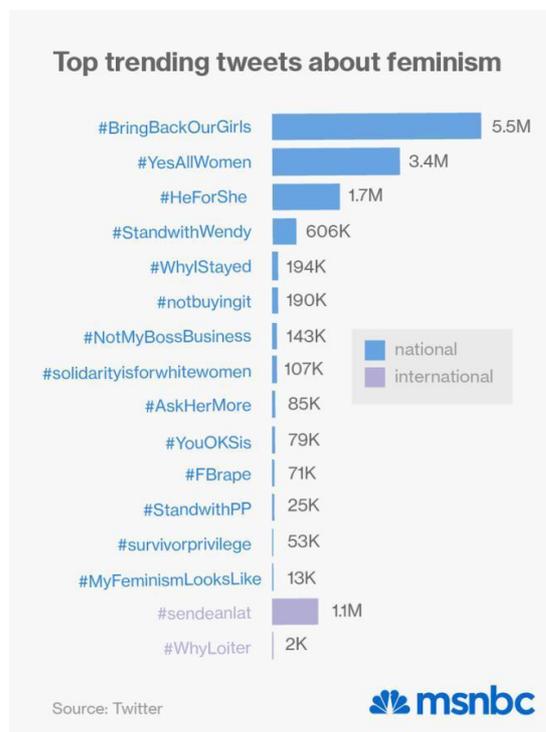
A hashtag é uma ferramenta de mapeamento de conversas no ambiente das redes sociais. É representada pelo símbolo # e pode ser criada de forma ad hoc, sem necessidade de regras ou com uma autoridade central.

Através do mapeamento e visualização das conversas no ciberespaço, têm-se uma quantidade de conteúdos específicos relacionados a um determinado assunto. (GUZZI, 2010, p. 38).

No contexto de ativismo a hashtag é discutida por Bastos, Travitzki e Raimundo (2012), em seu papel político como "panfletagem", visto que contribuem na difusão de ideia e na forma de obtenção de apoio, refletindo um modo de participação nos movimentos no ciberespaço.

Pensando no favorecimento da hashtag, o movimento feminino tem inúmeras demonstrações do uso desta ferramenta ao longo dos últimos anos. Como mostra a imagem abaixo com alguma das principais hashtags utilizadas em favor as lutas das mulheres.

Figura 25 – Gráfico informativo dos tweets acerca do feminismo, no top trending.



Fonte: Site Msnbc⁷².

⁷² <http://www.msnbc.com/msnbc/how-social-media-changing-the-feminist-movement>

Em 2013, no Texas, A senadora texana Wendy Davis realizou uma obstrução no Senado do Texas com um discurso de 11 (de acordo com as regras do *filibuster*⁷³), *contra um projeto de lei anti-aborto*. Juntamente, um grupo de mulheres se uniram para protestar contra o projeto de lei. Aquelas que não puderam sair as ruas, protestaram online com #StandWithWendy. A hashtag ficou nos trending topics mundiais o dia inteiro e ganhou menção até do presidente Obama.

Figura 26 – Imagem do tweet do presidente obama sobre #StandWithWendy.



Fonte: Site Supremas⁷⁴

Figura 27 – Imagem de um tweet utilizando a foto do senado durante discurso da senadora, e a hashtag #StandWithWendy .



Fonte: Site Supremas⁷⁵

Recentemente o mesmo assunto tomou conta das hashtags brasileiras. Quando o deputado federal Eduardo Cunha propôs o projeto PL 5069/13, que proíbe o Sistema Único de Saúde (SUS) de oferecer às mulheres vítimas de estupro a pílula do dia seguinte e de prestar-lhes orientações sobre o direito ao aborto, diversos manifestos surgiram nas redes sociais acompanhados da hashtag #ForaCunha⁷⁶.

⁷³ Filibuster, é um procedimento parlamentar, que de acordo com as leis do Texas, um senador pode discursar por quantas horas conseguir, desde que não sente, tome água, vá ao banheiro. Esse procedimento permite que os membros da sessão atrasem ou previnam totalmente uma votação.

⁷⁴ <http://www.supremas.com.br/mulheres-supremas-wendy-davis/>

⁷⁵ <http://www.supremas.com.br/mulheres-supremas-wendy-davis/>

⁷⁶ A hashtag também foi utilizada para demonstração da insatisfação dos brasileiros com os demais projetos propostos por Cunha: a redução da maioria penal, a terceirização indiscriminada e o Estatuto da Família, entre outros projetos. Que foram considerados machistas e homofóbicos, pelas acusações de sua participação no Lava Jato (corrupção). Mas, tomou força no movimento feminista na proposta da PL 5069/13.

Figura 28 – Imagem utilizada no facebook, pelas pessoas contra a PL5069, em sobreposição a imagem de seus perfis.



Fonte: Site Twibbon⁷⁷

O movimento nas redes sociais e através da hashtag foram tão significativos que tomaram as ruas, as capas das revistas e jornais. O levante de mulheres pelo #ForaCunha #mulherescontracunha foi convocado pelas redes sociais, mas pensado em diversas reuniões anteriores (EIROA, 2015). As manifestações ainda tiveram a participação e divulgação de diversos grupos feministas, como Marcha mundial das mulheres⁷⁸ e o #partida⁷⁹.

Figura 29 - Manifestações contra Cunha.



Fonte: Site Pragmatismo Político⁸⁰

Segundo Helena Zelic, da Marcha Mundial das Mulheres, uma das organizações à frente dos atos de São Paulo⁸¹: "Nós, mulheres, estamos nas ruas porque não podemos aceitar retrocessos. Eduardo Cunha e a bancada conservadora ameaçam repetidamente

⁷⁷ <http://twibbon.com/support/diga-n%C3%A3o-ao-pl-5069>

⁷⁸ <https://www.facebook.com/marchamundialdasmulheresbrasil/>

⁷⁹ https://www.facebook.com/sigapartida?_rdr=p

⁸⁰ <http://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/10/mulheres-pedem-fora-cunha-nas-ruas-do-rio-de-janeiro.html>

⁸¹ <http://revistatpm.uol.com.br/entrevistas/movimento-de-mulheres-contra-eduardo-cunha-tomam-as-ruas.html> Acesso 16 nov. de 2015

direitos já conquistados e tentam nos enfraquecer em nossas reivindicações. Acreditamos que a força das mulheres em movimento consegue barrar estas propostas absurdas e mais: pode impulsionar a legalização do aborto!".

Através desse acontecimento novas pautas foram levantadas sobre diferentes questões da realidade da mulher e sua inserção na sociedade. Em contribuição, Manoela Miklos criou a *campanha* #AgoraÉqueSãoElas onde sugere que homens cedam seu espaço, no mundo virtual, para que mulheres falem sobre seus direitos e questões relacionados a gênero.

A Campanha levou as abordagens em áreas que fazem parte da luta das mulheres ao longo do anos; como a inserção no mercado de trabalho. No site *Gizmodo Brasi*⁸², a participação se deu através da publicação de artigos de mulheres que atuam em uma das áreas que ainda mais sofrem na participação e inserção das mulheres, a da tecnologia. O site contou com a colaboração de materiais da Camila Achutti, cientista da computação, empreendedora e ativista de diversas iniciativas sobre a inclusão da mulher com uso da tecnologia. E do #minasprogramam, um coletivo que visa incentivar o ensino de tecnologia para meninas e mulheres.

Além disso, diversos homens toparam e cederam seu espaço na semana que a campanha foi lançada a exemplo: Gregorio Duvivier, Marcelo Freixo, Jean Wyllys, Leo Sakamoto, Bruno Torturra, Ronaldo Lemos, Marcelo Paiva, João Paulo Cuenca, José Eduardo Agualusa, Marcus Faustini, Fred Coelho, Antonio Prata, Renan Quinalha, Jorge Bastos Moreno, Alexandre Porto Vidal, Douglas Belchior e muitos, muitos outros toparam pensar em como se tornar, nessa semana, um espaço em que as mulheres sejam protagonistas. (MIKLOS, 2015).

Uma nota da autora da campanha ainda mencionava um fato "Importantíssimo". Ela convida a reflexão da mulher pensada na diversidade. Segundo ela: "Mulheres negras, de comunidades vulneráveis, mulheres trans, LGBTs – mulheres que têm ainda mais dificuldade de acesso aos meios de comunicação e muito, muito o que dizer. Vamos ouvir as mulheres. Todas".

5.6 Ativismo Plural - A Minoria pelas Minorias.

⁸² <http://gizmodo.uol.com.br/>

Essa visão é tratada quando se olha o feminismo com um movimento de intersecções e pluralidade. Aborda-se especificamente a forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. (CRENSHAW, 2002, p. 177).

Para a cientista política Rayza Sarmiento, a pluralidade é importante e não torna o movimento mais frágil. Ao contrário, as diferenças desmistificam a ideia de que todas as mulheres são iguais.

Dentro do ciberativismo feminino esse assunto também é levado em consideração. Pois, acredita-se que potencial das tecnologias implica em entender que a evolução tecnológica provoca não somente uma introdução de novos produtos e usos como também a alteração de comportamentos prévios e a emergência de novos comportamentos num dado grupo social. (KENSKI, 2007).

Pensando no objetivo de aproveitar as oportunidades de interação presentes no âmbito do cyberspaço. Iniciativas femininas como o *Blogueiras Negras*⁸³, tem tomado conta da internet e das redes sociais.

O *Blogueiras Negras* é originalmente um projeto criado a partir da Blogagem Coletiva da Mulher Negra⁸⁴. Surgiu em março de 2012, exatamente no dia Internacional da Mulher, dia 8. Criado com o intuito de "ser referência para as mulheres de ascendência Africana e aqueles que se identificam com o feminismo e a luta antirracista das mulheres negras".

Segundo Charô Nunes, em descrição no site do projeto⁸⁵, declara fortemente a luta defendida:

Como espaço de discussão, festejaremos nossa afroascendência. Resignificaremos o universo feminino afrocentrado através do registro nossas histórias, nossas teorias e sentimentos. Escrevendo, gravando e produzindo, construindo nossa própria identidade como mulheres negras e afrodescendentes. Mulheres de pena e teclado, reinventando a tela para que amplifique nossas vozes. (NUNES, 2015).

⁸³ blogueirasnegras.org

⁸⁴ <https://blogagemcoletivamulhernegra.wordpress.com/>

⁸⁵ <http://blogueirasnegras.org/quem-somos/> Acesso em 27 de nov. de 2015

Em 2013, o projeto criou uma lista com 25 negras influentes na internet brasileira. O projeto recebeu o nome #25webnegras⁸⁶ e contou na seleção com pessoas como:

Figura 30 – Imagem da capa da lista #25webnegras.



Fonte: Site Blogueiras Negras⁸⁷

-Leita Negalaize Nz, jornalista, ativista "afrolésfeminista", e blogueira. Leila, recebeu um prêmio pela iniciativa Prêmio Mulheres Negras Contam sua História.

-Mara Gomes, feminista e responsável pela página do *Facebook* A Mulher Negra e o Feminismo, que publica relatos e episódios racistas.

-Mikki Kendal, criadora da hashtag #SolidarityIsForWhiteWomen (#SolidariedadeÉParaMulheresBrancas), que trouxe a tona experiências da discriminação racial no movimento feminista.

-Coletivo Meninas Black Power, composto por um grupo de mulheres negras, onde todas usam cabelo, que recebe o nome do coletivo, como representação a valorização da cultura afro. E possuem uma página no *Facebook*, tratando de diversos assuntos desde feminismo à estética afrocentrada.

O debate ligado aos direitos da mulher também influenciou questões ligadas à religião dentro desta interseccionalidade feminista. Apesar de parecer um assunto que para muitos não pode-se caminhar junto, devido as religiões serem, por vezes, atreladas à um papel opressor à mulher. (ABRAHÃO, 2009).

⁸⁶<http://blogueirasnegras.org/2013/12/31/25-negras-mais-influentes-da-internet/> Acesso em 27 de nov. de 2015

⁸⁷<http://blogueirasnegras.org/2013/12/31/25-negras-mais-influentes-da-internet/>

Mulheres – dentro e fora das instituições religiosas – manifestaram suas vozes em busca de visibilidade e, questionando práticas da instituição religiosa, trouxeram a possibilidade de um debate em uma nova consciência e articulação.

Com essa visão questionadora Sarah de Roure, escreveu no texto "O Gênero, as mulheres, os homens e a criação"⁸⁸ para o projeto Redomas: "O sexismo e o patriarcado excluem as mulheres da comunhão humana e eclesiástica e por isso são um pecado coletivo contra as mulheres e contra Deus".

O projeto *Redomas: Depoimentos de Dentro*⁸⁹, é um exemplo de iniciativa que trabalha os direitos da mulher e o empoderamento no contexto das instituições religiosas. Foi organizado por mulheres cristãs, em grande parte pertencentes à Aliança Bíblica Universitária do Brasil⁹⁰.

Embora nem todas as colaboradoras do projeto Redomas se declararem feministas (algumas preferem se enquadrar no termo "gender equality"⁹¹), as organizadoras do projeto são adeptas ao movimento feminista, e buscam por trabalhar com o objetivo de problematizar opressões sofridas por mulheres e já naturalizadas nos espaços de representação de fé, bem como dar voz a essas mulheres.

Figura 31 – Imagem com depoimento do projeto Redomas.



Fonte: Site do Projeto Redomas⁹².

A proposta se funde a ideia de conversar (através de ensaios, textos, poesias, orações...) questões que envolvam machismo e sexismo nos ambientes da prática

⁸⁸ <https://projetoedomas.wordpress.com/2015/11/05/o-genero-as-mulheres-os-homens-e-a-criacao/comment-page-1/> Acesso em 27 de nov. de 2015

⁸⁹ <https://projetoedomas.wordpress.com/>

⁹⁰ <http://www.abub.org.br/>

⁹¹ "Igualdade de Gênero", Tradução da autora.

⁹² <https://projetoedomas.wordpress.com/2015/09/17/114/>

espiritual, com a visibilidade às narrativas de mulheres que, em algum momento da vida, em alguns espaços cristãos, foram expostas, objetificadas, classificadas e caladas.

Em um desses relatos, uma jovem compartilha como se sentia ao ser vista como uma mulher "questionadora, inconformada e decidida": "Eu descobri que o que incomodava era minha falta de adequação a esse espaço onde eu deveria estar – segundo eles. Afinal de contas, as mulheres devem aprender em silêncio, caladinhas, quietinhas, enquanto estupram nosso cérebro e nosso coração". Com site, e perfil nas redes sociais o projeto quer "enxergar as mulheres como um ser. Para além da redoma", e o caso de textos como "Fala sobre o teu cabelo, nêga!" e "Eu me descobri mulher negra" acabam por tratar a pluralidade encontrada no feminismo e nos espaços de fé que ganham cada vez mais atenção.

Nesse contexto "Entre irmãs"⁹³ trabalha a questão feminismo na religião através de um página do facebook. Como objetivo busca ser "um espaço criado por irmãs de sangue para irmãs de cor, de fé e de luta. Para transformar pranto em riso, experiência em arte, fé em poesia: entre irmãs".

Figura 32 – Imagem de um poema divulgado no perfil "Entre irmãs".



Fonte: Perfil Facebook Entre Irmãs⁹⁴.

5.7 Precisamos falar sobre feminismo.

⁹³ <https://www.facebook.com/entrei.irmas/?fref=ts>

⁹⁴ <https://www.facebook.com/entrei.irmas/photos/pb.1632965720277735.-2207520000.1448674499./1648411032066537/?type=3&theater>

Não se pode desconsiderar o papel das NTIC na difusão de informações sobre os protestos. Seja por meio do registro em vídeo e em tempo real através da rede *Livestream*, das mensagens com *hashtags* que passam a figurar nos *trend topics* do *Twitter* ou, principalmente, da criação de inúmeras páginas com incontáveis postagens no *Facebook* (Caren e Gaby, 2011). A aglomeração de *profiles* tem, também, relevância na ação política.

Castells (2013), segundo o Luvizotto e Rodrigues (2014), declara que movimento na internet tem eficiência a partir do instante que o "âmbito online da questão dialogar com o off-line". A motivação de seguidores e opiniões nas redes sociais e blogs precisa gerar intervenção no espaço urbano, principalmente nos "meios simbólicos das cidades, como avenidas, praças e demais espaços públicos". Deve ocorrer a transposição das ideias trabalhadas na internet, para as ruas.

Figura 33 – Imagem de um manifestante nas ruas.



Fonte: Livrevista⁹⁵.

Além desta transposição, o "novo" feminismo, tem encontrado a necessidade de explicar à sociedade contemporânea as próprias demandas defendidas. As mesmas ainda causam confusões quando ações feministas aparecem nas mídias.

A exemplo da Marcha das Vadias, ocorreu a divisão de opiniões, sob questionamento da necessidade de haver uma marcha com mulheres se autoproclamando vadias, além da escolha de suas vestimentas, ou ausências dessas.

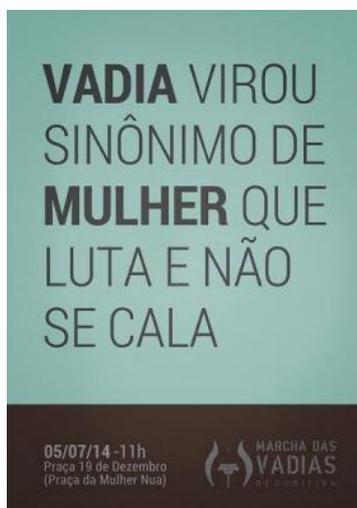
As discussões tomaram a internet, blogs, sites, e as redes sociais, foram campo para as divergentes opiniões:

Segundo a autora Fraccaro (2011):

⁹⁵ <https://livrevista.wordpress.com/2014/02/07/o-ativismo-por-hashtags/>

A maior parte dos textos firmava a importância de um movimento que desse visibilidade para a luta das mulheres contra o machismo, mas também torciam o nariz para o nome. O incômodo ficou claro: como essas mulheres se prestam a glamourizar a prostituição? Vadia é um termo usado pelo homem para nos agredir! Para quê se valer de uma ideia que endossa coisas brutais como a prostituição infantil? Impor o uso de roupas curtas às mulheres é como proibir a burka! Acharam até uma ex-prostituta que afirmou que não ia marchar, não. Mulheres de lingerie na rua é tudo que um homem machista quer. Esta última fez nascer um conceito pejorativo, a Marcha das Vadias seria a expressão do “feminismo gracinha”, que reafirmaria a ideia de que as mulheres precisam agradar aos homens para serem ouvidas, e se agirem como feministas clássicas (seja lá o que isso queira dizer) seriam apenas repudiadas (FRACARRO, 2011).

Figura 34 – Imagem de um cartaz de divulgação da Marcha das Vadias de Curitiba.



Fonte: Perfil Facebook Marcha das Vadias de Curitiba⁹⁶

Em resposta a essa visão negativa que a marcha sofreu, a blogueira Marjorie Rodrigues no site *Blogueiras Feministas*⁹⁷, relatou: “Saímos na rua para proclamar essa

⁹⁶<https://www.facebook.com/124764304276481/photos/a.124875297598715.32445.124764304276481/661024573983782/?type=3&theater>

⁹⁷ <http://blogueirasfeministas.com/>

liberdade — e não para dizer que somos vis e não-dignas de respeito (que é o que a sociedade diz das vagabundas). Não estamos, de maneira nenhuma, assumindo para nós a carga pejorativa”⁹⁸.

Nesse sentido é necessário fazer uma análise as práticas de subversão dentre as relações de poder que "produzem e naturalizam" essas categorias normativas. (DORLIN, 2009).

O poder está em toda parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares. [...] o poder não é uma instituição e nem uma estrutura, não é uma certa potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada. (FOUCAULT, 1988, p.89).

Pensando no que Foucault disse, pode-se discutir relações de poder, e assim entender a dinâmica pela qual a palavra "vadia" foi tomada pelo movimento Marcha das Vadias. Segundo a Athayde (2015), pode-se, também, compreender porque a palavra vadia, entendida como insulto, foi reinventada dentro das relações de poder.

Segundo Foucault (1988): Em linhas gerais: ao invés de referir todas as violências infinitesimais que se exercem sobre o sexo, todos os olhares inquietos lançados sobre ele e todas as ocultações com que se oblitera o conhecimento possível do mesmo, à forma única do Grande Poder, trata-se de imergir a produção exuberante dos discursos sobre o sexo no campo das relações de poder, múltiplas e móveis.

Para Foucault as resistências acontece dentro das relações de poder e não fora dela (FOUCAULT, 1988, p. 91). Portanto, não há como estar fora das relações de poder para viver de outro modo. As resistências permitem colocar a problemática nos sistemas de produção de verdade e de produção de sujeitos, nas relações de poder. Para o autor, as práticas de resistências: São o outro termo nas relações de poder; inscrevem-se nestas relações como o interlocutor irreduzível. Também sendo, distribuídas de modo irregular: os pontos, os nós, os focos de resistência disseminam-se com mais ou menos densidade no tempo e no espaço, às vezes provocando o levante de grupos ou indivíduos de maneira definitiva, inflamando certos pontos do corpo, certos momentos da vida, certos tipos de comportamento. Grandes rupturas radicais, divisões binárias e maciças? Às vezes. Torna-se mais comum, entretanto, serem pontos de resistências móveis e transitórios, que introduzem na sociedade partições que se deslocam, rompem unidades

⁹⁸ <http://blogueirasfeministas.com/2011/06/juntas/> Acesso em 29 de nov. de 2015

e suscitam reagrupamentos, percorrem os próprios indivíduos, recortando-os e os remodelando, traçando neles, em seus corpos e almas, regiões irredutíveis. (FOUCAULT, 1988, p. 90 e 91)

Conforme Manifesto da Marcha das Vadias do Distrito Federal⁹⁹:

Marchamos mais uma vez para dizer que não aceitaremos que palavras e ações sejam utilizadas para nos agredir. Nenhuma palavra mais vai nos parar, impedir, restringir ou dividir, pois os direitos das mulheres são de todas. Enquanto, na nossa sociedade machista, algumas forem invadidas e humilhadas por serem consideradas vadias, TODAS NÓS SOMOS VADIAS. E somos todas santas, e somos todas fortes, e somos todas livres para ser o que quisermos!.

Assim a Marcha das Vadias usou como estratégia a palavra vadia para atribuir-lhe um novo significado. "Se ser livre é ser vadia, então somos todas vadias" tornou-se o lema do movimento. Apesar da irreverência da reapropriação de uma palavra que carrega uma conotação tão negativa sugerir o caráter subversivo da marcha. A busca à transformação do quadro de violência contra a mulher e a polêmica deram força para que ocorresse tamanha atenção da população brasileira para este problema histórico, que há tempos não recebeu a devida atenção do poder público. (MARCHA DAS VADIAS CWB, [200-]).

Em um caso mais recente, foi-se necessário repensar o feminismo dentre as discussões a cerca da prova do Enem¹⁰⁰ (2015), ao escolher a "persistência da violência contra a mulher no País", como tema após a retirada de vários planos municipais e estaduais de educação em menção ao combate à desigualdade entre homens e mulheres.

Figura 35 – Imagem com tweets sobre o tema feminismo abordado em questões do enem 2015.



⁹⁹<https://marchadasvadiasdf.wordpress.com/manifesto-2012-por-que-marchamos/> Acesso em 27 de nov. de 2015,

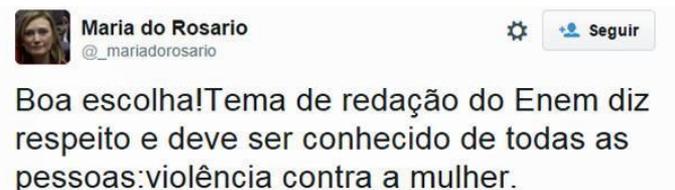
¹⁰⁰ Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), uma prova elaborada pelo Ministério da Educação para verificar o domínio de competências e habilidades dos estudantes que concluíram o ensino médio.



Fonte: Site do G1 da Globo¹⁰¹.

A escolha foi comemorada por alguns: "A realidade é muito dura, pois neste momento em que milhares de pessoas estão refletindo sobre o tema pra fazer a redação, muitas mulheres estão sendo violentadas, agredidas, estupradas", postou um grupo feminista¹⁰².

Figura 36 – Imagem do tweet da deputada Maria do Rosário sobre Enem 2015.



Fonte: Site do G1 da Globo¹⁰³

A deputada Maria do Rosário elogiou o tema da redação do Enem 2015, e nas redes sociais muito se utilizou de "Meme"¹⁰⁴ para comemorar os assuntos e personagens envolventes à luta de igualdade das mulheres.

Figura 37 – Imagem de meme utilizados nos perfis das redes sociais.



Fonte: Forum OuterSpace¹⁰⁵.

¹⁰¹<http://g1.globo.com/educacao/enem/2015/noticia/2015/10/questao-sobre-feminismo-no-enem-2015-e-lebradas-nas-redes-sociais.html>

¹⁰²<http://educacao.uol.com.br/noticias/agencia-estado/2015/10/25/tema-da-redacao-do-enem-e-comemorado-por-feministas.htm> Acesso em 25 nov. de 2015

¹⁰³<http://g1.globo.com/educacao/enem/2015/noticia/2015/10/deputados-bolsonaro-e-feliciano-acusam-enem-de-doutrinacao.html>

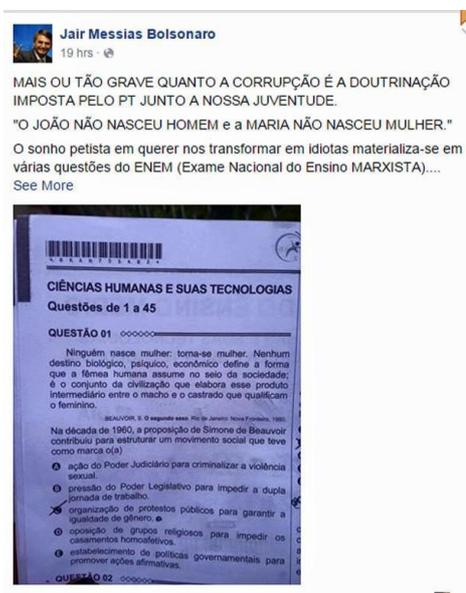
¹⁰⁴O denominado **Meme** é um termo criado pelo escritor Richard Dawkins, em seu livro *The Selfish Gene* (O Gene Egoísta, lançado em 1976), cujo significado é um composto de informações que podem se multiplicar entre os cérebros ou em determinados locais como, livros. Em referência ao campo da informática, a expressão **Memes de Internet** é utilizada para caracterizar uma ideia ou conceito, que se difundi através da *web* rapidamente. (ADAMI, 2015).

Mas as grandes repercussões vieram, principalmente, ao ser escolhido um trecho do livro "O segundo sexo"¹⁰⁶ da escritora e filósofa Simone de Beauvoir ao ser citada em uma questão sobre as lutas feministas da metade do século XX : "Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam o feminino".

A principal manifestação foi a cerca de uma possível "doutrinação". Os deputados Jair Bolsonaro (PP-RJ) e Marcos Feliciano (PSC-SP), foram os principais precursores da visão negativa do assunto na prova de Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), conforme mostra imagem (Figura 37).

Segundo Marcos Feliciano: "O texto se encaixa como luva na teoria de gênero, apesar de questionável por se tratar da opinião de uma mulher polêmica, feminista da mais retrógrada cepa, com linguajar que denigre as mulheres comparando-as aos eunucos criando um limbo entre o homem e a mulher muito em voga nos anos 60"¹⁰⁷, E continuou dizendo que o objetivo de sua crítica foi a vigilância as tentativas de impingir a teoria de gênero "goela abaixo", com subterfúgios, quando não conseguem nas casas legislativas.

Figura 38 – Imagem da publicação de Jair M. Bolsonaro sobre enem, no facebook.



¹⁰⁵<http://forum.outerspace.com.br/index.php?threads/caiu-simone-de-beauvoir-no-enem-e-a-internet-come%C3%A7a-a-pegar-fogo-ideologia-de-g%C3%A7o-436216/page-6>

¹⁰⁶O Segundo Sexo (Le Deuxième Sexe em francês) é um livro escrito por Simone de Beauvoir, publicado originalmente em 1949 e uma das obras mais celebradas e importantes para o movimento feminista. O pensamento de Beauvoir analisa a situação da mulher na sociedade.

¹⁰⁷<http://g1.globo.com/educacao/enem/2015/noticia/2015/10/deputados-bolsonaro-e-feliciano-acusam-enem-de-doutracao.html> Acesso 28 de nov. de 2015

Fonte: Site G1 da Globo¹⁰⁸

Para os vereadores campineiros foi uma pergunta doutrinadora que afrontou a família e os bons costumes¹⁰⁹. Os vereadores de Campinas, no interior de São Paulo, também não gostaram da citação demonstrada na pergunta. Para eles a questão foi doutrinadora e uma afronta a bons costumes. Como ação aprovaram no dia 28 de outubro, uma moção "contra a inserção de questão de temática de ideologia de gênero". No plenário, houve diversos inflamados e com forte carga. O vídeo, com as declarações, foi viralizado nas redes sociais.

Além das redes sociais, o site Wikipédia¹¹⁰ foi alvo de vandalismo, onde na descrição sobre Beauvoir foi acrescentado que a mesma era defensora da pedofilia e do nazismo.

A filósofa Djamila Ribeiro (2015) comentou o assunto, dizendo que nada era comprovado¹¹¹. Visto que Beauvoir assumiu posições políticas muito fortes contra o nazismo, por exemplo. E tal assunto nem entra nas discussões acadêmicas travadas sobre Simone.

Quando a descrição de Simone de Beauvoir é invadida na Wikipédia cria-se a tentativa de: "distorcer e replicar até virar “verdade”. Aliena-se os fatos de seu contexto histórico para produzir rótulos". (BRUM, 2015).

Tal repercussão traz a reflexão da perspectiva e do modo como as abordagens feministas tem se propagado, e demonstra a necessidade de explicar todo contexto histórico deste movimento na sociedade atual. Nesse pensamento a jornalista Eliane Brum (2015), em na coluna "Parabéns, atingimos a burrice máxima"¹¹² publicada no El País, e que tomou conta das redes sociais, questionou: "O que acontece com a fogueira de Simone de Beauvoir num contexto em que aqueles que a jogaram no fogo possivelmente sequer a leram?".

¹⁰⁸<http://g1.globo.com/educacao/enem/2015/noticia/2015/10/deputados-bolsonaro-e-feliciano-acusam-enem-de-doutrinacao.html>

¹⁰⁹<http://educacao.uol.com.br/noticias/2015/10/30/vereadores-de-campinas-aprovam-mocao-contra-enem-e-simone-de-beauvoir.htm> Acesso 5 de nov. de 2015.

¹¹⁰<https://pt.wikipedia.org>. A Wikipédia é um projeto de enciclopédia coletiva universal e multilíngue estabelecido na Internet sob o princípio wiki.

¹¹¹http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/10/151028_simone_beauvoir_wikipedia_enem_rb Acesso 29 de nov. de 2015.

¹¹²http://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/09/opinion/1447075142_888033.html Acesso 15 de nov. de 2015.

Sem conhecimento as pessoas consideraram negativamente obras como “A Mulher Desiludida”¹¹³ e “O Segundo Sexo” que são fundamentais para repensar não apenas a condição feminina na sociedade, mas todo o estrato que justifica calamidades como, por exemplo, o fato de homens ganharem mais que as mulheres, ou terem os melhores empregos.

Para Ferreira (2015), "o feminismo, infelizmente, costuma ser mal interpretado no Brasil. Piadas maldosas e posições políticas controversas impedem avanços nos direitos das mulheres. Por isso, é importante se conscientizar sobre o que representa o feminismo –não apenas as mulheres, mas, principalmente, os homens".

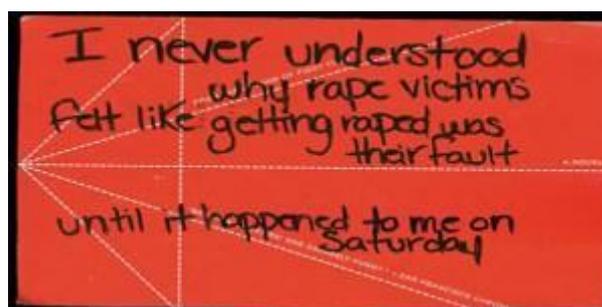
Mais além sobre um olhar de uma sociedade "machista e preconceituosa", Fukelman (2015)¹¹⁴ comenta, que o fato dela desmontar o determinismo biológico nos papéis sociais da mulher e do homem, traz incomodo em muita gente ainda hoje, porque vai contra a tradição da sociedade.

A postagem sobre a questão na página "Empodere Duas Mulheres"¹¹⁵ no *Facebook* comemorou a possibilidade do assunto ser tratado e esclarecido. Até às 20h10 do sábado, o conteúdo teve mais de 12 mil curtidas e 3,5 mil compartilhamentos.

Maynara Fanucci, criadora da página comentou sobre a importância da escolha do trecho de Beauvoir. "Ela, como uma das grandes teóricas sobre o feminismo atingindo nacionalmente os estudantes, ajuda a chamar a atenção pra esse assunto tão importante de ser debatido e associado ao nosso contexto atual"¹¹⁶.

Outro expoente que se fez necessário conversar nas mídias sociais na atualidade, sempre foi pauta nos movimentos feministas: Assédio sexual.

Figura 39 – Imagem com declaração sobre assédio sexual.



“Eu nunca entendi por que as vítimas de estupro se sentiam como se o estupro fosse culpa delas... até que isso aconteceu comigo no sábado”.

¹¹³ A Mulher Desiludida, de Simone de Beauvoir traz três contos com três mulheres em conflito com suas idades, relacionamentos e papéis femininos.

¹¹⁴ http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/10/151028_simone_beauvoir_wikipedia_enem_rb Acesso 27 de nov. de 2015.

¹¹⁵ <https://www.facebook.com/empodereduasmulheres/>

¹¹⁶ <http://g1.globo.com/educacao/enem/2015/noticia/2015/10/questao-sobre-feminismo-no-enem-2015-e-lembradas-nas-redes-sociais.html> Acesso 28 nov. de 2015

Fonte: Sociedade Racionalista¹¹⁷.

Como confirma Magalhães (et al, 2015):

Nas últimas décadas, seu poder de reivindicação tornou-se global, principalmente, pela maior remuneração salarial da mulher, os avanços na medicina e, ainda, através da tecnologia informacional, a qual facilitou a interconexão dessas mulheres e, por conseguinte, a conscientização das violações que ainda sofrem, dentre elas o assédio sexual e a reivindicação da liberdade de livre disposição de seus corpos. (MAGALHÃES et al, 2015).

"Quando uma menina de 12 anos no MasterChef Jr desperta o desejo de homens adultos precisamos falar sobre a cultura do estupro"¹¹⁸, este foi o título do artigo da jornalista Carol Patrocínio para a *HuffPost Brasil*. O assunto veio a tona quando Valentina de 12 anos, e participante do reality show Masterchef Jr (promovido pela Band), foi tema de diversos posts nas redes sociais de cunho pedófilo.

Figura 40 – Imagem do tweet de assédio a Valentina.



Fonte: Site Finanças Femininas da Uol¹¹⁹.

Diante da associação homem-mulher que é embutida por meio de uma relação de dominação de gênero na sociedade, as investidas abusivas passam ocorrer com maior frequência, produzindo medo conforme conceitua:

¹¹⁷<http://sociedaderacionalista.org/2013/08/26/precisamos-falar-sobre-o-feminismo/>

¹¹⁸http://www.brasilpost.com.br/carol-patrocinio/quando-uma-menina-de-12-a_b_8348388.html Acesso 29 nov. de 2015

¹¹⁹<http://financasfemininas.uol.com.br/primeiroassedio-caso-de-participante-do-masterchef-jr-mobiliza-mulheres-na-internet/>

A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção: a visão andocêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem legitimá-la. A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos, é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembleia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservada às mulheres; ou, no interior desta, entre a parte masculina, com o salão, e a parte feminina, com o estábulo, a água e os vegetais, é a estrutura do tempo, a jornada, o ano agrário, ou o ciclo de vida, com momentos de ruptura, masculinos, e longos períodos de gestação, femininos. (BOURDIEU, 2007).

Destaca-se do trecho acima que, assim como a dominação se estabelece de forma que dispensa justificção, o assédio nos espaços públicos, fazendo parte de tal sistema de dominação, também a dispensa, já que por vezes as chamadas “cantadas” de rua são entendidas socialmente como algo natural ou, ainda, como um elogio.

Motivadas pela discussão do assunto e com os comentários sobre Valentina, diversas mulheres começaram a contar no *Twitter*, posteriormente no *Facebook*, sobre as primeiras vezes que sofrem algum tipo de assédio.

O grupo feminista "Think Olga" que nasceu da vontade de criar uma conversa mais honesta com as mulheres, e com a capacidade de enxergar e se dirigir à mulher como um ser pensante e de direitos, com seriedade e sem ser condescendente, criou uma campanha nas redes sociais para conscientizar sobre a questão de assédio sexual. Com a hashtag "#primeiroassédio".

Antes da hashtag, o grupo já promovia há dois anos outra campanha contra o abuso sexual em espaços públicos, a "Chega de Fiu Fiu"¹²⁰. Na atual ação, as integrantes também ouvem as vítimas ou pessoas que foram testemunhas de um assédio. (MATTOS, 2015).

¹²⁰ chegadefiufiu.com.br/

Figura 41 e 42 – Imagem de twetts utilizando hashtag #PrimeiroAssedio.



Fonte: Site M de Mulher da Abril¹²¹

Com toda reprodução do conteúdo, Helena (2015), declarou: "fato é que esse tipo de assédio a crianças e adolescentes é muito mais comum do que se imagina, especialmente com meninas. Quase todas as mulheres têm uma história dessas para contar - e é tão comum que esse tipo de relato não surpreende nenhuma mulher"¹²².

Figura 43 – Imagem de Twetts em resposta ao perfil @ThinkOlga.



Fonte: Site da BBC¹²³

¹²¹<http://mdemulher.abril.com.br/estilo-de-vida/m-trends/primeiro-assedio-caso-valentina-do-masterchef-junior-abre-discussao-sobre-pedofilia-e-assedio-sexual>

¹²²<http://mdemulher.abril.com.br/estilo-de-vida/m-trends/primeiro-assedio-caso-valentina-do-masterchef-junior-abre-discussao-sobre-pedofilia-e-assedio-sexual> Acesso 20 de dez. 2015

¹²³http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/10/151028_idade_primeiro_assedio_salasocial_lab

Com isso, a internet se apresenta como uma plataforma interativa, onde existe o reforço do compartilhamento de informações, debates e até o desenvolvimento de autorrepresentações, por meio de relatos.

Foram mais de 29 mil relatos (ROSSI, 2015), de um assunto tão importante que inclusive homens tomaram consciência da amplitude do problema. "#primeiroassedio, uma hashtag pra fazer você, homem, como eu, parar de ser um tremendo babaca e saber respeitar, porque isso é nojento", publicou @caiiquer.

Por causa da quantidade de posts publicados com a hashtag, alguns órgãos aproveitaram o assunto em pauta para reforçar suas campanhas contra a violência sexual, principalmente na infância. O portal do Governo Federal¹²⁴ e a Unicef¹²⁵, órgão ligado à ONU, foram alguns deles.

Compreende-se, que entender, mudar e saber dar respostas às novas situações é o grande desafio que as mulheres, o feminismo e diversos movimentos sociais vão continuar enfrentando, com a mesma criatividade que tiveram ao longo da história.

Nos últimos tempos vi as mulheres se unindo, se escutando, trabalhando juntas para transformar, realmente entendendo que se a gente não conquista o espaço juntas, a gente não conquista o espaço. (SWEET, 2015).

Segundo Morais (2013), ser feminista é ter agarrada no interior "a subversiva, utópica, surreal ideia de que mulher é gente e pertence a si mesma, seu corpo, seus pensamentos, suas preferências". A comunicação livre permite que cada vez mais gente saiba dessa realidade.

6. CONCLUSÃO.

Quando olhamos para o surgimento do feminismo, notamos que passos gigantescos foram dados. O caminho não foi simples. Houveram mudanças, dilemas, enfrentamentos, ajustes, derrotas e também vitórias. Sem esquecer o reconhecimento da sua relevância passada e atual. Mais que isso, a percepção de que o feminismo é um movimento contínuo pela igualdade na diferença, pois quer se firmar na coexistência recíproca das diferenças existentes entre homens e mulheres.

Além disso, tanto para Hall (2001, p. 44-46) quanto para Haraway (1984, p.57-66), dentre tantos processos e movimentos sociais, os movimentos feministas foram

¹²⁴ www.brasil.gov.br/

¹²⁵ www.unicef.org.br/

basais para a criação de um novo pensamento e de uma nova forma de reconhecimento. As mulheres são fundadoras de questões importantes porque passam, a partir dos anos 1960, a terem um *status quo*¹²⁶ na sociedade e no pensamento científico. Esse papel, ao longo do tempo, ocupa diferentes âmbitos e lugares e, dentre eles, de relevante importância, os espaços das artes, das mídias, e da tecnologia.

Passa-se a relevar não só a participação da mulher no desenvolvimento. Mas, a sua articulação, usando o desenvolvimento, em favor as suas lutas.

É o caso da utilização das TIC's onde o movimento visualiza a utilização dos artefatos como um ciclo de novas/outras oportunidades alavancadas pela construção da “inteligência coletiva conectada” (LÉVY,2007), de laços solidários, onde as pessoas publicam suas produções, seus conhecimentos e exprimem livremente suas opiniões. De acordo com Ureta (2005), o espaço social e virtual dinamizado pelas redes digitais, por exemplo, proporcionou experiências de ativismo mais livres e acentuou as possibilidades de desenvolvimento de outros canais de comunicação e intercâmbio informativo, ampliados para além dos contextos localizados entre as mulheres e suas comunidades.

É nessa direção que esse trabalho pretendeu trazer a discussão sobre a relação entre as TIC's e as formas de manifestação feminista que são presentes desde a participação das mulheres no desenvolvimento tecnológico, até a recente utilização das redes sociais para colocar suas pautas. O trabalho pretendeu se inserir no debate acadêmico feminista que vem crescendo nos últimos anos. Através da discussão aqui realizada esperamos que tenha sido feita uma contribuição com esse campo de pesquisa, colaborando com novos olhares. Não tivemos a pretensão de encerrar o assunto, mas dar os primeiros passos na direção da compreensão desse fenômeno social que trás novos questionamentos e nos obriga a colocar outras questões.

7.REFERÊNCIAS.

-, **Meninas Digitais** - UFSC. Disponível em: <<http://www.labtec.ufsc.br/meninasdigitaisufsc/>>. Acesso em: 15 out. 2015.

-, **Mulheres na Tecnologia**. Disponível em: <<http://mulheresnatecnologia.org/>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

¹²⁶ Status Quo significa estado atual, e é um termo em latim. O status quo está relacionado ao estado de fatos, situações e coisas, independente do momento.

-, **Marcha das Vadias**. Disponível em < <https://marchadasvadiasdf.wordpress.com/>>. Acesso em: 17 de out. de 2015.

ABRÃO, J. A. M., BRAGA, D. B.. Interação no Meio Virtual: A Constituição De Múltiplos Gêneros no Ambiente Blog. **In: Língua, Literatura e Ensino**, Vol. II, 2007.

ABRAHÃO, R.. **O papel das religiões na opressão da mulher (1)**.2009. Disponível em: <http://www.vermelho.org.br/coluna.php?id_coluna_texto=2216&id_coluna=32>. Acesso em: 16 nov. 2015.

ADAMI, A.. **MEMES**. 2015. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/comunicacao/memes/>>. Acesso em: 29 nov. 2015.

AFONSO, A.; et al. **Manual de Tecnologias da Informação e Comunicação e OpenOffice.org**. 2. ed. Lisboa: Anjaf, 2010. 129 p.

AGUIAR, M. C. A.. **A Representação do Movimento Sufragista na imprensa Rio Grandina 1930- 1934**. 2013. 145 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2013. Disponível em: <http://guaiaca.ufpel.edu.br/bitstream/123456789/2157/1/Maria_do_Carmo_Arana_de_Aguiar_dissertacao.pdf>. Acesso em: 5 nov. 2015.

ALONSO, A. P.. La comunicaci3n como arma do desarrollo? Una mirada desde el punto de vista de las mujeres. In: MARCESSE, Silvia Chocarro (Coord.) **Nosotras en el pa3s de las comunicaciones**. Mirada de Mujeres. Barcelona: IcariaEditorial/AC SUR-LAS SEGOVIAS, 2007. p. 161-175.

ALVES, B. M.; PITANGUY, J.. **O que 3 feminismo**. 8. ed. S3o Paulo: Brasiliense, 1991.

ALVES, T. A. da S.. **Tecnologias de informa3n e comunica3n (tic) nas escolas: da idealiza3n 3 realidade**: Estudos de Casos m3ltiplos Avaliativos realizado em escolas p3blicas do Ensino M3dio do interior paraibano brasileiro. 2009. 134 f. Disserta3n (Mestrado) - Curso de Ci3ncias da Educa3n, Instituto de Ci3ncias da Educa3n, Universidade Lus3fona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2009. Disponível em: <http://recil.ulusofona.pt/bitstream/handle/10437/1156/Taises_Araujo_-_versao_final_da_dissertacao.pdf?sequence=1>. Acesso em: 27 out. 2015.

ANJOS, D. A. F.; MOURA, H. R.; PICANÇO, P. 3.. **Inclus3n digital nas escolas p3blicas do munic3pio de terra santa no estado do par3**. 2012. 30 f. TCC (Gradua3n) - Curso de Administra3n, Universidade Federal do Par3, Porto Trombetas, 2012.

AM3NCIO, L3gia. 2003. **O g3nero no discurso das ci3ncias sociais**. An3lise Social (168) pp. 687-714.

ASSIS, 3. **T3ticas l3dico-midi3ticas no ativismo pol3tico contempor3neo**. Disserta3n de mestrado. S3o Leopoldo, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), 2006.

ATHAYDE, T. C. C.. **A MARCHA DAS VADIAS E A ESCOLA. FEMINISMO, CORPO E (BIO)POL3TICA**. 2015. 170 f. Disserta3n (Mestrado) - Curso de

EducaÇÃo, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015. Disponível em: <http://www.ppge.ufpr.br/dissertacoes/m2015_Thays_Conceição_Cunha_de_Athayde.pdf>. Acesso em: 23 out. 2015.

BARIFOUSE, R. **Metade dos brasileiros já sofreu assédio no trabalho, aponta pesquisa.** 2015. Da BBC Brasil em São Paulo. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/06/150610_assedio_trabalho_pesquisa_rb>. Acesso em: 10 nov. 2015.

BARONE. **ENIAC e as primeiras programadoras.** 2015. Disponível em: <<http://www.barone.pro.br/blog/2015/eniac-e-primeiras-programadoras>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

BARREIROS, B. P.. **A Revolução (ainda) não será virtualizada:** Os fanzines feministas na Era da Comunicação Digital. 2008. Disponível em: <http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/5/5d/25_-_A_Revolucao_ainda_nao_sera_virtualizada_-_Bruna.pdf>. Acesso em: 18 out. 2015.

BATLIWALA, S. **The meaning of women's empowerment: new concepts from action.** 1994. In: G. Sen, A. Germain & L.C.Chen (eds.), Population policies reconsidered: health, empowerment and rights, pp.127-138. Boston: Harvard University Press.

BASTOS, M. T.; RAIMUNDO, R. e TRAVITZKI, R. Gatekeeping Twitter: message diffusion in political hashtags. **Media, Culture & Society**, March 2012, v.35: 260-270, doi:10.1177/0163443712467594.

BASSEL, Leah. 2010. Intersectional politics at the boundaries of the Nation State. **Ethnicities**, Vol 10(2):155-180

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo.** Tradução Sérgio Milliet. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BERMAN, R.. Do dualismo de Aristóteles à Dialética Materialista: a transformação feminista da ciência e da sociedade. In: JAGGAR, Alison M. e BORDO, Susan R. (orgs.) **Gênero, Corpo, Conhecimento.** Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1997.

BILTON, N.. **As mulheres que a tecnologia esqueceu.** 2014. DO "NEW YORK TIMES". Disponível em: <<http://m.folha.uol.com.br/tec/2014/10/1539110-as-mulheres-que-a-tecnologia-esqueceu.shtml?mobile>>. Acesso em: 24 nov. 2015.

BLANCO, E. ; SILVA, B.. **Tecnologia Educativa em Portugal:** conceito, origens, evolução, áreas de intervenção e investigação. 1993. Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/521>>. Acesso em: 15 nov. 2015.

BONDER, G.. Material elaborado exclusivamente para el Taller de Formación, Programa Mujeres Jóvenes en la Sociedad de la Información/Conocimiento. **Cátedra UNESCO Mujer, Ciencia y Tecnología**, Argentina, 2009.

BORGES, C.**Tecnologias da Informação e Comunicação.** 2013. Disponível em: <<http://inmind.com.br/blog/?p=755>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Traduzido por Maria Helena Kühner. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007, p. 18.

BOYD, d. GOLDBERGER, S., LOTAN, G. **Tweet, Tweet, Retweet: Conversational Aspects of Retweeting on Twitter**. In: HICSS-43. IEEE: Kauai, 2010.

BRASMARKET. Análise e Investigação de Mercado. **Revista Veja**. Ano 28, n.7, 15 de fevereiro de 1995, p.81.

BRETAS, B.. O Ativismo em rede e o "jet set telemático": possibilidades para a crítica de mídia. COMPÓS, Grupo de Trabalho. **Comunicação e Sociedade**, 2005.

BRETON, P.. **História da Informática**. São Paulo: Unesp, 1991.

BRUM, E.. **Parabéns, atingimos a burrice máxima**. 2015. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/09/opinion/1447075142_888033.html>. Acesso em: 14 nov. 2015.

BURT, R. ; COOK, K.; LIN, N. **Social capital: theory and research**. New Brunswick: AldineTransaction, 2005.

CABRAL, M.I.C. et al. **Perfil dos Cursos de Computação e Informática no Brasil**. XXVII Congresso da SBC - XVI WEI, Rio de Janeiro. 2007.

CABERO, J. **Impacto de las nuevas tecnologías de la información y la comunicación en las organizaciones educativas**, en LORENZO, M. y otros (coords): Enfoques en la organización y dirección de instituciones educativas formales y no formales, Granada, Grupo Editorial Universitario, 197-206. 1998.

CALDWELL, K. L.. Fronteiras da diferença: raça e mulher no Brasil. **Revista Estudos Feministas**, 2000. v.8, n. 2,p. 91-108.

CARDOSO, B.. **Mulheres e discriminação salarial**. 2011. Disponível em: <<http://blogueirasfeministas.com/2011/05/mulheres-e-discriminacao-salarial/>>. Acesso em: 15 out. 2015.

CAREN, N.; GABY, S. **Occupy Online: Facebook and the spread of Occupy Wall Street**. Social Science Research Network, 24 out. 2011. Disponível em <http://ssrn.com/abstract=1943168>. Acesso em: 16 de nov. de 2015.

CASTAÑO, Cecilia. **Las mujeres y las tecnologías de la información**. Internet y latrampa de nuestra vida. Madrid: Alianza Editorial, 2005.

CASTAÑO, C.. **Género y TIC**. Presencia, Posición y Políticas. Barcelona: UOC Ediciones, 2010.

CASTAÑO, C. et al. **Quiero ser informatic@**. Barcelona: UOC Ediciones, 2011

CASTELLS, M.. **Redes de indignação e esperança** - movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2013.

_____, **A galáxia Internet: reflexões sobre Internet, negócios e sociedade.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2004. p-170.

_____, **A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura. Volume I. A Sociedade em Rede.** São Paulo, Paz e Terra, 1999.

CELESTE, G.. **Ada Lovelace day:** ou parem a violência de gênero dentro da área tecnológica. 2014. Disponível em: <<http://luluzinhacamp.com/ada-lovelace-day-ou-parem-a-violencia-de-genero-dentro-da-area-tecnologica/#.V153GHArTIV>>. Acesso em: 17 nov. 2015.

CERQUEIRA, D.; COELHO, D. de S. C.. **Estupro no Brasil: uma radiografia segundo os dados da Saúde (versão preliminar).** 11. ed. Brasília: Ipea, 2014. 30 p. Nota Técnica: IPEA. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota_tecnica/140327_notatecnicadiest11.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2015.

CHERYAN, S., PLAUT, V.C., DAVIES, P.G., STEELE, C.M. Ambient Belonging: How Stereotypical Cues Impact Gender Participation in Computer Science. **Journal of Personality and Social Psychology.** 2009, Vol. 97, No. 6, 1045–1060.

CHOUDHURY, N.. **The Question of Empowerment: Women's Perspective on Their Internet Use.** In: Gender Technology and Development, 2009, 13: 341. Disponível em: <<http://gt.d.sagepub.com/content/13/3/341>>. Acesso em 10 nov. de 2015.

CITELI, M.T.. Mulheres nas ciências: mapeando campos de estudos. **Cadernos Pagu** (15), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu/Unicamp, 2000.

CODER, L.; ROSENBLOOM, J.L.; ASH, R.A.; Dupont, B.R. Increasing Gender Diversity in the IT Work Force. **Communications of the ACM.** Vol. 52, n. 5. 2009. p. 25-27.

COLEMAN, E.G. **Ethnographic Approaches to Digital Media.** The Annual Review of Anthropology, 2010, no. 39, pp. 487-505

COLLIN, F. **Práxis de la différence.** Paris: Les Cahiers du Grief. 1992.

CRENSHAW, K. W. **Mapping the margins: intersectionality, identity politics and violence against women of color.** 1994. In: Fineman, Martha Albertson & Mykitiuk, Roxanne (orgs.). *The public nature of private violence.* Nova York, Routledge, pp. 93-118. [Também em *Stanford Law Review*, 43 (6): 1241-1299, jul. 1991; em francês, "Cartographies des marges: intersectionnalité, politique de l'identité et violences contre les femmes de couleur". *Cahiers du Genre*, n. 39, 2005, pp. 51-82.

_____,. Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero. In: **Revista Estudos feministas.** ANO 10 -1º SEMESTRE 2002. University of Califórnia. Los Angeles. Tradução de Liane Schneider. Revisão de Luiza Bairros e Claudia de Lima Costa.

CUNHA, C., **Direitos femininos: uma luta por igualdade e direitos civis.** 2013. Novelo Comunicação. Disponível em: <<http://vestibular.uol.com.br/resumo-das->

disciplinas/atualidades/direitos-femininos-uma-luta-por-igualdade-e-direitos-civis.htm>. Acesso em: 15 nov. 2015.

CURTIS, P. **Mudding**: social phenomena in text-based virtual realities. Em: *Proceedings of Directions and Implications of Advanced Computing (DIAC-92) Symposium*. Berkeley, USA. May 1992. 21p. Disponível em<:ftp://ftp.lambda.moo.mud.org/pub/MOO/papers/DIAC92.txt.> Acesso em 17 de nov. 2015.

DAVIS, Kathy. 2008. Intersectionality as buzzword, a sociology of science perspective on what makes a feminist theory successful. **Feminist Theory**. 2008. vol.9(1): 67-85.

DATA POPULAR; INTITUTO AVON. **Violência contra a mulher**: o jovem está ligado? 2014. Disponível em: <<http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossie/pesquisas/violencia-contra-a-mulher-o-jovem-esta-ligado/>> Acesso em 15 de nov. de 2015.

DEERE, C. D.; LEÓN, M. **O empoderamento da mulher**: direitos à terra e direitos de propriedade na América Latina; trad. Letícia Vasconcellos Abreu, Paula Azambuja Rossato Antinolfi, Sônia Terezinha Gehering. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

DEGENNE, A.; FORSÉ, M. **Introducing Social Networks**. London: Sage, 1999.

DELLA PORTA, D. ; DIANI, M. *Social Movements: an introduction*. Oxford: Blackwell. 1999. p.40.

DIBBELL, J. **A Rape in Cyberspace** (Or TINYSOCIETY, and How to Make One), *My Tiny Life*, 1998. Disponível em < <http://www.juliandibbell.com/articles/a-rape-in-cyberspace/> > . Acessado em: 23 de nov. de 2015

DORLIN, E.. **Sexo, género y sexualidades**. Introducción a la teoría feminista. 1ª. Ed. Buenos Aires: Nueva Visión, 2009.

EIROA, C.. **Minas no front**. 2015. Disponível em: <<http://revistatpm.uol.com.br/entrevistas/movimento-de-mulheres-contra-eduardo-cunha-tomam-as-ruas.html>>. Acesso em: 25 nov. 2015.

ELM, M.; SUNDÉN, J . **Cyberfeminism** in *Northern Lights*. ELM, M.; SUNDÉN, J (Ed.). *Cyberfeminism in Northern Lights: Digital Media and Gender in a Nordic Context*. Newcastle: Cambridge Scholars Publishing, 2007.

FERREIRA, T.. **7 frases de Simone de Beauvoir para repensar o feminismo**. 2015. Disponível em: <<http://www.batanga.com.br/2350/7-frases-de-simone-de-beauvoir-para-repensar-o-feminismo>>. Acesso em: 27 nov. 2015.

FLORÊNCIA, O.. **Google lança campanha de incentivo para meninas programarem**. 2014. Disponível em: <<http://startupi.com.br/2014/06/google-lanca-campanha-de-incentivo-para-meninas-programarem/>>. Acesso em: 14 nov. 2015.

FONSECA FILHO, C.. **História da Computação**: O caminho do pensamento e da tecnologia. Porto Alegre: Edipucrs, 2007. 205p. Disponível em:

<<http://www.pucrs.br/edipucrs/online/historiadacomputacao.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2015.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FRACCARO, G.. **As vadias e as feministas – Uma discussão datada**. 2011. Disponível em: <<http://blogueirasfeministas.com/2011/10/vadias-feministas/>>. Acesso em: 15 out. 2015.

GARCIA, S.. **As mulheres no software livre**. ComCiência. SBPC/Labjor, 2004. Disponível em: < <http://www.comciencia.br/200406/reportagens/19.shtml>> Acesso em: 13 de nov. de 2015

GIDDENS, A.. **Sociologia**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 1997.

GROSSI, M. O significado da violência nas relações de gênero no Brasil. **Sexualidade, Gênero e Saúde**. v.2, n.4, 1995.

GUESSER, A. H.. A etnometodologia e a análise da conversação e da fala. **em Tese: Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em UFSC, Sociologia** Florianópolis, v. 1, n. 1, p.149-168, ago. 2003.

GURGEL, Telma. **Feminismo e luta de classe: história, movimento e desafios teórico-políticos do feminismo na contemporaneidade**. 2010. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277667680_ARQUIVO_Femini smoe lutade classe.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2015.

GUZZI, D.. **Web e participação: a democracia no século XXI**. São Paulo: Editora Senac, 2010.

HALL, S.. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. 4ª edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HALL, K. **Cyberfeminism**. In HERRING, S. (ed.), *Computer-mediated Communication: Linguistic, Social, and Cross-cultural Perspectives*. Amsterdam: John Benjamins, 1996.

HARAWAY, D. **Um manifesto para os cyborgs: ciência, tecnologia e feminismo socialista na década de 1980**. . HOLLANAD, H.B. (org) *Tendências e impasses – o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

_____,. **Manifesto Ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX**. In. Tadeu, T.(Org.) *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. Pp 33-118.

HIRATA, H.. Gênero, classe e raça: Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo Social: Revista de Sociologia da USP**, São Paulo, v. 26, n. 1, p.61-73, jun. 2014.

HULKO, Wendy. 2009. The time - and context – contingent nature of intersectionality and interlocking oppressions. **Affilia: Journal of Women and Social Work**. Vol. 24: , 44-55.

IBGE, **Estática e Pesquisa de resultados**. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/pesquisas/pesquisa_resultados.php?id_pesquisa=149>. Acesso em 19 nov. de 2015.

INSTITUTO AVANTE BRASIL. **38% das mortes de mulheres no mundo são agredidas pelos parceiros**. 2013. Disponível em: <<http://institutoavantebrasil.com.br/38-das-mortes-de-mulheres-no-mundo-sao-agredidas-pelos-parceiros/>>. Acesso em: 17 nov. 2015.

JENSEN, Heike. Reseña, crítica y recomendaciones en relación con la Cumbre Mundial sobre la Sociedad de la Información. Em MARTINEZ BARRIENTOS, Félix. **Know How y ciudadanía, nuevas tecnologías de la comunicación y la acción de las mujeres en el siglo XXI**: México: Unifem, Universidad Autónoma de México, 2009. p.49- 61

JONES, J. S.. Adele Katz Goldstine. In **Notable Women Scientists**. Gale: 1999, p. 212-213

JORDAN, T. **Activism! Direct Action**, Hacktivism and the future of society. Londres: Reaktion Books, 2004.

KATCHBORIAN, P.. **Sabia que o primeiro “bug” de computador era um inseto de verdade?:** A história completou 69 anos nesta semana. 2013. Disponível em: <<http://youpix.virgula.uol.com.br/news/bug-computador-inseto/>>. Acesso em: 17 nov. 2015.

KEEN, P.G.W. Information Technology And The Management Theory: The Fusion Map. **IBM Systems Journal**, v.32, n.1, p.17-38, 1993.

KENSKI, V. M.. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas, SP: Papirus, 2007. 141 p

LAGE, A.. **55 ANOS DA PÍLULA ANTICONCEPCIONAL: COMO ELA MOLDOU O MUNDO EM QUE VIVEMOS HOJE**. 2015. Disponível em: <<http://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2015/05/55-anos-da-pilula-anticoncepcional-como-ela-moldou-o-mundo-em-que-vivemos-hoje.html>>. Acesso em: 14 nov. 2015.

LEMO, M. G.. **Ciberfeminismo: Novos discursos do feminino em redes eletrônicas**. 2009. 129 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Comunicação e SemiÓtica, Puc-sp, São Paulo, 2009. Disponível em: <https://tecnos.cienciassociais.ufg.br/up/410/o/Dissertaçao_-_Ciberfeminismo__novos_discursos_do_feminino_em_redes_eletronicas.pdf>. Acesso em: 13 out. 2015.

LÉVY, P. Abrir o espaço semântico em prol da inteligência coletiva. **Revista Eletrônica de Comunicação Informação & Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 129-140, jan./jun. 2007

LIGHT, J.. When computers were woman. **Technology and Culture**, vol. 40, nº 3, Baltimore, 1999, pp.455-483.

LISBOA, T. K. Empoderamento. In: CONFERÊNCIA ESTADUAL DOS DIREITOS DA MULHER, 2., 2007, Florianópolis, SC. **Anais...** Florianópolis, 2007.

LOPES, B.. **#8demarço – Por que o Feminismo é um movimento político?** 2011. Disponível em: <<http://blogueirasfeministas.com/2011/03/por-que-o-feminismo-e-um-movimento-politico/>>. Acesso em: 26 out. 2015.

LUVIZOTTO, C. K.; RODRIGUES, L. M.. **Feminismo na internet: o caso do coletivo marcha das vadias e sua página no facebook.** **Nordic Journal Of Psychiatry**, [s.l.], v. 57, n. 5, p.393-394, 2003.

LUBAR, S.. Men/ Woman/Production/Consumption. In: HOROWITZ, Roger e MOHUN, Arwen. (orgs.) **His and Hers: gender, consumption, and technology.** Charlottesville, University Press of Virginia, 1998.

MACIEL, A. D.. O Lugar das Mulheres: Gênero e Inclusão Digital. **P2p e Inovação**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p.65-85, set. 2015.

MAFFÍA, D.. **Epistemología feminista: la subversión semiótica de las mujeres en la ciencia.** Em Revista Venezolana de Estudios da Mujer - Caracas, enero-junio, 2007- Vol. 12- N° 28. Disponível em <[http://www.scielo.org.ve/scielo.php?pid=S1316-](http://www.scielo.org.ve/scielo.php?pid=S1316-37012007000100005&script=sci_arttext)

37012007000100005&script=sci_arttext >. Acessado em 17 de out.de 2015.

MAGALHÃES, H. M.. **A Mutação Radical dos Fanzines.** Trabalho apresentado no Núcleo de História em Quadrinhos, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.

_____, **O Que é Fanzine.** São Paulo: Brasiliense, 1993.

MARINI, M.. D'une création minoritaire à une création universelle. **Les Cahiers du GRIF**, Paris, Editions Tierce, 1990. n 45, p. 53.

MARTÍN-BARBERO, J. Novas visibilidades políticas da cidade e visualidades narrativas da violência. **Matrizes**, São Paulo, v. 1, n. 1, p.27-39, out. 2007.

MARTINS, V.. **As mulheres na primavera árabe.** 2013. Disponível em: <<http://acomuna.net/index.php/contra-corrente/4439-as-mulheres-na-primavera-arabe>>. Acesso em: 14 nov. 2015.

MARTINEZ-COLLADO, A. ; NAVARRETE, A.. **Ciberfeminismo: também uma forma de ativismo.** 2006. Disponível em: <<http://www.rizoma.net/interna.php?id=220&secao=desbunde>> Acesso 17 de out. 2015.

MATTOS, G.. **Grupo feminista cria campanha nas redes sociais contra abuso sexual.** 2015. Disponível em: <<http://odia.ig.com.br/noticia/brasil/2015-10-22/grupo>

feminista-cria-campanha-nas-redes-sociais-contrabuso-sexual.html>. Acesso em: 17 nov. 2015.

MAYORGA, C.. Algumas contribuições do feminismo à psicologia social comunitária. **Athenea Digital: Revista de Pensamiento e Investigación Social**, Barcelona, v. 14, n. 1, p.221-236, mar. 2014. Disponível em:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=53730481010>>. Acesso em: 17 nov.2015

MELO, J.. **A mulher e os meios de comunicação**. Relatório. 2000. Instituto Patrícia Galvão. Disponível em < <http://www.patriciagalvao.org.br>> Acesso em: 16 de nov. de 2015.

MELO, E. **Cultura juvenil feminista Riot Grrrl em São Paulo**. Dissertação de Mestrado. Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Campinas (SP), 2008.

MIKLOS, M.. **Todxs**. 2015. Disponível em: <<https://www.facebook.com/manoela.miklos/posts/10208040141704634>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

MIRANDA, P.. A construção social das identidades de género nas crianças: um estudo intensivo em Viseu. In: VI CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA, 136., 2008, Lisboa. **ISCTE**. Lisboa: Unl, 2008. p. 2 - 12. Disponível em: <<http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/136.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2015.

MORAES, D.. **A lógica da mídia no sistema de poder mundial**. Eptic, Vol. 6, nº 2, pp. 16-36, 2004 O ativismo digital, 2001.

MORAIS, G.. **Precisamos falar sobre o feminismo**.2013. Disponível em: <<http://sociedaderacionalista.org/2013/08/26/precisamos-falar-sobre-o-feminismo/>>. Acesso em: 17 nov. 2015.

MOREIRA, N. R.. **O feminismo negro brasileiro**: um estudo do movimento de mulheres negras no Rio de Janeiro e São Paulo. 2007. 120 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Sociologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

MOSCHKOVICH, M.. **Existe, então, um “novo” feminismo?** 2014. Disponível em: <<http://outraspalavras.net/posts/existe-entao-um-novo-feminismo/>>. Acesso em: 15 out. 2015.

NAÇÕES UNIDAS, **Consejo Económico y Social**. Comisión de la Condición Jurídica y Social da Mujer. 55º período de sesiones. Marzo 2011. Disponível em: <<http://www.unwomen.org/é/how-wework/csw/>> Acesso em 10 nov. de 2015.

NAME, L. ;ZANETTI, J. Meu corpo, minhas redes: a Marcha das Vadias do Rio de Janeiro. Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional,15, 2013. Recife. **Anais...** Recife: ANPUR, 2013.

NATANSOHN, G.. **Internet em código feminino.**: Teorias e práticas. Buenos Aires: La Crujía Ediciones, 2013. 192 p. Disponível em: <<http://gigaufba.net/internet-em-codigo-feminino/>>. Acesso em: 16 out. 2015.

NOGUEIRA, T.. **Por que tão poucas?** 200-. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDR79196-6014,00.html>>. Acesso em: 16 out. 2015.

NUNES, C.. **Quem Somos – Reinventando a tela.** 2015. Disponível em: <<http://blogueirasnegras.org/quem-somos/>>. Acesso em: 14 nov. 2015.

OAKLEY, A.. **Science, Gender, and Women’s Liberation: an argument against postmodernism.** Women’s Studies International Forum, New York, Vol. 21, No. 2, 1998, pp.:133-146.

OLIVEIRA, R. D. **Elogio da diferença. O feminino emergente.** São Paulo: Brasiliense. 1993.

ORLANDI, L.. **Marcha das Vadias acontece neste sábado; saiba o que é o movimento pela ótica das participantes.** 2014. Disponível em: <http://sites.uai.com.br/app/noticia/saudeplena/noticias/2014/05/23/noticia_saudeplena,148745/marcha-das-vadias-acontece-neste-sabado-saiba-o-que-e-o-movimento-se.shtml>. Acesso em: 27 out. 2015.

PALOMAR, C.. **História da computação.** 200-. Disponível em: <<http://saaf.objetivosorocaba.com.br/estavel/material/sorocaba/material-3713-D.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

PETROCHE, J. P. N.. **Utilización del software JCLIC en el diseño de nuevas actividades para el desarrollo integram de niños y niñas de 4 a 5 años que asisten a centros de desarrollo infantil privados y públicos del sector san isidro del inca de la ciudad de Quito** .2012. Disponível em: <http://repositorio.ute.edu.ec/bitstream/123456789/9794/1/51987_1.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2015.

PERROT, Michelle. Identité, égalité, différence – le regard de l’histoire, in : **Les femmes ou les silences de l’histoire**, Paris, Flammarion, 1998, p. 393-405.

PIERUCCI, A. F. Ciladas da diferença. **Tempo Social**.1990.v.2, n.2, p.7-33.

PINAFI, T.. Violência contra a mulher:: políticas públicas e medidas protetivas na contemporaneidade. **Histórica**, São Paulo, v. 1, n. 21, p.3-3, maio 2007. Disponível em: <<http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao21/materia03/>>. Acesso em: 15 nov. 2015.

PINTO, Regina Celi. **Uma história do feminismo no Brasil.** São Paulo: Perseu Abramo, 2003.

PLANT, S..**Ceros+Unos.** Barcelona. Destino, 1998.

_____, ‘**In the Matrix: Cyberfeminist Simulations**,’ in BELL, D.; KENNEDY, B. (Eds). *The Cybercultures Reader*. New York: Routledge, 2000.

RAMOS, S.. **Tecnologias da Informação e Comunicação: Conceitos Básicos.** Aveiro: Esm, 2008. 17 p. Disponível em:

- <http://livre.fornece.info/media/download_gallery/recursos/conceitos_basicos/TIC-Conceitos_Basicos_SR_Out_2008.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2015.
- RAPKIEWICZ, C. E.. Informática: domínio masculino? **Cadernos Pagu**. (10) Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu/Unicamp, 1998.
- RICHARDSON, A.. Come on, join the conversation!:Zines as a medium for feminist dialogue and community building. **Feminist Collections**, 1996. 17(3-4),p 10-13.
- ROCHA, C. T. C.. **Gênero em ação: Rompendo o Teto de Vidro?**(Novos Contextos da Tecnociência). Tesis de doctorado. Universidade Federal de SantaCatarina. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas. 2006.
- RODRIGUEZ, C. L. **O movimento de apropriação das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) por adultos escolarizados em exercício de sua profissão: um estudo com Agentes Comunitários de Saúde**. Dissertação de Mestrado em Múltiplos. Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2006.
- ROMANZOTI, N.. **Ada Lovelace, a primeira programadora do mundo**. 2012. Disponível em: <<http://semanasaj.softplan.com.br/wp-content/uploads/2012/12/programadora.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2015.
- ROSSI, M.. **O dia em que relatos do primeiro assédio tomaram conta do Twitter**. 2015. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2015/10/22/politica/1445529917_555272.html>. Acesso em: 20 nov. 2015.
- SAMMET, J.E. **Programming Languages: History and Fundamentals**. Prentice-Hall, Englewood Cliffs, N.J. 1969. 15.
- SANTOS, B S.. **Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural. Introdução: para ampliar o cânone do reconhecimento, da diferença e da igualdade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003: 56
- SCHMITT, D.. **Feminizine**. 2014. Disponível em: <<http://coral.ufsm.br/revistalappe/?p=2346>>. Acesso em: 14 out. 2015.
- SCHWARTZ, J. et al. Mulheres na informática: quais foram as pioneiras?. **Cadernos Pagu**, Curitiba, p.255-278, jul. 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n27/32144.pdf>>. Acesso em: 16 out. 2015.
- SCOTT, J.. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade** . 1995, v.20 , n.2, p 71-99.
- SECOM. **Pesquisa brasileira de mídia 2015: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira**. 2014. Disponível em: <<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2015.
- SILVA, C. R.. **Estratégias de Comunicação e Ativismo Feminino na Esfera Pública Mídia: Estudo sobre a participação de jovens negras no hip-hop, a construção de**

identidades e sua presença. 2011. 180 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós- Graduação em Comunicação Social, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2011. Disponível em: <http://ibict.metodista.br/tedeSimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3134>. Acesso em: 15 out. 2015.

SILVA, M.J.D.. A igualdade, a não discriminação e a percepção da dimensão de gênero: problemas e perspectivas no domínio das Tecnologias da Informação e da Comunicação na educação. **Cadernos SACAUSEF 2**. Porto, 2006.

SILVA, L. T.. Sociedade em Rede: Formação de Identidades Digitais.. **Maringá Management: Revista de Ciências Empresariais**, Maringá, v. 8, n. 2, p.7-15, jul. 2011.

SILVA, N. S. e CARVALHO, M. G.. **A tecnologia e a divisão sexual do trabalho**. In: CARVALHO, M. G. (org.) *Relações de Gênero e Tecnologia*. Curitiba, Editora CEFET-PR, 2003.

SILVEIRA, S. A.. **Game-ativismo e a nova esfera pública interconectada**, Líbero (FACASPER) .2009, v. 12, pp. 131-138.

SCHIEBINGER, L.. **O feminismo mudou a ciência?** Bauru-SP, EDUSC, 2001. p.24

SØRENSEN, A.S. **Digital Media and Cyberculture: a feminist and Nordic Approach**. ELM, M.; SUNDÉN, J (Ed.). *Cyberfeminism in Northern Lights: Digital Media and Gender in a Nordic Context*. Newcastle: Cambridge Scholars Publishing, 2007.

SOTER, S.. **Feminismo na rede: arma de longo alcance**. 2015. Disponível em: <<http://pontoeletronico.me/2015/feminismo-na-rede/>>. Acesso em: 16 out. 2015.

SOUSA, R. M. B. C.; MELO, M. C. O. L.. Mulheres na gerência em tecnologia da informação: análise de expressões de empoderamento. **Revista de Gestão Usp**, São Paulo, v. 16, n. 1, p.1-16, mar. 2009.

STONE, A. R.. **The war of desire and technology at the close of the Mechanical Age**. London-Massachusetts: The MIT Press, 1996

SWEET, B.. **Perfil Bárbara Sweet**. 2015. Disponível em: <<https://www.facebook.com/mcbahsweet/>>. Acesso em: 17 nov. 2015.

TABAK, Fanny. **O laboratório de Pandora: Estudos sobre a ciência no feminino**. Rio de Janeiro, Garamond, 2002.

TAPIOCA NETO, R.D.; D'ANGELO, L.B.. **A trajetória do movimento feminista e suas lutas frente aos dilemas do século XXI**. 2013. Disponível em: <<http://causasperdidas.literatortura.com/2013/10/27/a-trajetoria-do-movimento-feminista-e-suas-lutas-frente-aos-dilemas-do-seculo-xxi/>>. Acesso em: 15 nov. 2015.

TELLES, V. **Direitos Sociais: Afinal de que se trata?** USP. São Paulo, 1996. Disponível em<<http://www.fflch.usp.br/ds/veratelles/artigos/1996%20Direitos%20Sociais.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2015.

TOMAZETTI, T.P.; BRIGNOL, L.D. O feminismo contemporâneo a (re)configuração de um terreno comunicativo para as políticas de gênero na era digital. In: ALCAR, 10., 2015, Porto Alegre. **Trabalho GT de História da Mídia Digital**. Porto Alegre: Ufrgs, 2015. p. 1 - 15.

TOSI, L.. Mulher e Ciência: A revolução científica, a caça às bruxas e a ciência moderna. **Cadernos Pagu**(10). Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu/Unicamp, 1998.

TRISTAN, F.. **Union Ouvrière**. Paris: Des Femmes, 1986.

ULBRICH, H. C.. **Programadoras do ENIAC: as seis mulheres que operaram o 1º computador digital da história**. 2012. Disponível em: <<http://henrique.geek.com.br/posts/19110-programadoras-do-eniac-as-seis-mulheres-que-operaram-o-1-computador-digital-da-historia>>. Acesso em: 10 out. 2015.

URETA, A. L.. La Red al servicio de las mujeres. Aproximación a la relación mujer y medios de comunicación en Internet. **Estudios sobre el Mensaje Periodístico**, v.11, 2005 p. 375-392.

USER, S.. **Ativismo 2.0: a revolução de hashtags e check ins**. 2013. Disponível em: <<http://consumidormoderno.uol.com.br/index.php/experiencia/item/7966-ativismo-2-0-a-revolucao-de-hashtags-e-check-ins>>. Acesso em: 10 out. 2015.

VIEIRA, K. P.; SANTOS, F.; PEREIRA, F. H. O pólo de tecnologia da informação de Belo Horizonte. **Cadernos BDMG – Publicação do Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais. Departamento de planejamento e programas**, n. 14, abr. 2007.

WALKERDINE, V.. O raciocínio em tempos modernos. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, vol. 20, nº 2, 1995.

WARNICK, B. **Critical literacy in a digital era: technology, rhetoric, and the public interest**. Lawrence Erlbaum Associates: New Jersey, 2002.

WASSERMAN, S. ; FAUST, K. **Social Network Analysis**. Methods and Applications. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1994.

WELLS, Tatiana, **Cyber** disponível em: <http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys7/cyber/tatiana.htm#quinz> e acessado em 10 de nov. de 2015.

WILDING, F. Critical Art Ensemble. **Art Journal**. Vol. 57, No. 2 (Summer, 1998), pp. 46-59 1998. Disponível em: < <http://www.jstor.org/discover/10.2307/778008?uid=3737664&uid=2129&uid=2&uid=70&uid=4&sid=47698940490487>> . Acessado em 17 de nov.2015.

ZANETTI, Daniela A cultura do compartilhamento e a reprodutibilidade dos conteúdos. **Revista Ciberlegenda** n.25 – Tecnologias digitais, redefinições do espaço e novas territorialidades. Rio de Janeiro, PPGCOM/UFRJ.2011

ZAPATA LÓPEZ, F. **Sociedad del Conocimiento y Nuevas Tecnologías**. Disponível em: <<<http://www.oei.es/salactsi/zapata.htm>>> Acesso em: 20 out. 2015.

ZERAI, Assata. 2000. Agents of Knowledge and Action: selected Africana Scholars and their contributions to the understanding of race, class and gender intersectionality. **Cultural Dynamics**, 12: 182-222.